

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**FACULDADE DE LETRAS**

Arthur de Melo Sá

**Uma descrição sistêmico-funcional do grupo verbal do português  
brasileiro orientada para os estudos da tradução**

Belo Horizonte

2016

Arthur de Melo Sá

**Uma descrição sistêmico-funcional do grupo verbal do português brasileiro orientada para os estudos da tradução**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução – 3B

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adriana Silvina Pagano

Belo Horizonte

Faculdade de Letras

2016

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S111d

Sá, Arthur de Melo.

Uma descrição sistêmico-funcional do grupo verbal do português brasileiro orientada para os estudos da tradução [manuscrito] / Arthur de Melo Sá. – 2016.

135 f., enc. : il., p&b.

Orientadora: Adriana Pagano.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 131-135.

1. Tradução e interpretação – Teses. 2. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 3. Língua portuguesa – Sintaxe – Teses. 4. Língua portuguesa – Verbos – Teses. I. Pagana, Adriana Silvina. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

PosLin

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Uma descrição sistêmico-funcional do grupo verbal do português brasileiro orientada para os estudos da tradução**

**ARTHUR DE MELO SÁ**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

Aprovada em 15 de fevereiro de 2016, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Adriana Silvana Pagano - Orientador  
Faculdade de Letras da UFMG

Prof(a). Giacomo Patrocínio Figueredo  
UFOP

Prof(a). Kelen Cristina Sant Anna de Lima  
UFMG

Belo Horizonte, 15 de fevereiro de 2016.

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Adriana Pagano, pela orientação e pelos ensinamentos ao longo de toda minha trajetória acadêmica e, especialmente, durante a realização desta pesquisa.

Ao professor Giacomo Figueredo, pelas contribuições em minha formação e, em especial, pelas muitas contribuições com esta pesquisa.

Ao CNPq pelo apoio financeiro ao longo do Mestrado.

Aos colegas do Letra, com os quais tenho tido a oportunidade de compartilhar do conhecimento e da amizade. Em especial, ao André, sem o qual esta dissertação não seria possível.

À minha amada Neftali, que me inspira e suporta.

A meus pais, Raquel e Gilberto, por todo o apoio material e imaterial.

Aos amigos da ABU, com os quais tenho compartilhado tantas alegrias, lutas e angústias, não necessariamente nessa ordem.

No princípio era o verbo...

## RESUMO

Esta pesquisa descreve o grupo verbal do português brasileiro orientando-se para os estudos da tradução (TOURY, 1995; MUNDAY, 2008; HALLIDAY; MCINTOSH; STREVEENS, 1964; MATTHIESSEN, 2001), fundamentando-se na teoria sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). O grupo verbal é um importante componente da oração em português brasileiro, e esta pesquisa objetiva descrevê-lo e demonstrar a aplicabilidade desta descrição para o campo disciplinar dos estudos da tradução (HALLIDAY, 2009; MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008). Uma característica fundamental desta descrição é seu caráter sistêmico – por pautar-se pela teoria sistêmico-funcional. Esta descrição adota como ponto de partida a estrutura (sintagma), mas, diferente de outras descrições feitas por outros autores sob a perspectiva de outras teorias, também atende a perspectiva do sistema (paradigma). Esta descrição pauta-se pelo contraste entre as escolhas em um sistema que organiza tanto o grupo verbal quanto o verbo, sua principal unidade constituinte. É possível afirmar que esta descrição se orienta pela agnação entre as diferentes opções dos sistemas responsáveis pela organização sintagmática do verbo e do grupo verbal do português brasileiro. Os dados foram extraídos do corpus Calibra (Catálogo da Língua Brasileira), um corpus monolíngue organizado conforme parâmetros sistêmico-funcionais (FIGUEREDO; PAGANO, 2012). A análise do corpus foi desenvolvida em duas etapas: na primeira, foi feita a investigação de um texto completo de cada subcorpus do Calibra a fim de criar modelos para o verbo e para o grupo verbal; e na segunda etapa orações do Calibra foram selecionadas aleatoriamente (contabilizando aproximadamente 5000 tokens) e analisadas de forma a testar o modelo criado. Os resultados foram organizados segundo a perspectiva trinocular: “de baixo”, o verbo foi descrito de acordo com sua composição: morfema experiencial, morfema interpessoal e morfema lógico-semântico; “ao redor”, o verbo foi descrito conforme as relações estabelecidas entre os morfemas e os paradigmas que os organizam na forma de redes sistêmicas, a saber: VERBALIDADE, TIPO DE EXPERIÊNCIA, e as relações de TAXE e LÓGICO-SEMÂNTICA entre os morfemas; e “de cima”, o verbo foi descrito de acordo com as funções que realiza no grupo verbal. Foi possível estabelecer uma interseção entre a visão “de cima” do verbo e “de baixo” do grupo verbal, o que possibilitou descrever o grupo verbal de acordo com sua composição: Núcleo, Evento, Auxiliar, Modal, preposições e conjunções. “Ao redor” foram descritos em menor delicadeza os sistemas do grupo verbal, a saber: TIPO DE EVENTO, FINITUDE, TEMPO SECUNDÁRIO, ASPECTO, AGÊNCIA, MODALIDADE e as relações de TAXE e LÓGICO-SEMÂNTICA entre grupos verbais. Também foram investigadas as contribuições do grupo verbal para a construção da estrutura da

oração, mais especificamente: a contribuição na realização da negociação e da experiência e a existência de orações sem grupo verbal. Os resultados foram discutidos por uma perspectiva da linguística contrastiva, comparando os grupos verbais do português brasileiro e do inglês com o objetivo de encontrar possíveis correspondentes formais (CATFORD, 1965; MATTHIESSEN, 2001) e desenvolver um sistema multilíngue (TEICH, 2001; MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008) para o contato linguístico destes dois sistemas. Em conclusão, esta pesquisa apresenta evidências de uma descrição sólida do grupo verbal do português brasileiro e demonstra a aplicabilidade desta para a linguística contrastiva e para os estudos da tradução.

Palavras-chave: grupo verbal, português brasileiro, estudos da tradução, teoria sistêmico funcional

## ABSTRACT

This research draws on systemic functional linguistics (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) to develop a translation studies oriented description of the Brazilian Portuguese verbal group (TOURY, 1995; MUNDAY, 2008; HALLIDAY; MCINTOSH; STREVENS, 1964; MATTHIESSEN, 2001). The verbal group is an important constituent of the clause in Brazilian Portuguese, and this research aims at describing it and demonstrating the “applicability” of the description to translation studies (HALLIDAY, 2009; MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008). Data were retrieved from Calibra (*Catálogo da Língua Brasileira*), a monolingual corpus organized according to systemic functional parameters (FIGUEREDO; PAGANO, 2012). Analysis was carried out in two steps: (i) first, a complete text of each subcorpus was examined in order to create models of both the verb and the verbal group; and (ii) secondly, corpus segments were randomly selected (accounting for approximately 5000 tokens) and analyzed to test the previously created model. Results were organized according to the trinocular perspective: "from below", the verb was described in terms of its composition: experiential morpheme, interpersonal morpheme and logical-semantic morpheme; "from roundabout", the verb was described in terms of the relations between morphemes and the paradigms that organize them in system networks, namely: VERBALITY, EXPERIENCE TYPE and TAXIS and LOGICAL-SEMANTIC relations between verb morphemes; and "from above", the verb was described in terms of the functions it realizes in the verbal group. Intersecting the view of the verb "from above" and of the group "from below" allowed for describing the verbal group according to its composition: Head, Event, Auxiliary, Modal, prepositions and conjunctions. "From roundabout" systems of the verbal group were described in a low degree of delicacy, namely: EVENT TYPE, FINITENESS, SECONDARY TENSE, ASPECT, AGENCY, MODALITY and TAXIS and LOGICAL-SEMANTIC RELATIONS between the verbal groups. Contributions of the verbal group to the clause were also observed "from above", more specifically: contributions for the realization of negotiation and experience, as well as clauses without a verbal group. Results are discussed from a contrastive linguistics perspective, comparing Brazilian Portuguese and English verbal groups in order to discover potential formal correspondents (CATFORD, 1965; MATTHIESSEN, 2001) and develop a multilingual system (TEICH, 2001; MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008) that accounts for the linguistic contact between those language systems. The study evidences a solid description of the Brazilian Portuguese verbal group and demonstrates its applicability to both compared linguistics and translation studies.

Keywords: verbal group, description, Brazilian Portuguese, translation studies, systemic functional theory

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Lista de Figuras:

Figura 1 - Complementaridade multidimensional da tradução .....	19
Figura 2 - Localização da dissertação no "mapa" de Holmes dos estudos da tradução .....	22
Figura 3 - Contínuo de instanciação .....	28
Figura 4 - Relações de delicadeza e agnação no sistema de AGÊNCIA .....	31
Figura 5 - Dimensões teóricas da teoria sistêmico-funcional.....	33
Figura 6 - Captura de tela do editor de planilhas exemplificando a segmentação de palavras	56
Figura 7 - Captura de tela da ferramenta Aligner exemplificando a segmentação.....	58
Figura 8 - Captura de tela do editor de planilhas exemplificando a anotação das unidades que compõem a palavra e suas classes .....	59
Figura 9 - Estrutura geral do verbo.....	64
Figura 10 - O contínuo da experiência .....	70
Figura 11 - O contínuo de avaliatividade das morfologias de tipo de pessoa .....	74
Figura 12 - O sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA .....	80
Figura 13 - Rede do sistema de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL .....	83
Figura 14 - O sistema de AGÊNCIA .....	98
Figura 15 - Relação entre Verbalidade, Núcleo e Finito .....	101
Figura 16 - Relação entre Experiência, Evento e Processo .....	102
Figura 17 – Abordagem sistêmico-funcional da tradução.....	109
Figura 18 - Da descrição monolíngue para os estudos da tradução: uma contribuição para os estudos multilíngues .....	110
Figura 19 - Os sistemas que organizam o verbo em português brasileiro .....	112
Figura 20 - Os sistemas que organizam o grupo verbal em português brasileiro.....	113
Figura 21 - Os sistemas que organizam o grupo verbal em inglês .....	114
Figura 22 - Sistema multilíngue do verbo .....	121
Figura 23 - Sistema multilíngue do grupo verbal.....	125

### Lista de Quadros:

Quadro 1 - Localização do objeto de estudos na matriz função-ordem .....	17
Quadro 2 - A língua no contexto de cultura na constituição do Calibra .....	49
Quadro 3 - O verbo abordado "de baixo", "ao redor" e "de cima" .....	61
Quadro 4 - Unidade da palavra, classes verbais e função na ordem do grupo .....	62
Quadro 5 - Exemplo de constituição do verbo por morfemas.....	63
Quadro 6 - As orientações ideacional e interpessoal do verbo.....	65
Quadro 7 - As classes de MI.....	66
Quadro 8 - Exemplos de MEs com adaptação grafológica .....	77
Quadro 9 - Os MLSs observados nesta pesquisa.....	78

Quadro 10 - MEs modificando outros MEs .....	81
Quadro 11 - Unidade do grupo, classes de grupo e função na ordem da oração.....	89
Quadro 12 - Exemplo de constituição do grupo verbal por palavras .....	90
Quadro 13 - Organização do grupo verbal “da periferia para o centro” .....	92
Quadro 14 - Exemplos de tempo secundário em inglês .....	116

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	13
2. REVISÃO TEÓRICA .....	27
2.1. Fundamentos da teoria sistêmico-funcional .....	27
2.2. Fundamentos da descrição sistêmico-funcional .....	33
2.3. A descrição sistêmico-funcional do português brasileiro .....	41
2.4. O grupo verbal em português brasileiro .....	44
3. METODOLOGIA .....	48
3.1. O corpus de pesquisa .....	48
3.2. Uma breve reflexão epistemológica .....	49
3.3. Análise do corpus.....	55
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	61
4.1. O verbo em português brasileiro.....	61
4.1.1. Os morfemas que constituem o verbo .....	62
4.1.2. Os sistemas que organizam a estrutura do verbo.....	78
4.1.3. As classes de verbo.....	87
4.2. O grupo verbal em português brasileiro .....	89
4.2.1. Os verbos que constituem o grupo verbal e suas funções .....	90
4.2.2. Os sistemas que organizam a estrutura do grupo verbal .....	95
4.2.3. Contribuições do grupo verbal na construção da oração.....	101
4.3. Discussão dos resultados .....	104
4.3.1. O grupo verbal e a teoria sistêmico-funcional.....	104
4.3.2. O grupo verbal e os estudos da tradução .....	107
5. CONCLUSÃO .....	128
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	131

## 1. INTRODUÇÃO

Em *Construing Experience Through Meaning*, Halliday e Matthiessen (1999, p. 213) explicam em seu livro sobre a construção da experiência humana por meio da linguagem que

a base para a construção da experiência é a percepção da mudança. A gramática constrói um quantum de mudança na forma de uma figura (normalmente, uma oração) e organiza as diferentes figuras a princípio como figuras da consciência (sentir e dizer), do mundo material (fazer e acontecer) e das relações lógicas (ser e ter). O elemento central da figura é o processo, e “coisas” são construídas na forma de entidades que participam desse processo, apresentando papéis diversos.<sup>1</sup>

É diante dessa noção de construção da experiência que os autores explicam que os processos localizam a experiência no tempo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 213), e em Halliday e Matthiessen (2014, p. 212) ainda acrescentam que o processo não só localiza esta experiência em um ponto no tempo, mas também o seu desdobramento através dele. Com base nisso, Halliday e Matthiessen (1999, p. 213) explicam que o processo é um elemento central da figura, formando um núcleo que é circundado por participantes e elementos circunstanciais. E são justamente esses processos semânticos que são realizados lexicogramaticalmente pelos grupos verbais na ordem da oração.

Fundamentando-se na teoria sistêmico-funcional e nas bases lançadas por Halliday e Matthiessen (1999, 2014), esta dissertação apresenta uma descrição do grupo verbal do português brasileiro por compreender a importância que este objeto de estudos tem para a experiência humana. Além disso, uma vez que o grupo verbal possui tal importância para a construção da experiência humana, esta dissertação parte do entendimento de que o grupo verbal possui semelhante importância para a tradução, por compreender que esta é uma operação entre línguas em contexto de cultura (cf. CATFORD, 1965; MATTHIESSEN, 2001).

Uma característica fundamental desta descrição é seu caráter sistêmico – por pautar-se pela teoria sistêmico-funcional. Esta descrição adota como ponto de partida a estrutura (sintagma), mas, diferente de outras descrições feitas por outros autores sob a perspectiva de outras teorias, também atende a perspectiva do sistema (paradigma). Assim, esta descrição

---

<sup>1</sup> Minha tradução de: “*The key to the construal of experience is the perception of change; the grammar construes a quantum of change as a figure (typically one clause) and sorts out figures in the first instance into those of consciousness (sensing and saying), those of the material world (doing & happening) and those of logical relations (being & having). The central element of a figure is the process; ‘things’ are construed as entities participating in processes, having different roles*”.

pauta-se pelo contraste entre as escolhas em um sistema que organiza o verbo e o grupo verbal. Portanto, é possível afirmar que esta descrição se orienta pela agnação entre as diferentes opções dos sistemas responsáveis pela organização sintagmática do verbo e do grupo verbal do português brasileiro.

Dentre outros autores que já abordaram o verbo e/ou o grupo verbal em suas descrições do português brasileiro é possível destacar Fonseca e Aragão (1951), Câmara Jr. (1964), Tersariol (1980), Cunha e Cintra (2008), Cegalla (2008), Perini (2005, 2008, 2010) e Ferrarezi Júnior e Teles (2008), que se fundamentam numa perspectiva estruturalista, e Travaglia (1985, 1991), Castilho (1967, 2010), Bechara (2009), Neves (2011) e Bagno (2012), com uma abordagem pós-estruturalista. De forma geral, os autores de ambas as perspectivas concordam que: (i) o verbo possui um papel central na oração para a construção da experiência e o posicionamento desta no tempo; (ii) existe uma concordância morfológica entre o verbo e o elemento que apresenta a função de “sujeito”<sup>2</sup>, sendo que o verbo apresenta em sua morfologia “flexões” de número e pessoa para realizar essa concordância; (iii) o verbo contribui em grande parte para a realização de “modo”, “tempo” e “aspecto”; (iv) existem estruturas compostas por mais de um verbo, sendo tratadas pela alcunha de “perífrases” ou “locuções verbais”; (v) o verbo possui três ou quatro “terminações” (ou “conjugações”, ou “flexões”)<sup>3</sup>, havendo também verbos que apresentam irregularidades na sua conjugação; e (vi) o particípio é uma “forma nominal” do verbo.

Esta dissertação em certa medida corrobora os seis pontos acima. No entanto, cabe ressaltar que as descrições citadas não possuem a mesma base sistêmico-funcional adotada aqui. Com isso, no caso das descrições estruturalistas, há um direcionamento maior para a dimensão da estrutura (sintagma) em detrimento do sistema (paradigma), em alguns casos ignorando completamente essa dimensão linguística (e.g. NOGUEIRA, 1963). Além disso, mesmo nos casos das descrições pautadas por perspectivas pós-estruturalistas, estas não tinham como uma de suas bases teóricas a dimensão da escala de ordens, fundamental para a metodologia de descrição sistêmica adotada nesta pesquisa (cf. “manobra” na seção 2.2). Assim, ainda que descrições anteriores como as de Neves (2011) e Travaglia (1985, 1991) se associem a uma abordagem funcional, a abordagem sistêmica desta dissertação, que concebe a estrutura como

---

<sup>2</sup> Nesta dissertação, encontram-se entre aspas os termos linguísticos pertencentes a outras teorias linguísticas diferentes da sistêmico-funcional, ou que são apresentados sob a ótica de outras teorias.

<sup>3</sup> Alguns autores defendem que o verbo possui quatro “terminações” (e.g. FONSECA; ARAGÃO, 1951; FERRAREZI JUNIOR; TELES, 2008), e esta dissertação também defende essa visão, como é explicado em maior profundidade na seção 4.1.1.

uma configuração de funções e o sistema como o princípio global primário de organização (cf. MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 215), torna esta descrição única dentre as demais, pois apresenta novas possibilidades de abordagem do verbo e do grupo verbal ainda não adotadas na descrição desses elementos no português brasileiro.

Outro ponto de divergência desta dissertação frente às demais descrições do grupo verbal é a consideração da existência de uma hierarquia de unidades organizadas conforme sua composição denominada *escala de ordens* (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 170). Assim, enquanto todas as outras descrições citadas descrevem o verbo, sua composição morfológica e sua função na oração ou discurso, esta dissertação considera o verbo como uma classe de palavra que se situa numa escala de ordens, tendo o grupo como ordem intermediária entre a oração e a palavra. Mesmo que algumas descrições identifiquem um “nível intermediário” próprio, em certo grau semelhante ao grupo, como Perini (2005, 2008, 2010) e Neves (2011), esse “nível intermediário” não é descrito sob a orientação paradigmática da teoria sistêmico funcional. Dessa forma, mesmo os autores de base funcionalista acabam descrevendo o verbo e sua função na oração, sendo o grupo verbal (ou, na maioria dos casos, o “sintagma verbal”) somente uma configuração com mais de um verbo, o que é bem representado na seguinte declaração de Neves (2011, p. 25): “a construção de uma oração requer, portanto, antes de mais nada, um predicado, representado basicamente pela categoria verbo”. Com isso, as descrições anteriores não tratam do grupo verbal conforme suas funções específicas na oração, antes, atentam ao que consideram funções do verbo na oração. Nesta dissertação, ao considerar as funções do verbo num grupo, a realização de “modo” não pode ser definida unicamente por um conjunto de “flexões” do verbo, o que contradiz a abordagem e as conclusões de todas as descrições relatadas acima. Dessa forma, os verbos e os morfemas que compõem os grupos e os verbos seriam um dos elementos que contribuem na construção do que os autores entendem por “modo” ou mesmo “tempo”, havendo ainda outros elementos (e.g. com função de Adjunto e Circunstância) e a própria ordem do grupo contribuindo nessas construções.

Tomando emprestada a analogia de Halliday e Matthiessen (2014, p. 362): “descrever a oração como sendo uma construção de palavras é como descrever uma casa como uma construção de tijolos, desconsiderando as paredes e os cômodos como unidades intermediárias na estrutura”<sup>4</sup>. Portanto, a adoção da escala de ordens na descrição do grupo verbal torna-se

---

<sup>4</sup> Minha tradução de: “*Describing a sentence as a construction of words is rather like describing a house as a construction of bricks, without recognizing the walls and the rooms as intermediate structural units*”.

uma base teórica necessária, que em concomitância com a dimensão paradigmática torna esta dissertação uma contribuição inédita para a descrição do grupo verbal do português brasileiro.

Por fim, esta descrição se distingue da perspectiva majoritariamente lexical que os demais autores adotaram para descrever o grupo verbal. Com a exceção de Bagno (2012), nenhum dos autores partilha da visão de um contínuo entre léxico e gramática. Pelo contrário, além de não considerarem esse contínuo, todos definem o léxico como ponto de partida para a descrição. Portanto, as descrições não consideram a existência do grupo verbal (numa perspectiva sistêmica) numa escala de ordens, considerando minimamente a “interação” gramatical dos verbos para a construção de significado. Tais descrições identificam estruturas compostas por mais de um verbo como “perífrases” ou “locuções”, tidas como extensões do verbo “principal” e que contribuem para a construção de significado somente como conjugações compostas ou sintagmas com alguma variação de aspecto, tempo ou voz.

Na descrição apresentada nesta dissertação, todo o contínuo lexicogramatical foi considerado: o verbo e o grupo verbal realizam funções mais próximas do polo lexical (como tipo de experiência e de evento) e funções mais próximas do polo gramatical (como modificação e tempo secundário).

Em suma, esta descrição difere das mencionadas ao buscar descrever o grupo verbal do português brasileiro por meio de uma perspectiva sistêmica (paradigmática), considerando o grupo verbal como uma unidade intermediária entre a palavra e a oração e que as construções tanto do verbo quanto do grupo verbal encontram-se num contínuo entre os polos do léxico e da gramática no estrato lexicogramatical.

Tendo em vista as lacunas descritivas apontadas, esta pesquisa encontra sua justificativa dentro da descrição sistêmico-funcional do português brasileiro por descrever uma classe de grupo do português brasileiro ainda não abordada em outras pesquisas.

A partir dessa justificativa, é possível delimitar melhor o objeto de estudos desta dissertação por meio de sua localização numa matriz função-ordem, que é apresentada pelo Quadro 1 abaixo.

É possível observar no Quadro 1, de forma sintetizada, que esta descrição se detém ao estrato lexicogramatical, investigando as ordens da palavra e do grupo, mais especificamente as classes verbais. Esta dissertação apresenta uma descrição do grupo verbal, mas pauta-se pelo entendimento de que a estrutura é construída a partir das escolhas feitas nos sistemas. Por isso,

observa-se como a estrutura é construída a partir das metafunções ideacional (em seus componentes lógico e experiencial) e interpessoal.

Quadro 1 - Localização do objeto de estudos na matriz função-ordem

Estrato	Ordem	Classe	Lógica	Experiencial	Interpessoal	Textual
lexico-gramática			TAXE e TIPO DE RELAÇÃO LÓGICO-SEMÂNTICA			
	grupo/frase	verbal		TEMPO VERBAL SECUNDÁRIO e ASPECTO VERBAL	TIPO DE EVENTO, AGÊNCIA	FINITUDE, MODALIDADE
	palavra	verbo		MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA	TIPO DE EXPERIÊNCIA	ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL
	fonologia					
			<b>complexos</b>	<b>simplexos</b>		

Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 87)

Portanto, a descrição apresentada nesta dissertação visa contribuir com o conhecimento acerca do grupo verbal do português brasileiro ao realizar uma descrição pautada pelo paradigma dessa estrutura.

Além disso, esta dissertação também se justifica como uma contribuição dentro do campo disciplinar dos estudos da tradução por trazer como resultado uma descrição com potencial de aplicação para os estudos multilíngues, um “campo de investigação” que engloba contribuições de diferentes áreas de estudos linguísticos, dentre as quais os estudos da tradução se encontram (MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008).

A relação entre os estudos da tradução e a investigação linguística nem sempre é apreciada dentro do campo disciplinar. Steiner (2005), explora a influência mútua entre a teoria sistêmico-funcional e a tradução e apresenta um panorama sobre o desenvolvimento da teoria e do campo disciplinar. Ao explorar o pensamento sistêmico-funcional a partir da segunda metade da década de 1970, Steiner (2005, p. 486) trata do “refinamento metodológico” influenciado pela teoria sistêmica para os estudos da tradução, afirmando que esse refinamento foi responsável pela ampliação do alcance de fenômenos passíveis de serem abordados sob a concepção de “tradução”. O autor então afirma que, enquanto as abordagens sistêmico-

funcionais da tradução mantiveram seu caráter linguístico e orientado para o texto, algumas áreas dos estudos da tradução rejeitavam qualquer fundamento linguístico para o estudo da tradução, seguindo a orientação metodológica da chamada “virada cultural” das ciências sociais e humanas (STEINER, 2005, p. 486). Mesmo diante das contribuições dos estudos da tradução de base linguística, principalmente advindas da teoria sistêmico-funcional, houve um certo rompimento com a abordagem linguística da tradução.

Assim, Malmkjær (2005) argumenta que o objetivo de estudos linguísticos da tradução, como o relatado nesta dissertação, seria contribuir com o desenvolvimento de uma teoria da tradução que a considera como parte de uma teoria linguística mais abrangente – neste caso, a teoria sistêmico-funcional. Dessa forma, mesmo que esta descrição seja baseada no conceito fundamental de *língua no contexto de cultura* (HALLIDAY, 1978), ela poderia ser vista por autores como Malmkjær (2005) como se considerasse o estudo da tradução uma subárea dos estudos linguísticos.

No entanto, como foi colocado por Figueredo, Araújo e Pagano (2008), uma abordagem linguística da tradução como a sistêmica pode contribuir de forma mais contundente com o campo disciplinar dos estudos da tradução. Os autores explicam que

o estudo da tradução pode receber contribuições importantes de teorias linguísticas (...) que consideram a língua como um sistema semiótico de produção de significado e que possibilitam investigações tanto no estrato do contexto quanto no gramatical. Assim, seria possível desenvolver uma teoria de tradução ligada a uma subárea da linguística contrastiva (a teoria linguística da tradução), mas que pode contribuir (...) com uma teoria de tradução dos Estudos de Tradução ao mudar o foco de "o que é tradução" (i.e. o conjunto de fenômenos investigados) para "como funciona a tradução" (i.e. o conjunto de relações entre o texto e o sistema). (FIGUEREDO; ARAÚJO; PAGANO, 2008, p. 2)<sup>5</sup>

Assim, é possível afirmar que, para a teoria sistêmico-funcional, a tradução não é um fenômeno que demande ser abordado fora do escopo da linguística. Antes, a tradução é enxergada como um fenômeno linguístico que deve ser estudado a partir da teoria linguística

---

<sup>5</sup> Minha tradução de: “*the study of translation can benefit from linguistic theories (...) that conceive of language as a semiotic system for meaning production and that carry out investigations both from the context stratum and the grammar stratum. Hence it could be possible to produce a translation theory that is closely related to a sub-area of contrastive linguistics (the linguistic theory of translation) but that could contribute (...) to a Translation Studies theory of translation when the focus shifts from ‘what is translation’, or the set of phenomena, to ‘how does translation take place’, or the set of relationships among texts and systems’.*”

(HALLIDAY; MCINTOSH; STREVEENS, 1964; CATFORD, 1965; MATTHIESSEN, 2001; STEINER, 2005).

É possível afirmar, portanto, que esta descrição busca contribuir com os estudos da tradução ao tentar responder à pergunta “como funciona” formulada em Figueredo, Araújo e Pagano (2008), endereçando esta pergunta ao grupo verbal em sua instância de maneira a explicar os sistemas envolvidos na sua instanciação textual. Pois ao estudar o grupo verbal em sua instância de realização, é possível compreender também como os sistemas se organizam. Além disso, o estudo sistêmico busca compreender as diferentes dimensões do significado, sendo assim possível investigar o grupo verbal também nas dimensões da estratificação, da escala de ordens, do paradigma e do sintagma. Essa visão do estudo linguístico da tradução (mais especificamente, o sistêmico-funcional) é muito bem ilustrada por Figueredo (2011), e encontra-se aqui representada graficamente pela Figura 1, adaptada desse autor.

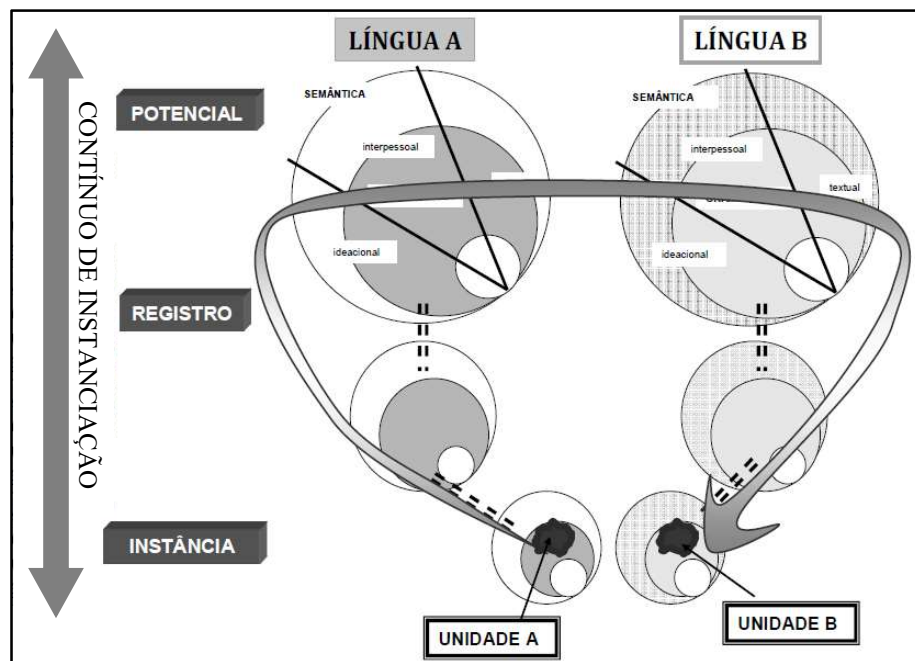


Figura 1 - Complementaridade multidimensional da tradução  
 Fonte: adaptada de Figueredo (2011, p. 354).

Como se observa na Figura 1, para se estudar a produção de uma unidade B em sua instância na língua B como uma tradução da unidade A em sua instância na língua A, é necessário observar a tradução em sua multidimensionalidade. Para isso, é mister que se tenha tanto o conhecimento da unidade investigada, quanto do potencial de significação dessa

unidade. Por exemplo: considerando o grupo verbal “concentre” em “concentre-se na limpeza de cada setor da boca”<sup>6</sup>, temos o sistema de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL que contribui para a organização do grupo verbal e que instancia uma opção desse sistema de modo que o verbo “concentre” opera nesse grupo verbal com orientação imperativa, realizada por um morfema de imperativo. Isso é válido tanto para a tradução de um grupo verbal do português brasileiro para outras línguas, quanto para a tradução de unidades de outras línguas para um grupo verbal em português brasileiro.

Em uma abordagem sistêmico-funcional da tradução também é necessário compreender as noções de *equivalência* e *mudança*. A primeira proposta com base nessa teoria linguística foi feita por Catford (1965). A noção de equivalência, segundo esse autor, envolve dois conceitos: (i) *equivalência textual*, segundo a qual, “um equivalente textual é qualquer texto ou porção de texto da LM [língua meta] que (...) se observe ser numa ocasião específica o equivalente de determinado texto ou porção de texto da LF [língua fonte]” (CATFORD, 1980, p. 29); e (ii) *correspondência formal*, que define um correspondente formal como “qualquer categoria da LM (unidade, classe, estrutura, elemento de estrutura, etc.) que se possa dizer que ocupa, tanto quanto possível, na ‘economia’ da LM o ‘mesmo’ lugar que determinada categoria da LF ocupa na LF” (CATFORD, 1980, p. 29).

Quando não há correspondência formal num equivalente textual no texto traduzido, a equivalência de tradução é mantida através de uma *mudança* (*shift*). Catford (1965) observa dois tipos principais de mudança: (i) *mudanças de nível*, envolvendo um movimento entre os dois polos da lexicogramática, na qual o texto fonte constrói o significado por meio de uma estrutura mais próxima de um dos polos (e.g. gramatical) e o texto meta (ou alvo) constrói um significado equivalente no outro polo (e.g. lexical); e (ii) *mudanças de categoria*, que compreendem quatro subtipos: *mudança de estrutura* (mudança na sequência dos elementos), *mudança de classe* (mudança de uma categoria da escala de ordens para outra categoria da mesma ordem – e.g. grupo nominal traduzido como grupo verbal), *mudança de unidade* (mudança de uma ordem da escala de ordens para outra – e.g. grupo verbal traduzido como oração) e *mudança intra-sistema* (mudanças internas ao sistema da língua alvo para adequar o texto às opções deste, que são um pouco diferentes das disponíveis no sistema da língua fonte – e.g. os sistemas que realizam o tempo em português e em inglês).

---

<sup>6</sup> Todos os exemplos utilizados nesta dissertação foram retirados do Calibra, o corpus utilizado nesta pesquisa, salvo quando indicado o contrário.

Essas categorias de mudança e equivalência propostas por Catford (1965) foram posteriormente revistas por Matthiessen (2001). A partir dessa revisão, as noções de equivalência e mudança passaram a incluir como fundamento teórico os princípios da instanciação, da estratificação e do eixo, assim como uma visão mais elaborada da diversificação metafuncional e da escala de ordens.

Matthiessen (2001) estabelece também dois tipos principais de relação entre equivalência e mudança: 1) *mudança de metafunção*; 2) *equivalência de metafunção*, com 2a) *mudança interna na metafunção* ou 2b) *mudança na escala de ordens*; 3) *equivalência de metafunção e de ordem*, com mudança no eixo paradigmático (*sistema*); e 4) *equivalência de metafunção, ordem e sistema*, com mudança no eixo sintagmático (*estrutura*).

As contribuições de Catford (1965) e Matthiessen (2001) mostram que, de fato, uma abordagem linguística pautada pela teoria sistêmico-funcional pode contribuir com o desenvolvimento do campo disciplinar dos estudos da tradução e com o desenvolvimento de uma ciência da tradução ao considerar a tradução como um fenômeno linguístico e estudar esse fenômeno com base em uma teoria abrangente o suficiente e que considere as línguas envolvidas na pesquisa em seus contextos de cultura.

De acordo com Halliday, McIntosh e Strevens (1964), a tradução pode ser entendida como uma seleção progressiva dentre um conjunto de elementos possíveis na língua alvo considerados equivalentes a elementos na língua fonte, sendo que esses equivalentes apresentam uma probabilidade maior ou menor de serem selecionados na tradução. Ainda segundo os autores, para que os equivalentes e suas probabilidades de seleção sejam encontrados, é necessária uma comparação não somente entre textos, mas também entre os sistemas – um trabalho semelhante ao realizado pela linguística comparada (HALLIDAY; MCINTOSH; STREVENS, 1964).

Sendo assim, a descoberta de equivalentes textuais e das probabilidades de seleção desses equivalentes numa investigação que envolva o grupo verbal do português brasileiro só é possível se houver uma descrição desse elemento.

Tendo em vista as bases da teoria sistêmico-funcional para o estudo da tradução, faz-se necessário localizar melhor esta pesquisa dentro do campo disciplinar dos estudos da tradução para prosseguir com a fundamentação da justificativa desta pesquisa.

Os estudos da tradução tiveram seu primeiro mapeamento apresentado por Holmes (1972) em uma tentativa de delinear os tipos de pesquisa realizadas neste campo, que à época ainda não estava configurado como um campo disciplinar – e o campo teve inclusive seu nome sugerido pelo próprio Holmes. Este mapeamento tinha como objetivo unir sob uma mesma disciplina acadêmica as diferentes pesquisas feitas por diferentes pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Com isso, um canal de comunicação seria estabelecido entre pesquisas, pesquisadores e entre as bases teóricas e metodológicas utilizadas.

Toury (1995) retoma o mapeamento de Holmes e cria uma representação gráfica desse mapa, sendo ela amplamente utilizada no, hoje já definido, campo disciplinar dos estudos da tradução. A Figura 2 apresenta o mapa desenhado por Toury (1995) e adaptado de Munday (2008).

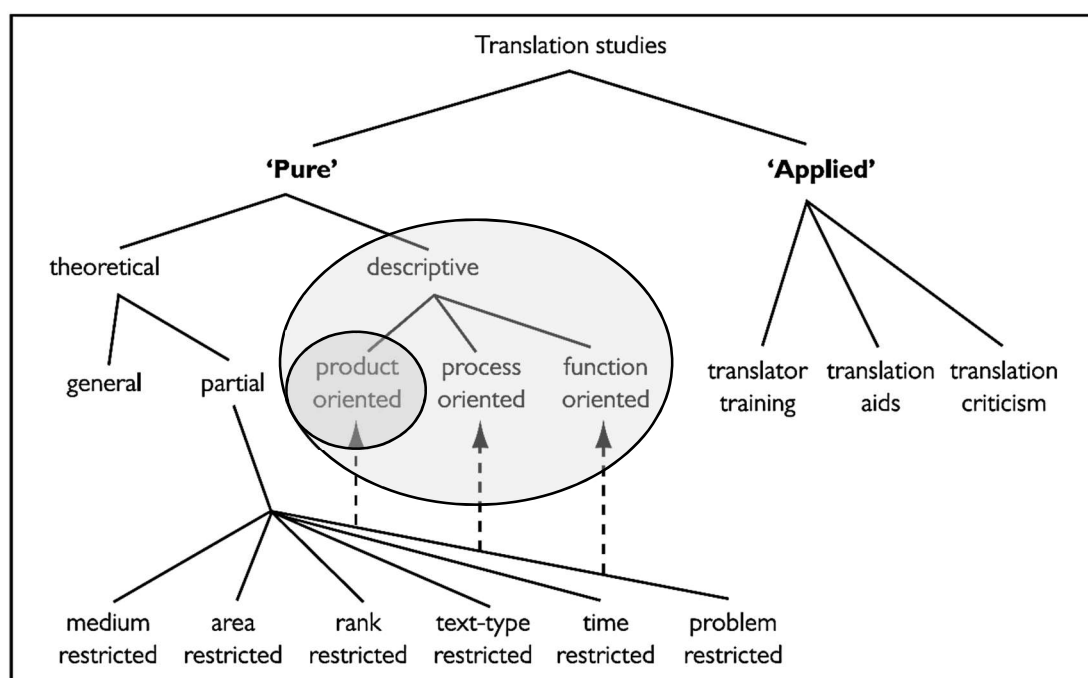


Figura 2 - Localização da dissertação no "mapa" de Holmes dos estudos da tradução

Fonte: Adaptado de Munday (2008, p. 10).

Em referência a Holmes (1972), Toury (1995, p. 9) comenta mais explicitamente sobre a divisão de trabalho necessária para o desenvolvimento científico dos estudos da tradução. E dentro dessa percepção sobre a divisão de trabalho do campo disciplinar, Toury (1995) apresenta as subáreas de atuação acadêmica.

Como exposto na Figura 2, os estudos da tradução se dividem em puros e aplicados. Os estudos da tradução puros então se subdividem em teóricos e descritivos, sendo que essa distinção, segundo Malmkjær (2005, p.17), se fundamenta na diferença que a própria ciência atribui entre teoria e descrição. O papel dos estudos descritivos, segundo Munday (2008), é descrever os fenômenos da tradução; enquanto os estudos teóricos se encarregam do estabelecimento de princípios gerais que expliquem os fenômenos da tradução.

Os estudos teóricos, por sua vez, se subdividem em gerais e parciais. Como explica Ferregueti (2014, p. 14), os estudos gerais “seriam capazes de gerar uma teoria com o potencial de explicar todos os aspectos do fenômeno tradutório”. Os estudos parciais, por outro lado, se restringiriam a um ou alguns aspectos da tradução, como o meio de tradução (homem, máquina ou a interação entre ambos), a área de tradução (bilíngue, multilíngue, entre grupos ou pares culturais específicos) e tipos de texto (literários, sagrados, científicos, etc.) (MALMKJÆR, 2005; MUNDAY, 2008).

Já os estudos descritivos se subdividem em orientados para o produto, para o processo ou para a função. Como apontado por Munday (2008), os estudos orientados ao produto buscam investigar traduções que já existem, visando descrever as relações entre texto fonte e alvo. Já os estudos orientados para o processo envolvem a investigação do aspecto cognitivo da atividade tradutória, enquanto os estudos orientados para a função estudam a função da tradução na situação sociocultural alvo da tradução (MUNDAY, 2008).

Por fim, a segunda grande área dos estudos da tradução, os estudos *aplicados*, referem-se à investigação dos aspectos práticos da tradução, tais como o treinamento e a formação de tradutores, o desenvolvimento de ferramentas de auxílio à tradução e a crítica ou avaliação da tradução (MALMKJÆR, 2005).

Considerando o mapeamento de Holmes (1972), esta dissertação se insere, portanto, nos estudos descritivos da tradução, mais especificamente sendo orientada para o produto da tradução – como indicado na Figura 2. A justificativa para esta filiação se deve ao caráter descritivo desta pesquisa sobre o “produto” da língua. Esta descrição, ainda que com base em um corpus classificado como monolíngue, sob a perspectiva da linguística de corpus, pode informar outras pesquisas com foco tanto na relação entre texto fonte e alvo quanto nos sistemas linguísticos que os instanciam. Portanto, ainda que esta pesquisa não se ocupe da investigação de um corpus bilíngue ou paralelo, a descrição dos sistemas linguísticos que constroem os

grupos verbais pode informar outras pesquisas que investiguem no produto da tradução este fenômeno.

A justificativa para a filiação desta pesquisa aos estudos da tradução remete a Pagano e Vasconcelos (2005), que estabelecem:

Para atender às demandas das complexidades da tradução e do ato de traduzir, tanto na perspectiva do engajamento com a pesquisa, quanto na perspectiva do engajamento com o ensino de tradução, faz-se necessário recorrer a abordagens calcadas em modelos que considerem a língua em uso, de tal forma a acolher o estudo de textos (traduzidos ou não) como configurações de significados multidimensionais e não apenas como receptáculos de conteúdos estáveis. (PAGANO; VASCONCELLOS, 2005, p. 157)

Esta descrição se justifica dentro dos estudos da tradução por se basear na teoria sistêmico-funcional, pois considera a língua em seu contexto de cultura (HALLIDAY, 1978) e busca responder às demandas das “complexidades da tradução e do ato de traduzir” (PAGANO; VASCONCELLOS, 2005, p. 157) estando inserida num ambiente multilíngue (MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008).

Esta filiação é ainda corroborada pela conceituação dos estudos multilíngues por Matthiessen, Teruya e Wu (2008). Segundo os autores, o objetivo ao delimitar esse campo de investigação e aplicação é ressaltar a mútua relevância entre diferentes áreas de estudos da linguagem, entre elas estariam a tipologia, a descrição linguística e os estudos da tradução (MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008, p. 146). Esta descrição aborda o grupo verbal na língua em uso, em seu contexto de cultura, permitindo a exploração multilíngue dessa descrição em relação a outros usos e contextos de cultura – isto é, um ambiente multilíngue como o da tradução.

Portanto, o grupo verbal figura como um elemento importante para os estudos multilíngues devido ao seu caráter central na construção da experiência e das interações em português brasileiro. E a descrição desse elemento pode contribuir de forma ampla com os estudos multilíngues e, mais especificamente, com os estudos da tradução, por apresentar um amplo potencial de aplicação (HALLIDAY, 2009).

Para exemplificar essa contribuição e esse potencial de aplicação, é possível destacar a diferença entre o verbo em português brasileiro e em inglês. Como é possível verificar no capítulo 4 desta dissertação, o verbo em português brasileiro é composto por três morfemas: morfema lógico-semântico, morfema experiencial e morfema interpessoal, dentre os quais o

último realiza na ordem da palavra a função de Verbalidade, conferindo o caráter verbal à palavra e encerrando o tempo primário e/ou a pessoa da interação. Um exemplo de verbo em português brasileiro é “estudavam”, apresentando morfologia de pretérito perfectivo I que é realizado pelo morfema “-avam” e a terceira pessoa do plural. Por outro lado, o verbo em inglês não apresenta um morfema interpessoal com função análoga, pois este não encerra necessariamente o tempo primário ou a pessoa da interação. Assim, o verbo “*studied*” em inglês não necessariamente seria uma tradução de “estudavam”, justamente pela ausência de correspondência formal entre os sistemas de tempo primário nessas línguas (cf. CATFORD, 1965). Logo, a descrição do verbo e do grupo verbal em português brasileiro possibilita um estudo mais detalhado da tradução, ao verificar as diferenças e semelhanças entre dois ou mais sistemas linguísticos e a forma como a equivalência tradutória pode ser estabelecida entre eles (CATFORD, 1965; MATTHIESSEN, 2001).

Assim, a descrição do verbo e do grupo verbal do português brasileiro permite identificar as escolhas realizadas pelo tradutor, pois permite verificar, dentre todas as opções do sistema, aquela selecionada em detrimento de outras. Portanto, uma descrição de base sistêmico-funcional como a relatada nesta dissertação possibilita a orientação desta pesquisa aos estudos da tradução por colaborar com a investigação dessas classes de palavra e grupo em uma relação tradutória – isto é, investigando o verbo e o grupo verbal em textos fonte e alvo.

De maneira complementar, os resultados desta descrição também podem ser utilizados em pesquisas que comparem o sistema gramatical do português brasileiro com outros, principalmente no que compete ao verbo e ao grupo verbal; ou mesmo pesquisas que visem à tipologia linguística, podendo também verificar a contribuição dessas classes para a construção de uma gramática mais geral (MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008).

Em suma, esta pesquisa se justifica pelo fato de ainda não haver uma descrição sistêmico-funcional do grupo verbal do português brasileiro que atente para o caráter multilíngue da descrição, orientando-se para a contribuição com o campo disciplinar dos estudos da tradução.

Após a breve apresentação de um panorama sobre a descrição do verbo e do grupo verbal em português brasileiro e das justificativas para a realização desta descrição filiando-a à teoria sistêmico-funcional e aos estudos da tradução, é possível delimitar os objetivos desta pesquisa.

Esta dissertação possui como objetivo geral: descrever o grupo verbal do português brasileiro. Além disso, esta pesquisa apresenta os seguintes objetivos específicos: (i) descrever o verbo, apresentando os paradigmas que modificam a experiência, que definem a experiência e que orientam interpessoalmente a realização do verbo no grupo e na oração; (ii) descrever o grupo verbal, apresentando em um nível menor de delicadeza os paradigmas que realizam tempos verbais secundários e o aspecto verbal, o tipo de evento e de agência e a realização da finitude verbal; (iii) observar na ordem da palavra e do grupo a realização de taxa e de relações lógico-semânticas entre as unidades que compõem o verbo e o grupo verbal.

A relevância desta pesquisa reside na contribuição que oferece aos estudos da tradução, possibilitando tanto a comparação entre os sistemas linguísticos que organizam o grupo verbal em português brasileiro e uma estrutura semelhante em outra língua, quanto os significados construídos nos textos fonte e alvo em um par linguístico que tenha como um dos componentes o português brasileiro. Além disso, esta pesquisa também se mostra relevante para os estudos da teoria sistêmico-funcional, ao contribuir, juntamente com outras descrições parciais já realizadas sobre o português brasileiro com base nessa teoria (ARAÚJO, 2007; FIGUEREDO, 2007, 2011; FERREGUETTI, 2014; FIGUEREDO; PAGANO; FERREGUETTI, 2014), para uma descrição ampla da língua.

Esta dissertação, além da presente introdução, é composta por mais quatro capítulos, organizados da seguinte maneira. O segundo capítulo apresenta uma revisão teórica abordando os estudos da tradução e sua relação com a teoria sistêmico-funcional, assim como estabelece a base teórica e metodológica para a descrição do grupo verbal. No terceiro capítulo é realizada uma breve reflexão epistemológica sobre o papel do corpus nesta pesquisa, seguida da apresentação do corpus e da metodologia utilizados na descrição. No quarto capítulo, os resultados são apresentados, tratando primeiro do verbo, seguido do grupo verbal. Neste mesmo capítulo encontra-se uma discussão dos resultados, tratando das contribuições desta pesquisa para a descrição do português brasileiro, para a teoria sistêmico-funcional e para os estudos da tradução. E, em conclusão, o quinto e último capítulo retoma as justificativas e os objetivos apresentados nesta introdução e são feitas sugestões para a continuidade das pesquisas em português brasileiro sobre o grupo verbal.

## 2. REVISÃO TEÓRICA

### 2.1. Fundamentos da teoria sistêmico-funcional

Havendo delimitado o espaço teórico dos estudos da tradução e da linguística e a relação entre o campo disciplinar e a teoria sistêmico-funcional, são apresentados a seguir as principais dimensões da teoria sistêmico-funcional que formam a base para esta pesquisa.

A descrição sistêmico-funcional do grupo verbal possibilita não somente a compreensão desse fenômeno em sua instância, mas também a compreensão do potencial linguístico dos sistemas que o organizam no português brasileiro. Segundo Halliday e Matthiessen (2014), o potencial de uma língua é instanciado na forma de texto. Os autores explicam que “um texto em inglês só pode ser apreendido semioticamente em referência ao sistema linguístico do inglês (e isso explica porque esse texto não possui significado se o interlocutor não conhece a língua)”<sup>7</sup> (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 27). Os autores definem o conceito de *instanciação* da seguinte forma:

o contínuo entre o potencial sistêmico geral de uma língua e o texto (a instância desse potencial). Nesse contínuo de instanciação, encontram-se entre os polos do sistema e do texto as variedades de registro e de código. No nível sistêmico mais superior, o potencial sistêmico geral está associado com o contexto de cultura; os registros, com os tipos de situação; e os textos, com as situações. A noção de instanciação também refere-se ao movimento entre o potencial e a instância, isto é, o processo de concretizar o sistema por meio do texto. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 45)<sup>8</sup>

O entendimento da relação entre texto e potencial permite que, a partir do estudo dos textos, se possa descrever o potencial sistêmico do grupo verbal. Além disso, o estudo da instância permite verificar como os grupos verbais se agrupam em registros diferentes. Por exemplo, espera-se que a maior parte dos grupos verbais num texto do tipo *manual de instrução* contribuam para a realização do MODO imperativo (e.g. “Clique em procurar uma receita”), empregando no predicador um verbo com morfologia de orientação interpessoal imperativa.

<sup>7</sup> Minha tradução de: “A text in English has no semiotic standing other than by reference to the system of English (which is why it has no meaning for you if you do not know the language)”.

<sup>8</sup> Minha tradução de: “The cline between the overall systemic potential of language and the text (instance of the potential). Lying along the cline of instantiation intermediate between these two endpoints are varieties of register and code. At the higher-level system of context, the overall systemic potential is associated with context of culture, registers with situation types and texts with situations. Instantiation also refers to the process of moving between potential and instance — the process of actualizing the system in text”.

Dessa forma, espera-se encontrar em maior proporção nesse tipo de texto orações imperativas realizadas por grupos verbais compostos por verbos com essa morfologia.

Portanto, a descrição sistêmica do grupo verbal permite o entendimento desse fenômeno em vários pontos do contínuo de instanciação, indo desde a sua realização no texto até o potencial sistêmico geral no português brasileiro. Esse contínuo da instanciação pode ser resumido graficamente como na Figura 3.

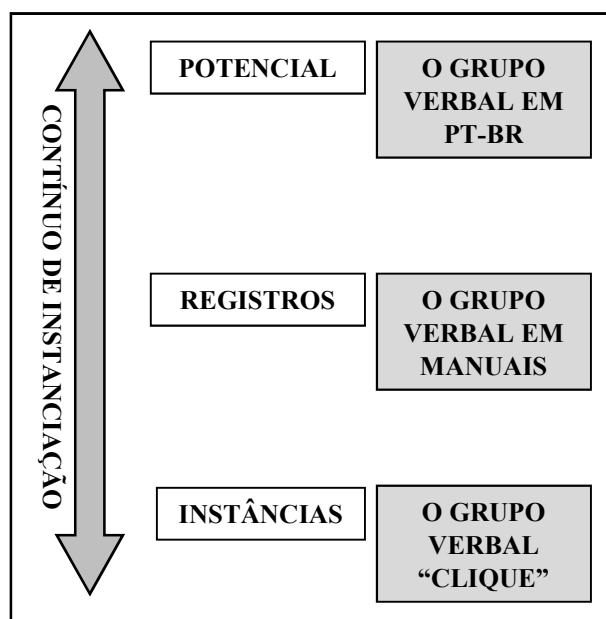


Figura 3 - Contínuo de instanciação

É importante, no entanto, destacar que nas línguas humanas os sistemas semióticos são realizados por dois estratos diferentes: o conteúdo e a expressão, e cada um desses é dividido em dois estratos: (i) o conteúdo em *semântica* e *lexicogramática* e (ii) a expressão em *fonologia* e *fonética*, sendo que a relação entre esses estratos é a de realização, isto é, o estrato do conteúdo é realizado pelo estrato da expressão (HALLIDAY, 2005; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Devido a essa noção, a dimensão da *estratificação* também se torna fundamental para realizar uma descrição sistêmica.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), graças à estratificação foi possível às línguas evoluírem de forma a possibilitarem a criação e a manutenção de significados. Isso se tornou possível devido à divisão do estrato do conteúdo, uma vez que a semântica é realizada pela lexicogramática. Como isso, campo, sintonia e modo são significados no estrato da semântica,

e então codificados na forma de fraseado no estrato da lexicogramática. Este fraseado então encontra sua expressão na fala (fonologia e fonética) ou na escrita (grafologia e riscos/desenhos no papel). Observa-se então uma relação de realização entre os estratos: o significado construído na semântica é realizado pela gramática, que é realizado pela fonologia, que é realizado pela fonética. Os estratos ainda podem ser organizados de forma a realizar um outro estrato mais geral: o contexto. Assim, o contexto é realizado por padrões semânticos, que é realizado por padrões lexicogramaticais, etc. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

O entendimento da dimensão da estratificação é essencial para a descrição linguística, pois permite delimitar o fenômeno investigado e compreendê-lo em sua relação com os outros estratos. Ao considerarmos o grupo verbal como um fenômeno da lexicogramática, é possível investigá-lo (i) *de cima*, em relação aos padrões semânticos que ele realiza e aos padrões lexicogramaticais na ordem da oração; (ii) *de baixo*, em relação aos padrões fonológicos que o realizam e aos padrões lexicogramaticais na ordem da palavra e do morfema; e (iii) *ao redor*, em relação ao próprio grupo verbal no estrato lexicogramatical, possibilitando sua classificação.

Portanto, a compreensão da estratificação se torna necessária para a descrição sistêmica por permitir compreender os diferentes níveis de abstração da linguagem, como eles se relacionam e suas particularidades. Além disso, a estratificação permite abordar o objeto de estudo a partir de diferentes pontos de vista. Mais uma vez, isso permite uma investigação mais completa do grupo verbal.

Sabendo-se que é possível observar o grupo verbal pela ordem da oração, da palavra, do morfema e do próprio grupo, torna-se então necessária a definição da *escala de ordens* – abordada brevemente na introdução.

Segundo Matthiessen e Halliday (2009), a *escala de ordens* organiza as unidades de um estrato em uma hierarquia estabelecendo uma relação de constituição entre elas. Enquanto a relação entre os diferentes estratos é a de realização (e.g. a lexicogramática realiza a semântica), a relação entre as unidades na escala é a de constituição, na qual a ordem mais elevada é constituída de unidades da ordem imediatamente inferior, que por sua vez é composta por unidades da ordem imediatamente inferior a ela, e assim por diante, até a ordem mais inferior da escala (MATTHIESSEN; HALLIDAY, 2009).

Em português brasileiro, a escala de ordens lexicogramatical é formada por: (i) oração, (ii) grupo e frase, (iii) palavra e (vi) morfema, sendo a oração a ordem mais elevada da escala e o morfema a mais inferior (FIGUEREDO, 2007, 2011).

O entendimento da escala de ordens do português se torna essencial na descrição do grupo verbal por permitir compreender a unidade que este constitui (a oração) e as unidades pelas quais ele é constituído (palavras e morfemas). Com isso, é possível ter uma visão mais abrangente da estrutura que compõe o grupo verbal e composta por ele no português brasileiro.

Com isso, mais uma dimensão pode ser introduzida: o *eixo*, que estabelece a relação entre *sistema* e *estrutura*. Halliday e Matthiessen (2014, p. 22) afirmam que “a estrutura é a organização sintagmática na língua: padrões (ou regularidades) de o que *ocorre junto* do quê; enquanto o sistema, por sua vez, é a organização em outro eixo: padrões de o que *ocorre ao invés* do quê”<sup>9</sup>. Nesse sentido, a descrição sistêmica de um fenômeno de uma língua pauta-se pela investigação (i) da estrutura, descrevendo a disposição “espacial” dos elementos e sua composição por elementos menores, (ii) do sistema, descrevendo o contraste entre as diferentes opções de elementos que podem ocupar determinada posição na estrutura.

Segundo Caffarel, Martin e Matthiessen (2004), a estratégia sistêmica para modelagem é tratar as relações sintagmáticas como sendo derivadas das paradigmáticas. É principalmente neste aspecto que a esta descrição se diferencia das demais descrições relatadas na introdução. Pois, por ser uma descrição sistêmico-funcional do grupo verbal do português brasileiro, considera a estrutura como derivada de escolhas sistêmicas (i.e. paradigmáticas). Assim, enquanto as demais descrições partiram da estrutura para a compreensão do grupo verbal, a metodologia sistêmica parte do sistema para poder delimitar as opções instanciadas no corpus e as opções disponíveis para a organização do grupo verbal.

A partir da definição das relações axiais, é possível apresentar dois princípios fundamentais para a configuração de um sistema: a *agnação* e a *delicadeza*, exemplificados de forma simplificada pela Figura 4, abaixo.

A *delicadeza*, segundo Halliday e Matthiessen (2014), é um princípio que organiza o sistema numa escala com opções mais gerais a opções mais específicas, ordenando os itens por meio de suas condições de entrada. A *agnação*, por outro lado, é um princípio que organiza as opções do sistema em oposição às outras opções (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Pode-se afirmar que a organização do sistema pelo princípio da delicadeza especifica o significado em opções mais delicadas, que são opostas entre si (agnatas) por serem opções de um mesmo sistema e realizarem funções diferentes. No exemplo da Figura 4, a opção menos delicada é a

---

<sup>9</sup> Minha tradução de: “*Structure is the syntagmatic ordering in language: patterns, or regularities, in what goes together with what. System, by contrast, is ordering on the other axis: patterns in what could go instead of what*”.

condição de entrada do sistema de AGÊNCIA, o *grupo verbal*, e as mais delicadas num primeiro nível de delicadeza são *agenciado* e *não-agenciado*. A opção *agenciado*, por sua vez, é a condição de entrada do sistema de VOZ, que tem como opções *ativa* e *passiva*. A especificação das opções na delicadeza é responsável pela relação de oposição dessas opções mais delicadas. Sendo assim, *agenciado* e *não-agenciado* são opções diferentes do sistema por serem opções mais específicas do sistema de AGÊNCIA. Além disso, as opções *agenciado* e *não-agenciado* são agnatas por serem opções de um mesmo sistema relacionadas à mesma condição de entrada.

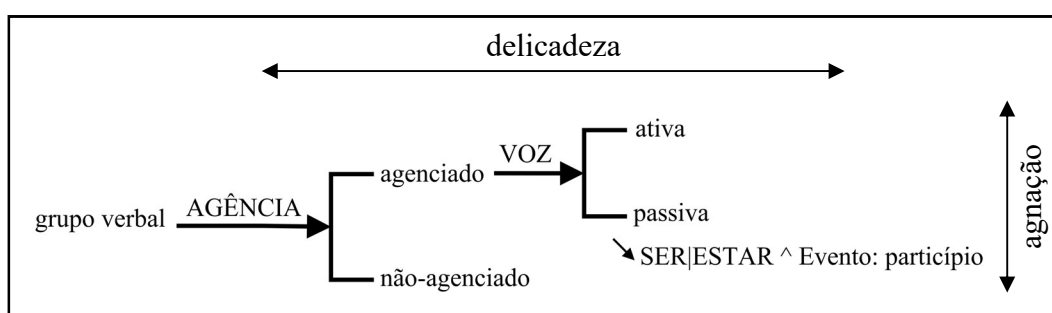


Figura 4 - Relações de delicadeza e agnação no sistema de AGÊNCIA

Com isso, as relações de delicadeza e agnação são, de forma geral, as responsáveis por criar o que são comumente denominados de significados “semelhantes” (i.e. agnatos, mas opostos, em relação à mesma condição de entrada) e “diferentes” (i.e. refinados em um nível de delicadeza maior). Assim, os princípios de delicadeza e agnação passam também a ser princípios metodológicos, por meio dos quais o sistema pode ser testado e trabalhado em suas diversas possibilidades de organização com a finalidade de evidenciar padrões linguísticos – no caso deste estudo, padrões envolvendo o grupo verbal (cf. FIGUEREDO, 2011, p. 85).

A última dimensão teórica é a da *diversificação metafuncional*. Como foi observado por Figueredo (2011), o texto, como resultado da interação entre os estratos da semântica e da gramática, não é uma coleção de palavras ou orações. Antes, o texto é uma unidade de significado que “é entendida como uma construção multifuncional que realiza as variáveis do contexto” (FIGUEREDO, 2011, p. 78). A dimensão da diversificação metafuncional pode ser compreendida como

a dimensão da língua responsável por agrupar os sistemas segundo a sua codependência para a produção de determinado tipo de significado, que pode ser (i) estabelecer e manter as relações entre os falantes, (ii) organizar a

realidade e o conhecimento, e (iii) variar a frequência de itens segundo a situação para assim criar o discurso em contexto (FIGUEREDO, 2014, p. 23).

No estrato da lexicogramática, a *metafunção interpessoal* é responsável pela construção dos significados do tipo (i); a *metafunção ideacional* (que é dividida em dois componentes: *experencial e lógico*), é responsável pelos significados do tipo (ii); e a *metafunção textual*, a responsável pelo (iii).

A compreensão dessa dimensão (multi-)metafuncional da língua possibilita, mais uma vez, uma investigação mais compreensiva do grupo verbal, pois considera a construção de significado como uma complementaridade de metafunções que contribuem com a instanciação da língua. Dessa forma, é possível investigar o grupo verbal a partir de sua organização sistêmica levando em conta a interação dessas três metafunções na sua construção.

Por fim, retomando os conceitos definidos até aqui, foram apresentadas as dimensões (i) da instanciação, mostrando a relação entre o sistema linguístico e a instância; (ii) da estratificação, relacionando os diferentes estratos de organização da língua (contexto, semântica, lexicogramática, fonologia e fonética); (iii) da escala de ordens lexicogramatical, composta por oração, grupo/frase, palavra e morfema em relação de constituição; (iv) dos eixos paradigmático e sintagmático, constituindo a relação entre o sistema e a estrutura na organização da língua; e (v) das metafunções, que contribuem simultaneamente para a construção de significado.

A Figura 5 ilustra de forma simplificada essas cinco dimensões e a relação entre elas. É possível observar a língua por meio da estratificação e da diversificação metafuncional tanto no polo do sistema quanto no da instância. Além disso, observa-se também a escala de ordens do estrato lexicogramatical e sua organização paradigmática e sintagmática.

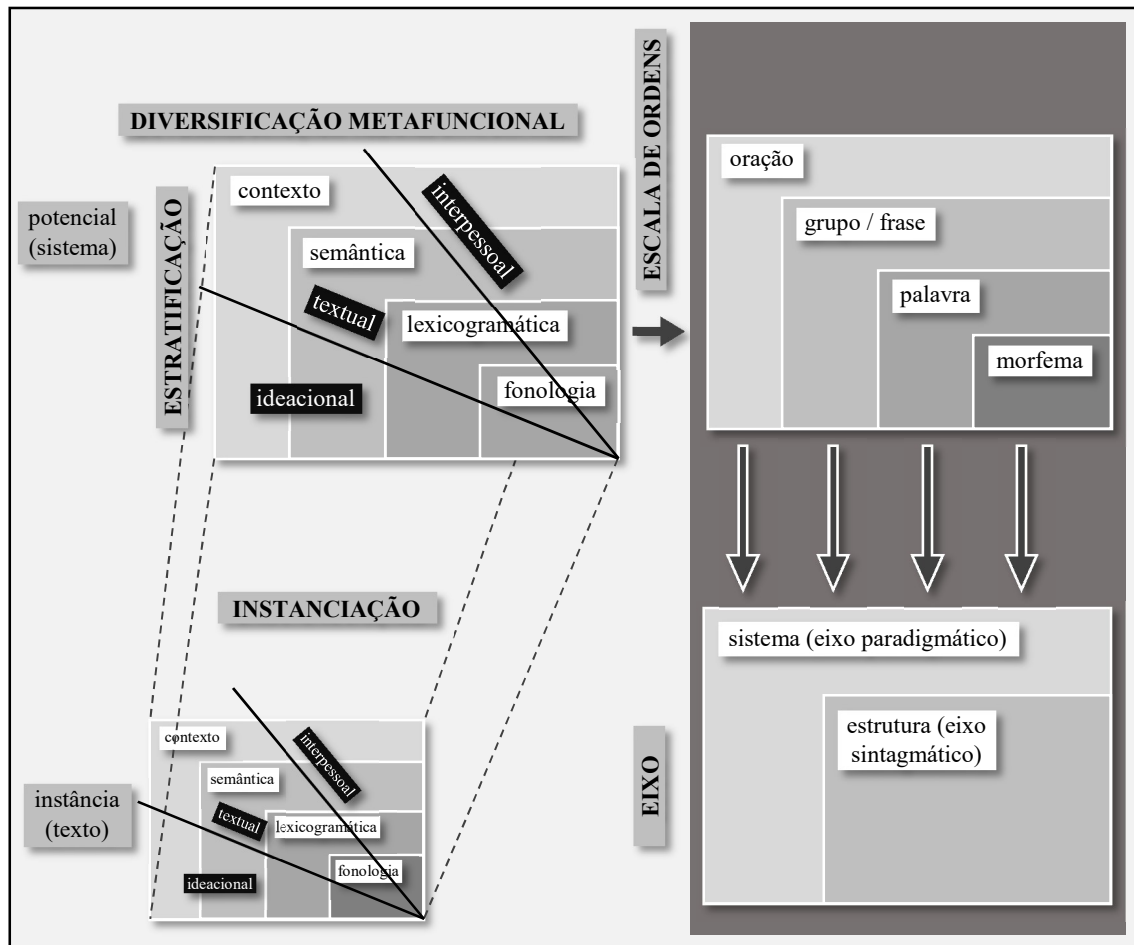


Figura 5 - Dimensões teóricas da teoria sistêmico-funcional  
Fonte: adaptada de Caffarel, Martin e Matthiessen (2004, p. 37).

## 2.2. Fundamentos da descrição sistêmico-funcional

É importante notar que a teoria sistêmico-funcional estabelece uma base teórica para o estudo da linguagem, mas diferencia os processos de teoria e descrição. Halliday (2002) explica que toda descrição linguística está calcada em alguma teoria linguística geral; e, diante disso, salienta que “descrição, no entanto, não é teoria”<sup>10</sup> (HALLIDAY, 2002, p. 37). Uma teoria linguística explica como a linguagem funciona, e “consiste em um esquema de categorias inter-relacionadas que explicam os dados e um conjunto de escalas de abstração que relacionem estas categorias com os dados e umas com as outras”<sup>11</sup> (HALLIDAY, 2002, p. 38). Por outro lado,

<sup>10</sup> Minha tradução de: “description is, however, not theory”.

<sup>11</sup> Minha tradução de: “The relevant theory consists of a scheme of interrelated categories which are set up to account for the data, and a set of scales of abstraction which relate the categories to the data and to each other”.

uma descrição trata de uma língua em particular, relacionando-a às categorias estabelecidas pela teoria (HALLIDAY, 2002). Dessa forma,

os métodos pelos quais a descrição é feita envolvem diversos processos de abstração, que variam conforme o tipo e o grau de abstração. É a teoria que determina a relação entre estes processos de abstração e a relação entre eles e a própria teoria.<sup>12</sup> (HALLIDAY, 2002, p. 38)

Nesse sentido, Halliday (2003, p. 201-202) esclarece que,

por definição, categorias teóricas são gerais e atendem a todas as línguas: estas categorias evoluíram conforme uma teoria linguística geral foi construída e estão sendo constantemente refinadas e aprimoradas conforme o entendimento sobre a linguagem aumenta, porém não são passíveis de verificação direta. [...] Já categorias descritivas são específicas para cada língua: elas evoluíram conforme a descrição de cada língua em particular. É sabido que todas as línguas humanas têm muito em comum, e naturalmente as categorias descritivas de uma língua são usadas como orientação para a descrição de outra língua. Porém, por exemplo, mesmo que categorias descritivas denominadas “oração”, “passiva” ou “Tema” sejam usadas na descrição do inglês e do chinês, elas apresentam definições específicas de acordo com cada língua. [...] Portanto, as categorias descritivas pertencem a um nível de abstração inferior, e podem ser definidas de forma a serem passíveis de verificação.<sup>13</sup>

A partir das formulações de Halliday, Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 37) ainda explicam que teorizar significa desenvolver teorias sobre a linguagem e também sobre outros sistemas semióticos. Assim, a construção de uma teoria linguística tem como base o contraste entre a linguagem e outros sistemas semióticos, e não suas manifestações específicas (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 37). Dessa forma a teoria sistêmico-funcional ocupa-se de entender a linguagem como um sistema semiótico humano, de quarta ordem

---

<sup>12</sup> Minha tradução de: “*The methods by which this is done involve a number of processes of abstraction, varying in kind and variable in degree. It is the theory that determines the relation of these processes of abstraction to each other and to the theory*”.

<sup>13</sup> Minha tradução de: “*Theoretical categories are, by definition, general to all languages: they have evolved in the construction of a general linguistic theory. They are constantly being refined and developed as we come to understand more about language; but they are not subject to direct verification. [...] Descriptive categories are in principle language-specific: they have evolved in the description of particular languages. Since we know that all human languages have much in common, we naturally use the descriptive categories of one language as a guide when working on another. But, if a descriptive category named "clause" or "passive" or "Theme" is used in describing, say, both English and Chinese, it is redefined in the case of each language. [...] Descriptive categories are thus of a lower order of abstraction. They can be defined in such a way as to make them subject to verification*”.

superior, e possibilita a descrição das manifestações específicas desse sistema, que são as línguas.

Diante disso, em uma descrição sistêmico-funcional, antes de buscar por categorias como “verbo” ou “Núcleo” é necessário que sejam estabelecidas as bases teóricas que fundamentam a verificação dessas categorias no português brasileiro, pois é a partir do entendimento estabelecido pela teoria sobre a linguagem que são lançadas essas bases para a descrição. No caso desta pesquisa, a teoria sistêmico-funcional apresenta categorias teóricas fundamentais para a descrição do grupo verbal, quais sejam: *unidade, estrutura, classe e sistema*.

Para Halliday, McIntosh e Strevens (1964, p. 25),

*todas as línguas apresentam unidades, estruturas, classes e sistemas, mas nem todas apresentam algo que poderia se denominado “oração”, “verbo” ou “sujeito”. Assim, as primeiras são categorias da teoria gramatical, e as últimas são categorias descritivas, isto é, instâncias particularizadas das categorias teóricas que podem ser adequadas ou não para a descrição de determinada língua.*<sup>14</sup>

Sendo assim, além de apresentar um modelo teórico de linguagem, a teoria sistêmico-funcional também apresenta categorias mais abstratas e que são características comuns a todas as línguas. A partir dessas categorias comuns, é possível desenvolver uma descrição que apresente as instâncias particularizadas de uma língua. No caso da descrição apresentada nesta dissertação: a partir das categorias teóricas, busca-se desenvolver um modelo de grupo verbal do português brasileiro.

Halliday (2002) ainda declara que essas quatro categorias teóricas permitem explicar todos os padrões gramaticais que são apreendidos pela generalização dos dados na descrição de uma língua. Além disso, “por serem as categorias primárias da teoria, são elas que possibilitam uma explicação coerente de o que é gramática e do seu lugar na linguagem, assim como a descrição mais abrangente das gramáticas das línguas”<sup>15</sup> (HALLIDAY, 2002, p. 41). Dessa forma, o autor esclarece que cada categoria está intimamente ligada à outra, e que não há uma

---

<sup>14</sup> Minha tradução de: “all languages have units, structures, classes and systems; whereas not all languages have anything that could be called 'clauses' or 'verbs' or 'subjects'. The former are thus categories of the theory of grammar; the latter are descriptive categories, particular instances, that is, of the theoretical categories such as may happen to be appropriate in the description of a given language” (Grifos dos autores).

<sup>15</sup> Minha tradução de: “As the primary categories of the theory, they make possible a coherent account of what grammar is and of its place in language, and a comprehensive description of the grammars of languages”.

relação de precedência ou prioridade entre elas. Assim, uma vez que não existe precedência ou prioridade entre as categorias, sua apresentação nesta dissertação segue a mesma sequência de Halliday (2002): *unidade, estrutura, classe e sistema*.

Começando pela categoria da *unidade*, ela é conceituada por Halliday, McIntosh e Strevens (1964) como qualquer segmento da língua com algum padrão, podendo ser gramatical, fonológico, textual semântico, etc. As unidades se agrupam conforme esses padrões, constituindo assim conjuntos de unidades com padrões semelhantes e possibilitando que unidades sejam compostas por outras unidades. Esta relação de composição entre as unidades recebe o nome de *ordenação*, que é o princípio fundamental para o estabelecimento da escala de ordens de uma língua (HALLIDAY; MCINTOSH; STREVEN, 1964). Sendo assim, cada ordem da escala forma uma unidade, quando esta é observada a partir de sua composição.

Em português brasileiro, como foi apresentado na seção anterior, a menor unidade é o morfema. Este compõe a palavra, que compõe o grupo, que compõe a oração (FIGUEREDO, 2007, 2011). Assim, a descrição sistêmica do grupo verbal – sendo o grupo uma unidade na escala de ordens – permite verificar os padrões realizados pelo grupo verbal, pelas unidades que o compõem e as por ele compostas.

Na seção anterior a *estrutura* foi apresentada como “a organização sintagmática na língua: padrões (ou regularidades) de o quê *ocorre junto* do quê” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 22). Halliday, McIntosh e Strevens (1964, p. 28) explicam que a estrutura

é a categoria que trata das várias formas em que a ocorrência de uma unidade pode ser constituída por ocorrências da unidade imediatamente inferior (...). Em inglês, (...) as orações são constituídas por grupos, e assim por diante. Mas não são *todas* as combinações de grupos que podem constituir as orações. Cada unidade apresenta um número máximo de estruturas possíveis.<sup>16</sup>

Esta dissertação trata da estrutura do grupo verbal. Assim, o estudo da estrutura do grupo verbal permite verificar as possibilidades de constituição do grupo verbal por verbos (e/ou outras classes de palavra), a constituição dos verbos por morfemas, assim como o grupo verbal na constituição da oração. A estrutura apresenta-se, então, como uma importante categoria para

---

<sup>16</sup> Minha tradução de: “*The category of 'structure', which has now been introduced, is the category that accounts for the various ways in which an occurrence of one unit may be made up out of occurrences of the unit next below it (...). In English, (...) clauses are made up of groups, and so on. But not all combinations of groups can make up clauses. Each unit exhibits a range of possible structures.*” (Grifo dos autores).

a descrição por possibilitar verificar as diferentes configurações das unidades da escala de ordens, descrevendo o verbo e o grupo verbal (i) com relação às posições que seus elementos constituintes ocupam em sua estrutura e suas funções e (ii) de acordo com as posições que o verbo e o grupo verbal ocupam e suas funções nas ordens superiores.

A partir do entendimento de que a estrutura organiza espacialmente as unidades em sua constituição conforme a escala de ordens, é possível argumentar que as unidades que compõem a ordem imediatamente superior se agrupam conforme os padrões que realizam nesta, pois não são todos os elementos que podem ocupar determinada posição nessa unidade. Assim, a categoria da *classe* pode ser definida como o agrupamento de unidades que operam da mesma maneira na ordem imediatamente superior.

Portanto, a classe é definida por Halliday, McIntosh e Stevns (1964, p. 29) como “qualquer conjunto de itens que possuem as mesmas possibilidades de operação na estrutura”<sup>17</sup>, lembrando que a noção de “estrutura” aqui trata-se da estrutura da unidade imediatamente superior. Os autores postulam ainda que “os itens que constituem uma classe devem logicamente pertencer à mesma unidade, pois do contrário não poderiam ter as mesmas possibilidades estruturais”<sup>18</sup> (HALLIDAY; MCINTOSH; STREVEN, 1964, p. 29).

Parafraseando Halliday, McIntosh e Stevns (1964, p. 29), o grupo verbal é uma classe da unidade “grupo”, pois opera como Finito e Predicador na estrutura da oração. De forma semelhante, o verbo é uma classe da unidade “palavra”, pois opera como Núcleo, Evento, Modal e Auxiliar na estrutura do grupo verbal.

O entendimento do grupo verbal e dos verbos como unidades e classes numa estrutura é essencial para a descrição sistêmica. De igual modo, a categoria do sistema também desempenha um papel fundamental na descrição.

O *sistema* foi apresentado na seção anterior como “padrões de o quê *pode ser selecionado ao invés do quê*” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 22), comparando esta categoria com a estrutura. Uma vez que as classes representam um conjunto de itens que podem ser escolhidos para constituir uma unidade imediatamente superior, o sistema seria o responsável por delimitar essas escolhas (HALLIDAY; MCINTOSH; STREVEN, 1964). De acordo com Halliday, McIntosh e Stevns (1964, p. 30), “sempre que for possível demonstrar

---

<sup>17</sup> Minha tradução de: “any set of items having the same possibilities of operation in structure”.

<sup>18</sup> Minha tradução de: “the items making up a class must, of course, all belong to the same unit, since otherwise they could not have the same structural possibilities”.

que, em determinado local da estrutura, a língua permite realizar uma escolha dentre um conjunto de possibilidades *pequeno e determinado*, isso significa que temos um sistema”<sup>19</sup>.

É possível, portanto, definir o sistema como o princípio de organização das classes. É o sistema que organiza os verbos na constituição do grupo verbal, e os morfemas na constituição do verbo. O sistema organiza as estruturas dessas unidades, possibilitando a realização de escolhas em um paradigma, e são estas escolhas no sistema que diferenciam, por exemplo, morfemas de tempo em uma oposição entre “presente”, “passado” e “futuro”, de forma que uma opção é escolhida para constituir o verbo.

Como pode ser observado, a teoria sistêmico-funcional apresenta um subsídio teórico importante para a descrição linguística, permitindo observar (i) as diferentes unidades de uma língua, com base nos padrões que elas apresentam e a ordenação existente entre essas unidades; (ii) a organização espacial dessas unidades em uma estrutura conforme padrões específicos; (iii) o agrupamento de unidades que operam em uma unidade imediatamente superior na forma de classes; e (iv) o sistema que delimita as possibilidades de escolhas nas classes.

Estas quatro categorias teóricas são, nas palavras de Halliday (2002, p. 41), “as categorias fundamentais para a teoria gramatical”<sup>20</sup>. E uma descrição deve contemplar todas essas categorias de forma concomitante, pois, segundo o autor, cada uma relaciona-se de forma específica com as outras e são logicamente deriváveis destas, não havendo entre elas, portanto, uma relação de precedência ou prioridade lógica (HALLIDAY, 2002, p. 41). Assim, ainda que a descrição do grupo verbal seja realizada a partir de sua estrutura, todas as categorias são igualmente observadas e descritas.

Uma vez que o grupo verbal do português brasileiro ainda não havia sido abordado na forma de uma descrição segundo a teoria sistêmico-funcional, ainda não é possível afirmar nada a respeito dele como uma unidade e as unidades que o compõem, nem sobre sua estrutura e a organização padronizada das unidades, nem sobre como as unidades de ordens inferiores operam no grupo, e nem sobre como o sistema delimita as opções de unidades que operam no grupo. Ainda, nesse estágio nem mesmo seria possível afirmar que existia um grupo verbal em português brasileiro.

---

<sup>19</sup> Minha tradução de: “*Wherever we can show that, at a given place in structure, the language allows for a choice among a small fixed set of possibilities, we have a system.*” (Grifo dos autores).

<sup>20</sup> Minha tradução de: “*the fundamental categories for the theory of grammar*”.

Dessa forma, é necessário estabelecer um ponto de partida teórico para a descrição da estrutura do grupo verbal. Como definido anteriormente, o morfema é considerado a unidade mais inferior na escala de ordens do português brasileiro (FIGUEREDO, 2007, 2011), sendo possível afirmar que é a “menor” unidade da escala (HALLIDAY, 2002, p. 43). Assim, é possível abordar o grupo verbal (assumindo que o português brasileiro apresenta essa classe de grupo), a partir do morfema, a unidade mais inferior da escala. Nesta dissertação, a estrutura do grupo verbal é descrita com uma abordagem partindo do morfema, na escala de ordens.

Diante disso, Halliday (2002) apresenta dois recursos metodológicos para a descrição linguística: manobrar e matizar. Com relação à *manobra*, Halliday (2002, p. 69) afirma:

Tomando as unidades menores como fundamentais, a descrição começa na direção de baixo para cima. É conduzida unidirecionalmente do morfema até a palavra, ou até algum ponto da ordem do grupo. Não é surpreendente, portanto, que se não houver manobra, torna-se extremamente difícil seguir adiante neste caminho. Manobrar, ou mover-se para cima e para baixo na escala de ordens, é parte do método descritivo imposto pela teoria para mostrar a relação entre as diferentes unidades; para permitir uma descrição unificada com ligações, em todas as categorias. Desde o morfema até a sentença. Na falta da manobra, a descrição é obrigada a saltar para o topo da escala de ordens e ser realizada para baixo desde a sentença pela análise da “constituição imediata”. Porém, ainda assim é unidimensional, só que na direção oposta.<sup>21</sup>

A manobra possibilita que em uma descrição se observe uma unidade em relação a toda a escala de ordens: desde o morfema até a oração. Ao abordar o grupo verbal tendo como ponto de partida o morfema é possível observar não somente o morfema como uma unidade, mas como contribui na construção do verbo e do grupo verbal.

Além disso, a manobra confere à descrição uma perspectiva trinocular, na qual a unidade é observada “de baixo”, “ao redor” e “de cima”. Tomando como exemplo a palavra como unidade, para sua descrição na dimensão da estrutura ela deve ser examinada (i) “de baixo”, da ordem do morfema, observando as classes de morfema que a compõem, (ii) “ao redor”, observando a relação de uma classe de palavra com as demais, e (iii) “de cima”, observando como as palavras compõem os grupos. A manobra, entretanto, não se restringe à estrutura do

<sup>21</sup> Tradução de Figueredo (2007, p. 79-80) de: “*With the smallest unit as fundamental, the description starts off in an upward direction. It proceeds, unidirectionally, from the morpheme, through the word to somewhere around the group. Not surprisingly, since there is no shunting, it proves extremely difficult to take it further along the same route. Shunting, or moving up and down the rank scale, is a part of descriptive method imposed by the theory to show the relation among the different units: to permit a unified description with links, through all categories, all the way from morpheme to sentence. In the absence of shunting, the description has to jump to the top end of the rank scale and proceed downwards from the sentence by “immediate constituent” analysis: still unidirectional, though with the direction reversed*”.

estrato lexicogramatical, sendo necessário ressaltar sua relação com as demais dimensões da linguagem, como foi feito na seção 2.1, onde foi apresentada uma perspectiva trinocular do grupo verbal em relação à escala de ordens da lexicogramática e aos demais estratos.

A manobra apresenta-se, portanto, como um recurso metodológico da teoria sistêmico-funcional importante e que diferencia esta descrição do grupo verbal das demais apresentadas na introdução desta dissertação, pois ainda que uma unidade específica (o morfema) como ponto de partida seja tomada como ponto de partida, são observadas todas as ordens da escala e as relações de constituição estabelecidas entre elas.

Já em relação ao *matiz*, Halliday (2002, p. 69-70) afirma:

(...) a teoria não pode entender de maneira válida que as relações e os contrastes são nítidos e estáveis, em termos de “sim ou não”, como se fossem o padrão da língua. Mesmo no nível mais primário de delicadeza, a descrição encontra traços para os quais “matizar” é necessário: quando um traço é melhor apresentado em termos de “mais provável ou menos provável” e uma assertiva tem mais força quando responde por apenas noventa por cento das ocorrências. Este fato é também verdade para todos os aumentos subsequentes no nível de delicadeza.<sup>22</sup>

Sendo a descrição pautada também pelo *matiz*, é possível explicar todos os fenômenos linguísticos sem haver exceções, uma vez que as relações entre categorias não são dicotômicas. Dessa forma, não é necessário apresentar probabilidades de ocorrência de um fenômeno estabelecendo regras e exceções; pelo contrário: por serem muitas vezes obscuras as fronteiras entre fenômenos, é possível descrevê-los “em termos de matizes de um mesmo fenômeno mais abstrato” (FIGUEREDO, 2007).

Assim, o *matiz* é um recurso que permite a esta descrição do grupo verbal se diferenciar da maioria das descrições apresentadas na introdução – incluindo descrições funcionais como a de Neves (2011), que ainda se detém muitas vezes a categorias formais.

Em conclusão, os fundamentos teóricos e descritivos estabelecidos pela teoria sistêmico-funcional permitem que o grupo verbal seja investigado a partir das diferentes dimensões da linguagem, tendo como base categorias teóricas gerais e utilizando recursos que

---

<sup>22</sup> Tradução de Figueredo (2007, p. 80) de “(...) *the theory cannot validly regard contrasts and relations that are clearcut, and stable in “yes/ no” terms, as the norm in language. Even at the primary degree of delicacy, the description will encounter features where “shading” is necessary: where a feature is better stated in terms of “more likely/ less likely” and a statement is more powerful when it accounts for only 90 per cent of occurrences; and this becomes true with every subsequent gain in delicacy*”.

possibilitam o estudo desse fenômeno em relação ao todo da escala de ordens e sem a necessidade de utilização de categorias formais.

### **2.3.A descrição sistêmico-funcional do português brasileiro**

O português brasileiro tem sido abordado em diferentes pesquisas dentro do campo disciplinar dos estudos da tradução e passos iniciais já foram dados em direção à sua descrição sistêmico-funcional. Esta seção visa apresentar de forma sucinta algumas pesquisas em tradução que têm o português brasileiro como uma das línguas estudadas e apontam para a necessidade de descrição desta língua. Igualmente, nesta seção são apresentadas algumas descrições parciais e uma introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro.

Em relação às pesquisas em tradução, é possível apontar aquelas realizadas no âmbito do projeto CORDIAL (NET/LETRA/UFMG – NUT/UFSC) e do grupo de pesquisa “Modelagem sistêmico-funcional da tradução e da produção textual multilíngue” (LETRA/FALE/UFMG).

O projeto CORDIAL foi desenvolvido no NET - Núcleo de Estudos da Tradução da Faculdade de Letras da UFMG em parceria com o NUT - Núcleo de Tradução da UFSC. As pesquisas desenvolvidas nesse projeto exploram corpora paralelos e comparáveis formados por textos literários originais e suas traduções (PAGANO; VASCONCELLOS, 2005). É possível destacar as pesquisas de Cruz (2003), Jesus (2004) e de Rodrigues (2005).

Cruz (2003) investiga um corpus formado pelo livro *Harry Potter and the chamber of secrets*, de J. K. Rowling, e sua tradução brasileira, analisando a realização de projeções paratáticas de Processos verbais por verbos de elocução. A autora identifica padrões de seleção nos sistemas de projeção do inglês e do português, demonstrando como as projeções contribuem para a construção de personagens nas duas línguas.

Jesus (2004), por sua vez, investiga corpora paralelo e comparável, formado pelo livro *Point counter point*, de Aldous Huxley, sua tradução para o português, *Contraponto*, por Érico Veríssimo, e um romance do próprio Érico Veríssimo, *Caminhos Cruzados*. Jesus (2004) também analisa verbos de locução, mas desta vez realizando Processos mentais. A autora identifica padrões diferenciados de seleção nos sistemas nos três romances, apontando diferenças na realização de Processos mentais em cada um. Além disso, nas palavras de Pagano

e Vasconcellos (2005), “trabalho de Jesus (2004) também contribui para um aprofundamento da categoria processos mentais na abordagem sistêmica”.

Por fim, Rodrigues (2005) investiga um corpus formado pelo romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e sua tradução para o inglês. Rodrigues (2005) analisa a organização temática dos textos, identificando diferentes padrões na construção da mensagem nos sistemas das duas línguas envolvendo Temas ideacionais e interpessoais, e aponta como motivações das escolhas do tradutor opções diferentes nos sistemas das línguas e questões relativas ao próprio tradutor, como o estilo.

O grupo de pesquisa “Modelagem sistêmico-funcional da tradução e da produção textual multilíngue” também apresenta importantes contribuições para o estudo da tradução. É possível citar como exemplo Pagano e Figueredo (2011), Ferregueti (2014) e Pagano, Sá e Ferregueti (2014).

Pagano e Figueredo (2011) investigam um corpus comparável formado por textos em português brasileiro e espanhol, buscando explicar como essas línguas realizam a experiência da dor. Os autores analisam linhas de concordância contendo as palavras “dor” e “*dolor*”, e demonstram que as duas línguas apresentam recursos semelhantes para a realização dessa experiência. Porém, apontam para o fato de o espanhol apresentar uma frequência maior de Processos mentais realizando a experiência da dor, enquanto o português brasileiro apresenta uma baixa frequência de Processos (e, quando presentes, são do tipo material).

Ferregueti (2014) investiga a combinação paralela entre os subcorpora *Inglês Original* e *Português Traduzido* do Klapt! (Corpus de Língua Portuguesa em Tradução), um corpus combinado (paralelo e comparável), bilíngue (português brasileiro e inglês), composto por textos prototípicos de oito tipos de texto (Artigo Acadêmico, Discurso Político, Divulgação Científica, Ficção, Manual de Instrução, Propaganda Turística, Resenha e Website Educacional). A autora analisa a realização dos Processos existenciais nos textos em inglês e como esses Processos são traduzidos para o português. Ela aponta para uma configuração prototípica para os tipos de texto em inglês e em português, assim como as mudanças mais frequentes na tradução das orações existenciais.

Por fim, Pagano, Sá e Ferregueti (2014) investigam um corpus paralelo composto por histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* e suas traduções para o inglês. Os autores analisam a realização de Partículas Modais nos textos em português e como essas partículas são traduzidas para o inglês e apontam para uma configuração semelhante à apresentada por

Figueredo (2011), assim como padrões nas realizações das Partículas em inglês, sugerindo a existência de um sistema que realize lexicogramaticalmente a validação nessa língua.

Observa-se nos trabalhos listados acima uma preocupação em explicar fenômenos da tradução tanto em relação ao texto quanto em relação aos sistemas que os instanciam. Esses trabalhos buscam entender como os padrões de um sistema influenciam nas seleções de padrões dentre os potenciais de outros sistemas linguístico. Assim, estas pesquisas já apontam para traços de sistemas do português brasileiro, e, portanto, contribuem com sua descrição.

Além disso, essas pesquisas também apontam para a necessidade de descrição do português brasileiro para o estudo da tradução. Pois ao investigarem no ambiente multilíngue não só as instâncias, mas também os sistemas, apontam para a necessidade de uma descrição mais abrangente do sistema linguístico do português brasileiro. Nesse sentido, Araújo (2007) e Figueredo (2007, 2011) apresentam passos iniciais importantes na direção de uma descrição sistêmico-funcional abrangente do português brasileiro.

Araújo (2007) apresenta uma descrição do sistema semântico de PROJEÇÃO do português brasileiro, observando a dispersão desse sistema no estrato lexicogramatical. O autor identifica três contrastes semânticos que contribuem para sua realização: nível de projeção (ideia e locução), modo de projeção (relato ou citação) e função discursiva (proposição e proposta). Os níveis de projeção referem-se ao tipo de figura realizada lexicogramaticalmente pelos Processos mental (para a ideia) e verbal (para a locução). Sobre o modo de projeção, trata-se da relação de taxa entre as orações, sendo realizada lexicalmente na forma de complexos oracionais em relação de hipotaxe (relato) ou parataxe (citação). E em relação à função discursiva, essa função é observada em relação ao conteúdo projetado, sendo realizada lexicogramaticalmente pelo sistema de MODO. O autor então aprofunda sua descrição ao apresentar níveis maiores de delicadeza na realização lexicogramatical da projeção e ao tratar da confluência dos sistemas, demonstrando a correlação entre os três contrastes semânticos.

Figueredo (2007), por sua vez, apresenta uma descrição da estrutura do grupo nominal do português brasileiro. Pautando-se pela perspectiva trinocular, o autor apresenta o grupo verbal (i) “de baixo”, identificando as classes de palavra que compõem o grupo nominal, (ii) “ao redor”, descrevendo a organização das classes de palavra no grupo nominal, demonstrando sua organização experiencial, realizada por elementos com função de Qualidade ou Ente, e lógica, realizada por elementos com função de Núcleo e Pré- e Pós-modificadores, e (iii) “de cima”, observando como os elementos do grupo nominal e o próprio grupo contribuem para a

realização lexicogramatical de significado. A complementaridade entre as perspectivas “de baixo” e “de cima” possibilitou a descrição da escala de ordens do português brasileiro, pois permitiu verificar como os elementos da ordem da palavra e do grupo se agrupam, formando classes que operam nas ordens do grupo e da oração, respectivamente.

Por fim, Figueredo (2011) apresenta uma descrição mais abrangente. Por ser uma descrição pautada pelas três metafunções e, em certa medida, restrita à ordem da oração, esta descrição é apresentada como uma introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro. O autor apresenta os sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE (restringindo-se às orações mentais), realizados na ordem da oração. Figueredo (2011), portanto, figura como uma importante contribuição para o estudo do português brasileiro, tanto no estudo de traduções quanto no desenvolvimento de descrições de unidades e classes do português brasileiro que não foram ainda abordadas.

É importante destacar que as descrições de Figueredo (2007, 2011) já apresentam algumas considerações sobre o verbo e o grupo verbal. A próxima seção trata dessas considerações, apresentando um panorama geral do grupo verbal com base nessas descrições e nas bases teóricas definidas neste capítulo.

## **2.4.O grupo verbal em português brasileiro**

Tendo como base Halliday (2002), Figueredo (2007) apresenta a escala de ordens do português brasileiro, formada por morfema, palavra, grupo e oração – como já informado na seção 2.1. O grupo é a ordem acima da palavra e abaixo da oração, e para a identificação e caracterização dessa ordem e de suas classes Figueredo (2007) investiga os papéis dos grupos nos sistemas de TRANSITIVIDADE e MODO. Com isso, são verificadas cinco classes primárias de grupos: nominal, verbal, adverbial, conjuntiva e preposicional, sendo possível incluir ainda a frase preposicional (FIGUEREDO, 2007, p. 136).

Além disso, Figueredo (2007, p. 140) observa “como o sistema representa a experiência, distinguindo os Elementos de permanência dos Elementos de transitoriedade”. Os Elementos de permanência funcionam prototipicamente no estrato da semântica como participantes e na ordem lexicogramatical da oração têm a função de Participante, enquanto os Elementos de transitoriedade funcionam como processo semanticamente e como Processo gramaticalmente na ordem da oração (FIGUEREDO, 2007, p. 141–142). Diante disso, observa-se que a classe

de grupos que na oração realiza a função de Processo é a classe de grupos verbais. O grupo verbal realiza, portanto, a transitoriedade na oração ao realizar o Processo.

Ao observar a relação entre Elementos permanentes e transitórios, Figueredo (2007, p. 141) afirma que

Os Elementos permanentes se repetem ao longo do texto e participam de eventos distintos, como, por exemplo, os cientistas e as rochas. Já os Elementos transitórios representam os próprios eventos no texto e, exatamente por este motivo, conservam natureza transitória. Isto significa dizer que, ao serem representados no texto, os Elementos permanentes são sempre mais duradouros, já os transitórios ocorrem apenas uma vez.

Tomando como base a afirmação de Halliday e Matthiessen (2004) de que as diferentes línguas desenvolveram diferentes recursos para distinguir a permanência e a transitoriedade, Figueredo (2007, p. 143) afirma que essas duas formas de organização da experiência “são complementares no sentido de que a primeira é responsável por representar a experiência espacial, ao passo que a segunda representa a experiência temporal”. Enquanto “a descrição do grupo nominal constitui a forma de se entender como a gramática constrói, na ordem do grupo, a experiência de permanência” (FIGUEREDO, 2007, p. 143), a descrição do grupo verbal constitui a forma de se entender como a gramática constrói, na ordem do grupo e da palavra, a experiência de transitoriedade.

Enquanto a descrição de Figueredo (2007) se ateu ao grupo nominal, a descrição de Figueredo (2011) foi mais ampla, apresentando a construção multi-metafuncional das orações em português brasileiro. E ao apresentar o sistema de MODO, o autor oferece considerações sobre o grupo verbal.

Retomando as observações de Figueredo (2007), o autor reafirma que “os elementos transitórios (semanticamente, os eventos) são realizados pelos grupos verbais na ordem do grupo” (FIGUEREDO, 2011, p. 199). Passa-se então a uma apresentação sintética das funções realizadas pelo verbo no grupo verbal, isto é, uma apresentação das classes de verbo.

Primeiramente, o Evento representa o conteúdo do Processo, pois “carrega o conteúdo experiencial do grupo verbal” (FIGUEREDO, 2011, p. 200). Assim, o Evento teria a função de contribuir majoritariamente na determinação do domínio de representação do Processo. Observa-se, portanto, que cada grupo verbal apresenta somente um Evento, pois cada Evento delimitaria o domínio de um Processo.

Ao traçar um paralelo entre os grupos verbal e nominal, Figueredo (2011) constata que, de um ponto de vista lógico, os grupos verbais são uma imagem espelhada dos grupos nominais, pois enquanto os grupos nominais são organizados do centro para a periferia, os verbais o são da periferia para o centro (FIGUEREDO, 2011, p. 201–202). Assim, no grupo nominal Ente e Núcleo estão em confluência, sendo pré- e pós-modificados, porém no grupo verbal as funções de Evento e Núcleo não confluem em um único elemento<sup>23</sup>. Enquanto o Evento determina o domínio da experiência, o Núcleo seria o elemento que “carrega o tempo primário e assim estabelece a ordem de dominância em relação ao tempo secundário e ao aspecto” (FIGUEREDO, 2011, p. 202).

O Evento seria, portanto, modificado por outros elementos realizados também por verbos, o que leva à definição da relação entre Evento e Núcleo:

o Núcleo constitui-se como a relação primária entre a representação transitória do fenômeno e o tempo e, como resultado, coloca o Evento no tempo e na modalidade (o Núcleo não possui qualquer conteúdo experiencial, salvo pela dêixis temporal); em outras palavras, oferece ao Evento sua *finitude*. Sendo assim, o verbo que funciona como Núcleo é tomado como o Finito do grupo verbal. (FIGUEREDO, 2011, p. 202)

Portanto, o grupo verbal apresenta em sua constituição prototípica os verbos Evento e Finito, contribuindo na ordem do grupo com a definição do domínio experiencial e com a localização temporal.

Em relação ao verbo finito, Figueredo (2011, p. 202) afirma que ele apresenta dois morfemas fundamentais: o Radical, que trata da modificação do Evento, em relação à modalidade, fase, etc.; e o morfema temporal, que circunscreve o Evento no tempo (tempo primário e aspecto). Dessa forma, é o Finito que habilita o grupo verbal a realizar a dêixis temporal, pois um grupo sem verbo finito “não pode ser “colocado no aqui e agora”, tornando difícil seu valor como proposição negociada entre interlocutores” (FIGUEREDO, 2011, p. 202–203).

Detalhando um pouco mais a dêixis temporal, Figueredo (2011) afirma que as orações no indicativo devem estar ancoradas na temporalidade para que se tornem argumentos na troca.

---

<sup>23</sup> É importante salientar que, segundo Figueredo (2011), há confluência dessas funções num único verbo quando ele é o único componente do grupo verbal. No entanto, ainda nesses casos o princípio de não-confluência permanece, pois um morfema operaria como Evento e outro como Núcleo.

Esse fato leva à geração do sistema de DÊIXIS INTERPESSOAL, que seleciona opções relativas tanto à temporalidade quanto à modalidade.

Em relação à temporalidade, o autor coloca que os argumentos de troca entre falante e ouvinte sempre ocorrem no “agora” da interação, portanto o sistema de DÊIXIS TEMPORAL localiza a proposição nessa troca entre interlocutores através da seleção do tempo primário, que circunscreve as proposições em algum ponto do tempo relativo a esse “agora” (passado, presente, futuro) (FIGUEREDO, 2011). Quanto à modalidade, o mesmo verbo que circunscreve a proposição no tempo pode realizar a avaliação do falante sobre o que está sendo dito, selecionando portanto opções no sistema de DÊIXIS MODAL (FIGUEREDO, 2011).

O Finito seria, portanto, a função na ordem da oração responsável por realizar as opções geradas pelo sistema de DÊIXIS INTERPESSOAL. É a presença do finito que determina que a oração está realizando uma proposição, do MODO indicativo, diferenciando-a do MODO imperativo, que não apresenta Finito. Assim, o Finito é realizado por verbos da classe finito, que operam como o Núcleo do grupo verbal (FIGUEREDO, 2011).

A classe dos verbos finitos opera como Núcleo no grupo verbal, permitindo que a proposição seja circunscrita no “agora” da interação ao cosseleccionar tanto dêixis temporal quanto dêixis modal (FIGUEREDO, 2011).

Em conclusão, a descrição apresentada nesta dissertação parte das contribuições de Figueredo (2007, 2011) para a formulação de novas hipóteses em relação ao grupo verbal do português brasileiro, principalmente no que tange ao verbo e sua constituição por morfemas e a outros elementos do grupo verbal e as relações entre eles. O próximo capítulo apresenta a metodologia utilizada na descrição do grupo verbal, detalhando o corpus pesquisado, e os métodos e ferramentas utilizados.

### 3. METODOLOGIA

Diante da fundamentação teórica apresentada no capítulo anterior, é possível neste terceiro capítulo tratar da metodologia utilizada na descrição relatada nesta dissertação. Primeiramente é apresentado o corpus de pesquisa que é a fonte inicial de reflexão para esta descrição. Em seguida, realiza-se uma breve reflexão epistemológica sobre o papel do corpus na descrição linguística de forma a colaborar com o desenvolvimento de uma ciência linguística informada pela teoria sistêmico-funcional. Por fim, são relatadas as etapas de levantamento de dados e análise, que resultaram na descrição apresentada nesta dissertação.

#### 3.1.O corpus de pesquisa

A descrição relatada nesta dissertação examina os dados extraídos do corpus Calibra (Catálogo da Língua Brasileira), um corpus monolíngue em português brasileiro desenvolvido pelo Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Faculdade de Letras da UFMG no âmbito do grupo de pesquisa “Modelagem sistêmico-funcional da tradução e da produção textual multilíngue”. O Calibra foi compilado seguindo uma orientação sistêmico-funcional, tendo, portanto, como base a relação entre língua e contexto (FIGUEREDO; PAGANO, 2012; HALLIDAY, 1978; MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008). O corpus está organizado de acordo com cinco variáveis, que são apresentadas a seguir.

Seguindo a apresentação do corpus por Figueredo (2011), a primeira variável trata-se do *papel* da língua na situação, se participa como elemento auxiliar da situação ou se a situação ocorre dentro do ambiente semiótico, caracterizando os papéis auxiliar (a língua em ação) e constitutivo (a língua como reflexão), respectivamente. A segunda variável refere-se ao grau de especialização da língua na situação, portanto com a orientação técnica de alguma área, levando à distinção entre língua especializada e não-especializada. A terceira variável trata do modo de veiculação da língua, diferenciando entre os modos escrito e falado. Já a quarta variável se refere ao tipo de interação encenada na situação, podendo ela ser monológica ou dialógica. Por fim, a quinta variável refere-se aos diferentes tipos de processos sócio-semióticos que podem ser realizados em determinada situação (cf. MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008), quais sejam: explicar, relatar, recriar, compartilhar, fazer, recomendar, capacitar e explorar.

Cabe ressaltar que o Calibra possui aproximadamente um milhão de *tokens* e se divide em subcorpora segundo os oito processos sócio-semióticos. Dessa forma, cada subcorpus conta com aproximadamente 125 mil *tokens*, divididas em quatro grupos de aproximadamente 31.250 *tokens* para cada uma das seguintes modalidades: falado-diálogo, falado-monólogo, escrito-diálogo e escrito-monólogo. Por fim, cada subcorpus apresenta uma quantidade de textos variável, de forma que a coleta dos textos buscou contemplar o máximo de textos possível (FIGUEREDO, 2011).

O Quadro 2 apresenta a relação entre as diferentes variáveis para a compreensão da língua no contexto de cultura e como essas variáveis contribuem para a constituição do Calibra. No quadro também podem ser observados tipos de texto nas interseções entre as variáveis, o que possibilita a identificação dos textos num ponto do contínuo de instanciação mais próximo do sistema, levando à formulação de uma tipologia textual que permite explicar melhor os fenômenos do português brasileiro – o que inclui o grupo verbal.

Quadro 2 - A língua no contexto de cultura na constituição do Calibra

	Veiculação →		escrito		falado	
	Interação →		diálogo	monólogo	diálogo	
Papel	Especialização	Processo				
constitutivo	especializada	Explicar	<i>carta pessoal</i>	<i>livro texto</i>	<i>palestra</i>	<i>debate</i>
		Relatar	<i>questionário</i>	<i>reportagem</i>	<i>depoimento</i>	<i>entrevista</i>
		Recriar	<i>tira em quadrinhos</i>	<i>romance</i>	<i>causo</i>	<i>peça teatral</i>
		Compartilhar	<i>e-mail pessoal</i>	<i>blog (diário)</i>	<i>lembranças</i>	<i>bate-papo</i>
auxiliar	não	Fazer	<i>carta comercial</i>	<i>lista de compras</i>	<i>instruções</i>	<i>co-operação</i>
constitutivo	especializada	Recomendar	<i>autoajuda</i>	<i>anúncios</i>	<i>orações</i>	<i>consulta médica</i>
		Capacitar	<i>perguntas mais frequentes</i>	<i>panfletos</i>	<i>orientações</i>	<i>perguntas e respostas</i>
	especializada	Explorar	<i>carta ao editor</i>	<i>artigo acadêmico</i>	<i>discurso</i>	<i>discussão</i>

Fonte: adaptado de Figueredo (2011, 2015).

### 3.2. Uma breve reflexão epistemológica

Diante do fato de os dados desta pesquisa serem obtidos através de um corpus, é possível desenvolver uma breve reflexão epistemológica sobre o uso de corpora para a descrição linguística e sobre o problema da indução.

O conceito de corpus pode ser definido como um conjunto extenso de textos que foram agrupados de modo a serem estudados linguisticamente (WU, 2009). Esses textos são agrupados de acordo com critérios específicos, como representatividade, balanceamento e amostragem (WU, 2009, p. 129). Nesse sentido, o Calibra é um corpus por ter sido criado a partir da coleta de textos organizados de acordo com a conceituação teórica de língua em contexto e segundo as cinco variáveis apresentadas na seção anterior.

Wu (2009) também discute sobre o tamanho dos corpora, afirmando que ele está relacionado ao propósito da pesquisa. O autor declara que por vezes, um corpus pode não ser grande o suficiente, e em outras ocasiões o corpus pode ser demasiadamente grande. Nesse segundo caso, podem existir muitas instâncias de um mesmo fenômeno, de modo que o pesquisador pode selecionar uma amostra do corpus (WU, 2009, p. 129). A descrição apresentada nesta dissertação relaciona-se com esse segundo caso, onde uma pequena amostra do corpus é suficiente para revelar os padrões de unidade e classe necessários para a descrição do grupo verbal.

O uso de uma pequena amostra do Calibra pode colocar em questão a visão de que um corpus deve ser tanto maior quanto possível. Isso é exemplificado pela declaração de Sinclair (1991, p. 18): “a única orientação que poderia oferecer é que um corpus deve ter o maior tamanho possível, e deve continuar crescendo”<sup>24</sup>. De forma ainda mais contundente, Sinclair (2004, p. 189), ao discutir sobre corpora de pequenas dimensões, afirma que “ser pequeno não é um mérito”<sup>25</sup>, encarando a pequena dimensão como uma limitação que pode ser transposta. Essa visão sobre a necessidade de um corpus ter uma grande dimensão é compartilhada não somente por lexicógrafos como Sinclair, mas é aceita de forma geral na linguística (cf. BIBER, 1993; SARDINHA, 2000; HALLIDAY, 1992).

Em relação ao uso de corpora de pequenas dimensões, Sinclair (2004, p. 189) também aponta:

Se dentro das dimensões de um corpus pequeno, utilizando as técnicas de estudo de corpus, é possível alcançar os resultados almejados, então não há objeções à metodologia. No entanto, os resultados são extremamente limitados, assim como a variedade de aspectos que podem ser observados.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Minha tradução de: “The only guidance I would give is that a corpus should be as large as possible, and should keep on growing”.

<sup>25</sup> Minha tradução de: “*There is no virtue in being small*”.

<sup>26</sup> Minha tradução de: “*If within the dimensions of a small corpus, using corpus techniques, you can get results that you wish to get, then your methodology is above reproach - but the results will be extremely limited, and also the range of features that you can observe*”.

Com base nessa declaração, somente um corpus grande o suficiente possibilitaria a observação empírica de instâncias suficientes da língua. Essa visão, no entanto, enfrenta um problema denominado pelo filósofo escocês David Hume como “o problema da indução”.

De forma geral, a ciência moderna, incluindo a linguística, busca pautar-se pela observação dos fenômenos empiricamente para, a partir das observações individuais, desenvolver suas conclusões. A introdução dos corpora foi um importante marco para a ciência linguística, pois possibilitou que pesquisadores observassem a língua em uso, isto é, que a linguagem fosse estudada empiricamente (WU, 2009). No entanto, corpora são amostragens da língua, e nunca poderão conter todas as instâncias – pois se as contivessem, seriam a própria língua e não corpora. Essa questão da amostragem é refletida na discussão sempre ativa sobre a representatividade de um corpus, que deve representar, tanto quanto possível, a língua como um todo (HALLIDAY, 1992). E para o desenvolvimento de descrições, o uso de um corpus se torna praticamente obrigatório.

No entanto, não há como se ter a certeza de que um corpus é representativo. É sempre possível que a amostra selecionada não represente a língua como um todo. Dessa forma, Sinclair (2004), ainda em sua discussão sobre corpora de pequenas dimensões, declara que o mérito de um corpus de dimensões maiores é ter uma maior probabilidade de apresentar os padrões da língua. Assim, a abordagem linguística indutiva que tem como objeto de investigação um corpus impede que o conhecimento seja formulado com base em certezas sobre o sistema linguístico, mas somente em probabilidades de os padrões linguísticos apontados pelo corpus serem os mesmos da língua. Portanto, tanto corpora de grandes quanto de pequenas dimensões possuem o mesmo problema: o risco da não-representação da língua.

Desse modo, uma descrição ou análise linguística baseada em corpus pode de fato alcançar resultados fundamentados e justificados pelos dados empíricos observados e formular o conhecimento a partir desses resultados. Como exemplo, é possível citar as próprias descrições de Araújo (2007) e Figueredo (2007, 2011), que constroem o conhecimento linguístico sobre a projeção, o grupo nominal e os sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE do português brasileiro, calcando seus resultados na teoria sistêmico-funcional e justificando-os pelos dados empíricos observados. No entanto, caso outro corpus seja estudado com o objetivo de descrever os mesmos fenômenos, existe a possibilidade de que outros resultados

sejam alcançados devido ao risco de um dos corpora não representar o sistema linguístico como um todo.

O objetivo de uma descrição sistêmico-funcional é descrever o potencial linguístico. No entanto, é pouco provável que algum corpus contenha todas as opções de escolha do sistema linguístico. Então, como é possível saber por meio da indução que as instâncias observadas representam o sistema? Para os filósofos David Hume e Karl Popper é impossível ter essa certeza. Entretanto, seguindo a argumentação de Popper, enquanto infinitas instâncias não podem provar a veracidade de uma descrição, uma única instância que contradiga o sistema formulado em uma descrição exigiria que esse sistema fosse reformulado. Portanto, um corpus de grandes dimensões não é capaz de validar a descrição do grupo verbal, mas uma única instância que contradissesse os resultados desta dissertação tornaria necessária sua revisão de forma que passasse a contemplar esta nova instância.

Em seu livro “A lógica da pesquisa científica”<sup>27</sup>, ao tratar da experiência (um dos fundamentos da indução) como método científico, Popper apresenta três parâmetros que uma teoria científica deve satisfazer: (i) deve ser sintética, de modo que possa representar um mundo não contraditório, isto é, possível; (ii) deve não ser metafísica, isto é, deve representar um mundo de experiência possível; e (iii) deve ser de alguma forma diferente de outros sistemas semelhantes, de forma que seja a única forma de representar nosso mundo de experiência (POPPER, 2001, p. 40).

Diante desses parâmetros, Popper formula o seguinte questionamento: como identificar uma teoria que representa nosso mundo de experiência? A resposta, segundo o filósofo, reside no fato de a teoria ter sido submetida a provas e ter resistido a essas provas (POPPER, 2001, p. 41). O método de prova que Popper propõe recebe então o nome de *falseabilidade*.

A noção de Popper sobre “teoria” se difere um pouco daquela de Halliday, uma vez que Halliday (2002, 2003) estabelece processos diferentes dentro do escopo da teoria sistêmico-funcional para estudos teóricos e descritivos. Nesse sentido, o “mundo de experiência” referido por Popper dentro da teoria sistêmico-funcional pode se referir aos fenômenos tanto da linguagem quanto da língua. Assim, tanto a teoria quanto a descrição sistêmica devem atender aos três parâmetros (sintética, experimental, original) e podem ser falseadas, cada uma segundo

---

<sup>27</sup> Sua primeira edição foi publicada em 1934, sendo traduzida para o português em 1974 por Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. A edição adotada nesta dissertação foi publicada em 2001, e inclui novos apêndices formados por publicações de Popper que discutem em maior profundidade aspectos da proposta do filósofo.

o fenômeno investigado. No caso desta dissertação, uma vez que ela trata de uma descrição, a falseabilidade é direcionada às formulações acerca do grupo verbal.

Uma descrição linguística com base em um corpus pode ser submetida à falseabilidade, de forma que suas formulações sejam colocadas à prova. Caso o modelo descrito resista às provas, pela lógica de Popper ele pode ser considerado como científico e representante da nossa experiência de mundo – isto é, a realidade.

Diante disso, é importante pensar em uma forma de falsear os enunciados de uma descrição linguística, isto é, o modelo do sistema linguístico formulado a partir das observações. Para tanto, a teoria sistêmico-funcional apresenta um “exercício”, que já é abordado por Figueredo (2011) em referência a Halliday (2002): o princípio da agnação.

Em Halliday (2002), o autor comenta sobre um trabalho realizado em 1980 envolvendo o processamento de linguagem natural, no qual desenhou uma rede do sistema do grupo verbal do inglês. O autor então comenta sobre os resultados desse trabalho:

Obviamente que há muitos erros nestas redes complexas, e a única forma de testá-las é programando-as para gerarem combinações aleatoriamente. Não é difícil gerar o paradigma de expressões de seleção de uma rede relativamente pequena (...) na qual é possível verificar a saída de dados e observar o que aconteceu de errado.<sup>28</sup> (HALLIDAY, 2002, p. 395)

Figueredo (2011, p. 85) observa que excluir da rede do sistema do grupo verbal termos que, ainda que possíveis de maneira combinatória, não fazem parte do sistema, significa “operar com todas as alternativas possíveis para a realização de um item num determinado ambiente”. A relação entre probabilidades de itens e ambientes é tratada pela teoria sistêmico-funcional pelo conceito de agnação (HALLIDAY, 2002).

O emprego desse “exercício”, conforme o princípio da agnação, considera tanto as realizações lexicogramaticais instanciadas quanto as outras possíveis realizações para um mesmo elemento. Assim, considera-se não somente a instância de um sistema realizada no texto que compõe o corpus, mas também todas as possíveis instâncias que não foram realizadas, isto é, todas as demais possibilidades de instanciação do sistema. Portanto, observa-se na descrição

---

<sup>28</sup> Tradução de Figueredo (2011) de: “*Of course there are lots of mistakes in these complex networks, and the only way to test them is by programming them and setting them to generate at random. It is not difficult to generate the paradigm of selection expressions from a reasonably small network (...) where you can inspect the output and see where it has gone wrong*”.

como o conjunto das opções no estrato lexicogramatical foi selecionado conforme o contínuo da instanciação (FIGUEREDO, 2011).

Diante disso, na descrição do grupo verbal com base em um corpus é possível, em uma investigação detida ao verbo, abordar os morfemas que o compõem e suas combinações, assim como os morfemas que não podem compor um verbo e combinações impossíveis entre os morfemas possíveis. Por exemplo, em um corpus é possível encontrar o verbo “reclama”, segmentando-o nos seguintes morfemas: morfema lógico-semântico “re”, morfema experiencial “clam”, morfema interpessoal “a”. Outros morfemas podem ocupar as posições de “re” (como “de” ou “con”), de “clam” (“form” ou “lig”) e de “a” (“ei”, “áveis”, “aremos”). Porém, outras categorias de morfemas não podem ocupar essas mesmas posições (e.g. “ligclama”, “rearemosa” ou “reclamform”) e a sua sequência no verbo não pode ser alterada (e.g. “clamrea” ou “areclam”). Este exemplo mostra de forma simplificada uma descrição do verbo que observa tanto a instância no corpus (“reclama”) quanto as possíveis instâncias que não foram observadas (“clama”, “declama”, “conclama”, “reforma”, “religa”, “reclamei”, “reclamáveis”, “reclamaremos” e outras combinações possíveis entre estes morfemas), assim como permite verificar instâncias impossíveis ou improváveis de ocorrência na língua (“ligclama”, “rearemosa” ou “areclam”).

Portanto, a agnação constitui-se não somente como um princípio teórico, mas também como um princípio analítico, por meio do qual são feitos: acréscimos, substituições e subtração de unidades e classes, inversões da estrutura, expansões ou retrações dos termos do sistema para determinada função, observando sempre as mudanças no registro (FIGUEREDO, 2011).

O princípio analítico da agnação permite colocar à prova a descrição. Em outras palavras: a agnação falseia a descrição. Assim, podem ser observados os itens e termos que de fato compõem determinado sistema, os que compõem outros sistemas e itens que não são possíveis na organização desse sistema linguístico. Desse modo, a descrição é fundamentada em dados empíricos (o corpus) que são falseados por meio do princípio da agnação, que valida o modelo descrito.

Portanto, se a descrição enuncia que determinada construção não é possível em um sistema, a agnação atua de forma a falsear esse enunciado (i) verificando sua validade ou (ii) provando ser falso. De maneira semelhante, se a descrição enuncia que determinada construção é possível, a agnação vai atuar conforme (i) ou (ii). Em qualquer dos casos e em qualquer cenário, seja validando ou falseando a descrição, é a agnação que submete a descrição à prova.

Diante de tudo isso, cabe uma última reflexão sobre o papel do corpus na descrição. O corpus, como fonte de dados empíricos, passa a ser não uma representação do sistema linguístico, mas um conjunto de instâncias do sistema. O corpus é um instrumento de reflexão linguística, por meio do qual podem ser apreendidas as unidades e as classes do sistema linguístico, e estas podem ser falseadas através do princípio da agnação.

Nesse sentido, as definições de Sinclair (1991, 2004), Biber (2003) e Sardinha (2000) passam a atender outros objetivos e abordagens linguísticas que não são compatíveis com a descrição sistêmico-funcional, cujos resultados dependem não só do que pode ser apreendido no corpus, mas também das possibilidades de agnação no sistema.

Portanto, o uso de corpora em uma pesquisa garante que seja possível investigar o maior número de fenômenos linguísticos possível associado ao objeto de estudo. Entretanto, é o princípio da agnação que valida as estruturas e os sistemas concebidos a partir dos dados apresentados pelo corpus.

### **3.3. Análise do corpus**

Tendo o Calibra como a fonte de dados para a reflexão linguística desta pesquisa, esta descrição se dividiu em duas etapas. Na primeira etapa, foi selecionado um corpus de estudo a partir do Calibra, com a finalidade de se realizar o levantamento inicial de dados e formular hipóteses sobre o verbo e o grupo verbal. Esse corpus de estudo consistiu de um texto de cada subcorpus selecionado aleatoriamente, formando assim um corpus composto por oito textos e contendo um total de aproximadamente cinco mil *tokens*, distribuídos entre os textos de forma assimétrica. Esta distribuição assimétrica se deve ao fato de se tratarem de textos completos, não obedecendo a um número mínimo ou máximo de *tokens*.

Ao selecionar e estudar oito textos completos de cada processo sócio-semiótico, foi possível observar o verbo e o grupo verbal em sua dispersão ao longo dos textos e em diferentes situações. Esse estudo garantiu, portanto, que o verbo e o grupo verbal fossem abordados em uma ampla variedade de situações.

Os oito textos foram submetidos à anotação manual, possibilitando o levantamento de padrões sintagmáticos e paradigmáticos em todas as ordens da escala. Esta anotação foi feita com o auxílio de editores de planilhas eletrônicas, como exemplificado pela Figura 6, que

possibilitaram (i) a segmentação do texto em orações, grupos verbais e verbos, (ii) a análise das unidades, ao permitir a sua decomposição em unidades da ordem imediatamente inferior.

1	corpus	obs	morpheme_1	morpheme_2	morpheme_3
2	Numa panela coloque 100 ml de leite de coco e 300 ml de leite		co	loqu	e
3	e leve ao fogo médio		lev	e	
4	até ferver		ferv	er	
5	Desligue o fogo adicione 1 xícara (chá) de sagu,		des	ligu	e
6	misture		mistur	e	
7	e tampe a panela		tamp	e	
8	Depois de 15 minutos misture o sagu novamente		mistur	e	
9	para soltar.		solt	ar	
10	deixe		deix	e	
11	hidratar por aproximadamente 2 horas.		hidrat	ar	
12	Coloque numa outra tigela 3 gemas, 1 colher (sopa) de margarina, 1 xícara (chá) de açúcar, 1 pitada de sal, e 2 colheres (sopa) de queijo parmesão ralado		co	loqu	e
13	e misture bem		mistur	e	
14	até ficar uma mistura homogênea.		fic	ar	
15	Adicione o sagu hidratado		a	dicion	e
16	(feito acima) e 1 colher (sopa) de fermento em pó		fei	a	
17	e misture.		mistur	e	

Figura 6 - Captura de tela do editor de planilhas exemplificando a segmentação de palavras

Observa-se na Figura 6 a segmentação das palavras em morfemas. Esse procedimento foi realizado para os oito textos e também na ordem do grupo, onde o grupo verbal foi segmentado em palavras. Esta segmentação permitiu a modelagem da estrutura e dos sistemas envolvidos na organização do verbo e do grupo verbal, e tal modelagem seguiu o princípio da agnação, o que possibilitou a realização de testes (subtração, adição, substituição, repetição, etc. de elementos) para validação do modelo.

Assim, o grupo foi abordado: “de baixo”, possibilitando a formulação de hipóteses sobre a constituição do verbo e do grupo verbal; “de cima”, com a formulação de hipóteses sobre a realização da experiência de transitoriedade (o quantum de mudança), tempo, aspecto e agenciamento pelo grupo verbal; e “ao redor”, possibilitando a formulação de hipóteses sobre

a configuração das classes de morfema que operam na ordem da palavra e de verbo que operam na ordem do grupo.

A investigação do corpus de estudo levou ao desenho inicial do grupo verbal. Esse estudo inicial contribuiu para a criação de um esboço de uma rede sistêmica que organiza paradigmaticamente as escolhas possíveis de “flexão” do verbo, caracterizando sua orientação interpessoal. Também foi possível estabelecer classes de morfemas e de verbos que realizam ideacionalmente as funções de determinar a experiência transitória e de modificar logicamente essa experiência. Além disso, foram observadas na ordem do grupo as relações entre as classes de verbo na construção interpessoal de negociação e ideacional de tempo, aspecto e agenciamento. Por fim, foram identificadas na ordem da oração instâncias de grupos verbais com configurações que corroboravam os resultados apontados por Figueredo (2007, 2011), assim como configurações que apontavam para novas possibilidades estruturais e sistêmicas não abordadas pelo autor.

Após o desenho inicial do grupo verbal por meio da investigação do corpus de estudo, foi feita uma nova abordagem ao Calibra. Desta vez, foram selecionadas linhas de concordância do corpus de forma semi-aleatória. Estas linhas de concordância foram segmentadas na ordem da oração e formaram um corpus de análise com um total aproximado de cinco mil *tokens*, distribuídos simetricamente entre todas as variáveis. Por meio deste corpus foi possível avaliar em novas instâncias os resultados da primeira fase da descrição.

Para a extração das linhas de concordância do Calibra, primeiramente os textos foram segmentados em orações com o auxílio da ferramenta Aligner do *software* WordSmith Tools (SCOTT, 2015). Esse processo é exemplificado pela Figura 7, uma captura de tela da ferramenta onde se observa a segmentação de um texto que realiza as variáveis: constitutivo, especializada, explicar, falado, monólogo.

Após a segmentação, era necessário selecionar aleatoriamente as orações que formariam o corpus de análise. No entanto, decidiu-se por manter a simetria entre os subcorpora, e por isso a seleção das orações foi realizada de forma semi-aleatória: foram selecionadas aproximadamente 150 *tokens* de cada um dos oito subcorpora em cada uma de suas quatro modalidades, o que totalizaria 4800 *tokens*. No entanto, como a ordem da oração também seria observada nessa fase da descrição, optou-se por fazer a seleção das orações completas, ainda que isso significasse ultrapassar o limite de 150 *tokens* por modalidade. A simetria foi mantida

entre os subcorpora e o número total de *tokens* desse corpus de análise ficou em torno de cinco mil.

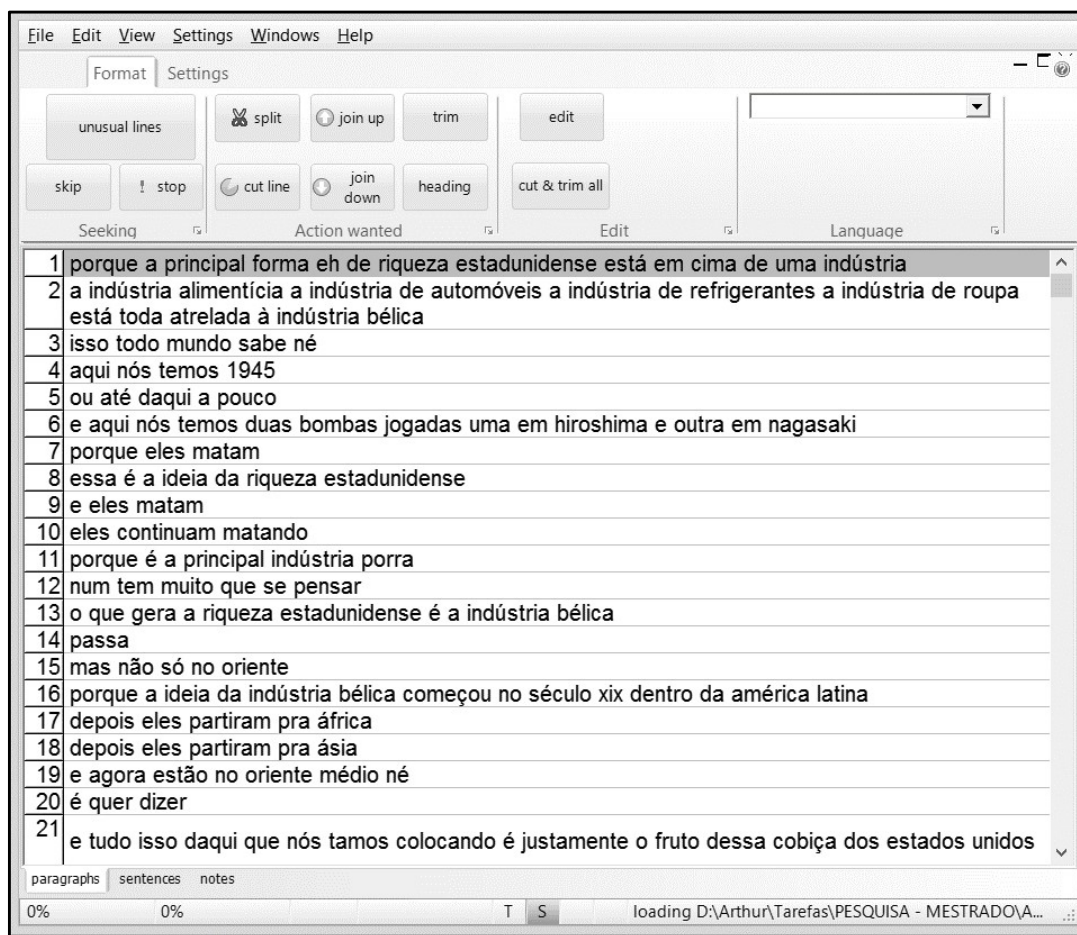


Figura 7 - Captura de tela da ferramenta Aligned exemplificando a segmentação

A fim de determinar quais orações seriam selecionadas para compor o corpus de análise, o ambiente de programação R (R CORE TEAM, 2015) foi utilizado para gerar uma lista com vinte números aleatórios, variando entre zero e cem<sup>29</sup>. Como pode ser observado na parte esquerda da Figura 7, os segmentos gerados pelo WordSmith Tools são numerados. Assim, como cada segmento numerado representa uma oração, foi possível utilizar a lista gerada no ambiente R para selecionar as orações.

<sup>29</sup> O comando utilizado para gerar essa lista foi: `unique(sample(x=c(1:50), replace=T))[1:20]`, e como resultado ele retornou os seguintes números: 29, 45, 87, 9, 56, 82, 59, 58, 22, 17, 7, 75, 24, 39, 15, 70, 30, 80, 8, 6.

A partir da formação do corpus de análise, foi possível submetê-lo a uma nova anotação manual. No entanto, esta etapa da descrição já dispunha de um modelo preliminar resultante da primeira etapa de descrição. Esta segunda etapa consistiu-se, então, na verificação das hipóteses apresentadas na primeira etapa.

Devido ao fato de haver nesta fase um modelo de grupo verbal, a anotação manual da segunda etapa pôde ser feita conforme as classes observadas na etapa anterior. A Figura 8 exemplifica essa etapa da descrição, onde os verbos estão sendo anotados segundo as unidades que o compõem (“morfemas\_logico-semanticos”, “morfema\_experencial” e “morfema\_interpessoal”) e segundo as classes de morfema (“figura\_do\_ME”, “orientação\_interpessoal”, “numero” e “pluralidade”). A anotação nas ordens do grupo e da oração foi realizada de maneira semelhante, com a anotação tanto das unidades que compõem o grupo, quanto das classes de verbos e suas relações, assim como a anotação das funções do grupo verbal na oração, observando em todos os casos o modelo proposto na primeira etapa da descrição.

1	contexto	processo_socio-semiotico	morfemas_logico-semanticos	morfema_experencial	morfema_interpessoal	figura_do_ME	orientação_interpessoal	numero	pluralidade
2	Depois que segui essas pessoas novas,	explorar		segu	i	fazer	orientado_finito_passado_perfectivo	1	singular
3	que eu não conhecia pessoalmente	explorar	co	nhec	ia	experienciar	orientado_finito_passado_imperfectivo	1	singular
4	e algumas delas nunca tinha	explorar		t	inha	ser	orientado_finito_passado_imperfectivo	1	singular
5	ouvido	explorar		ouv	ido	experienciar	não-orientado_participio_masculino	none	singular
6	falar	explorar		fal	ar	experienciar	não-orientado_infinitivo	none	none
7	eu conheci 3 delas pessoalmente no dia seguinte,	explorar	co	nhec	i	experienciar	orientado_finito_passado_perfectivo	1	singular
8	e elas vieram	explorar		v	ieram	fazer	orientado_finito_passado_perfectivo	3	plural
9	me falar:	explorar		fal	ar	experienciar	não-orientado_infinitivo	none	none
10	"Oi eu vi	explorar		v	i	experienciar	orientado_finito_passado_perfectivo	1	singular
11	que você começou	explorar	co	eç	ou	fazer	orientado_finito_passado_perfectivo	2	singular
12	a me seguir".	explorar		segu	ir	fazer	não-orientado_infinitivo	none	none
13	Entrei no SocialToo.com,	explorar		entr	ei	fazer	orientado_finito_passado_perfectivo	1	singular
14	criei minha conta	explorar		cri	ei	fazer	orientado_finito_passado_perfectivo	1	singular
15	e mandei	explorar		mand	ei	fazer	orientado_finito_passado_perfectivo	1	singular
16	seguir de volta	explorar		segu	ir	fazer	não-orientado_infinitivo	none	none
17	quem me seguia.	explorar		segu	ia	fazer	orientado_finito_passado_imperfectivo	3	singular
18	Após essas traquinagens eu saltei de 7322 para 10547 seguidores,	explorar		salt	ei	fazer	orientado_finito_passado_perfectivo	1	singular
19	eu já vinha	explorar		v	inha	fazer	orientado_finito_passado_imperfectivo	1	singular
20	crescendo numa faixa de 300*400 seguidores por dia depois da matéria da Época	explorar		cresc	endo	fazer	não-orientado_gerúndio	none	none
21	nesse dia o salto foi maior devido ao monte de follows e as reações das pessoas,	explorar		foi		ser	orientado_finito_passado_perfectivo	3	singular

Figura 8 - Captura de tela do editor de planilhas exemplificando a anotação das unidades que compõem a palavra e suas classes

Em algumas ocasiões o corpus apontava novas instâncias que questionavam o modelo desenvolvido na primeira etapa da descrição. Diante disso, o modelo era redesenhado de forma a abarcar os padrões referentes ao verbo e ao grupo verbal que não haviam sido vislumbrados anteriormente. Esse movimento de retorno ao modelo preliminar possibilitou que a descrição relatada nesta dissertação reconhecesse todos os padrões apontados pelos corpora de estudo e

análise. Como resultado, obteve-se um modelo robusto, informado pela língua em seu contexto de cultura e que abarca todos os padrões evidenciados pelos corpora analisados.

No próximo capítulo são apresentados os resultados obtidos a partir da investigação dos corpora de estudo e análise, que permitiram desenvolver uma descrição do grupo verbal a partir das instâncias realizadas no corpus, submetidas ao princípio da agnação que as falseou, garantindo a validade desta descrição.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como informado no capítulo 2 (na seção 2.2), a descrição relatada nesta dissertação abordou o grupo verbal a partir de sua menor unidade, isto é, a partir da ordem mais inferior da escala: o morfema. Este capítulo apresenta os resultados desta pesquisa, tratando primeiramente do verbo e, em seguida, do grupo verbal, sendo tratados conforme a perspectiva trinocular, na seguinte ordem: primeiro “de baixo”, depois “ao redor” e por último “de cima”.

### 4.1. O verbo em português brasileiro

O verbo é uma classe de palavra. Mais especificamente: é uma classe secundária da unidade da palavra, sendo um agrupamento de padrões da classe primária de palavras verbais. Isso significa que as palavras se agrupam conforme os padrões gramaticais que realizam na ordem do grupo, formando a classe das palavras verbais, que se agrupam em um segundo nível de delicadeza, formando a classe dos verbos.

O verbo pode ser definido a partir da perspectiva trinocular: “de baixo” o verbo é constituído de morfemas verbais, a saber: morfema experiencial, morfema interpessoal e morfema lógico-semântico; “ao redor” o verbo se organiza conforme o tipo de experiência, a orientação interpessoal e a modificação da experiência; e “de cima” os verbos se agrupam formando classes terciárias: verbo lexical, verbo auxiliar e verbo modal, que realizam as funções de Evento, Auxiliar, Modal e Núcleo no grupo verbal. O Quadro 3 ilustra essas três abordagens com a análise do verbo “decidimos”.

Quadro 3 - O verbo abordado "de baixo", "ao redor" e "de cima"

	<i>de</i>	<i>cid</i>	<i>imos</i>
"de cima"	Núcleo/Evento: verbo lexical		
"ao redor"	Modificação	Sentir	Verbalidade
"de baixo"	morfema lógico-semântico	morfema experiencial	morfema interpessoal

O Quadro 4 apresenta a relação entre a unidade da palavra e as classes de palavra verbal e de verbo, assim como as funções realizadas pelas classes de verbo no grupo verbal. É importante notar no Quadro 4 que a preposição também é uma classe de palavra verbal. A

preposição também pode realizar a experiência transitória, como o verbo; porém, essa é a única característica compartilhada entre a preposição e o verbo. Esta é constituída necessariamente de morfemas preposicionais, não apresentando morfemas experienciais, verbais ou modificadores; não coloca a proposição ou proposta em negociação como o verbo; e na ordem do grupo não pode ser negociado como o verbo<sup>30</sup>. Portanto, verbos e preposições se agrupam em classes diferentes, o que justifica essa diferenciação.

Quadro 4 - Unidade da palavra, classes verbais e função na ordem do grupo

Unidade	Classe			Função no grupo verbal
	Primária	Secundária	Terciária	
palavra	verbal	verbo	lexical	Evento
			auxiliar	Auxiliar
			modal	Modal
		preposição		

Após definir a classe do verbo e apresentar um panorama geral por meio da perspectiva trinocular, é possível tratar em detalhes cada uma das perspectivas. As próximas seções apresentam detidamente o verbo “de baixo”, segundo sua constituição; “ao redor”, expondo os sistemas que organizam sua estrutura; “de cima”, apresentando as classes de verbo que operam na ordem do grupo.

#### 4.1.1. *Os morfemas que constituem o verbo*

O verbo é constituído pelos seguintes morfemas: morfema experiencial, morfema interpessoal e morfema lógico-semântico. Essa constituição pode ser visualizada no Quadro 5, onde o verbo “coloquei” é segmentado segundo os morfemas que o constituem.

O morfema experiencial (doravante tratado pela sigla ME) é o morfema que realiza a experiência no verbo (o “quantum”, do quantum de mudança). Esse morfema ocupa a posição central na estrutura do verbo, havendo um morfema interpessoal (doravante tratado pela sigla

<sup>30</sup> Como o objeto de estudos desta pesquisa é o grupo verbal, não foram investigadas classes terciárias ou sua função na frase preposicionada. Além disso, como a preposição ainda não foi descrita em português, não é possível observar no Quadro 4 essas classes ou funções.

MI) à sua direita e possíveis morfemas modificadores (doravante tratados pela sigla MLS) à sua esquerda. A estrutura mínima do verbo em português brasileiro é formada por um ME e um MI, realizados na estrutura do verbo conforme a sequência ME^MI. O MLS responde pela modificação do ME, e não é um morfema “obrigatório” na estrutura do verbo.

Quadro 5 - Exemplo de constituição do verbo por morfemas

Elementos	<i>co</i>	<i>loqu</i>	<i>ei</i>
Classes de morfema	morfema lógico-semântico	morfema experiencial	morfema interpessoal

Como é possível observar no Quadro 5, o ME “loqu” ocupa a posição central no verbo, havendo o MI “ei” à sua direita e o MLS “co” à sua esquerda. É importante notar que um verbo construído sem o MLS é perfeitamente possível dentro do sistema do português brasileiro, por exemplo: “loquei”. No entanto, como o MLS modifica o ME, constrói-se uma outra experiência transitória, diferente daquela sem o MLS. Assim, “loqu” e “coloqu” realizam experiências diferentes. Observa-se uma relação lógico-semântica entre ME e MLS: a experiência é delimitada pelo ME e modificada pelo MLS (ou até mais de um MLS), como é ilustrado pelo exemplo (1).

(1) *desapareceram*  
 des a parec eram  
 MLS MLS ME MI

A reflexão sobre a possibilidade de ocorrência de mais de um MLS na estrutura do verbo é interessante e frutífera para a compreensão deste. Por exemplo, é possível adicionar novos MLSs a “desapareceram”: *desapareceram* → *re-desapareceram* → *co-re-desapareceram*, e assim por diante; assim como também é possível a repetição do mesmo MLS: *desapareceram* → *des-desapareceram* → *des-des-desapareceram*. Ainda que esses exemplos sejam improváveis de ocorrer num corpus (como de fato não ocorrem no Calibra), são estruturas possíveis no sistema do português brasileiro, o que é evidenciado por esse exercício de acréscimo de MLSs ao verbo.

A partir dessas formulações sobre a relação entre o ME e o MLS, é possível afirmar que o verbo apresenta um sistema que orienta ideacionalmente a experiência, realizado de acordo com a seguinte estrutura: (...^MLS^MLS^)ME, na qual o ME é o elemento fundamental para a realização lexicogramatical da experiência, podendo ser modificado iterativamente por MLSs em uma relação lógico-semântica que constrói a experiência ideacionalmente. É importante ressaltar que o MLS não é capaz de construir a experiência sem um ME, pois ele responde unicamente pela modificação do ME.

Por outro lado, o MI realiza a orientação interpessoal do verbo, possibilitando a sua ancoragem na interação. Assim, é o MI que realiza a transitoriedade da experiência (a “mudança”, do quantum de mudança) ao possibilitar que o verbo se insira em algum ponto da transitoriedade referente ao “aqui e agora” do falante na interação. Enquanto a estrutura (MLS^)ME constitui-se como a orientação ideacional do verbo, o MI constitui-se como sua orientação interpessoal. Portanto, a orientação ideacional do verbo realiza a experiência (o quantum) e a interpessoal realiza a transitoriedade dessa experiência (a mudança). Diante dessa discussão, a estrutura do verbo em português brasileiro pode ser esquematizada como ilustrado pela Figura 9.

$$\boxed{(\dots^{\wedge}\text{MLS}^{\wedge}\text{MLS}^{\wedge})\text{ME}^{\wedge}\text{MI}}$$

Figura 9 - Estrutura geral do verbo

Como é possível observar na Figura 9, a sequência de MLSs está entre parênteses, por serem elementos “opcionais” do verbo, enquanto o ME e o MI estão fora dos parênteses por serem elementos “obrigatórios”. Como dito anteriormente, o ME ocupa uma posição central na estrutura, havendo um, e somente um, MI à sua direita e possíveis MLSs à esquerda. É importante salientar que, como a estrutura do verbo realiza somente uma experiência, há somente um ME na estrutura do verbo (que pode ser modificado por MLSs). Portanto, a sequência ME^MI apresenta um único morfema de cada classe.

O Quadro 6 retoma o verbo “desapareceram” do exemplo (1) e ilustra sua estrutura de acordo com o esquema apresentado acima, conforme as orientações ideacional e interpessoal na construção do verbo.

Quadro 6 - As orientações ideacional e interpessoal do verbo

(re)	des	a	parec	eram
morfema lógico-semântico	morfema lógico-semântico	morfema lógico-semântico	morfema experiencial	morfema interpessoal
orientação ideacional				orientação interpessoal

A partir da apresentação geral da composição do verbo, é possível tratar mais detidamente cada uma das classes de morfema.

#### *O morfema experiencial (ME)*

O ME se organiza em classes secundárias segundo o tipo de experiência que realiza, podendo elas serem experiências (i) do mundo físico, (ii) do mundo da consciência, ou (iii) do mundo das relações abstratas (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 213). Assim, os padrões realizados pelo ME se agrupam formando classes secundárias, a saber: fazer, sentir e ser, respectivamente a (i), (ii) e (iii). Os exemplos (2), (3) e (4) ilustram as classes secundárias de ME constituindo os verbos “elevando”, “reclama” e “obtidas”.

(2) *elevando*  
 e      lev              ando  
 MLS   ME de fazer   MI

(3) *reclama*  
 re      clam              a  
 MLS   ME de sentir   MI

(4) *obtidas*  
 ob      t                      idas  
 MLS   ME de ser      MI

Nos três exemplos, as classes de ME delimitam a experiência. É importante observar que a experiência pode ser “permanecida” caso o morfema à direita seja da classe nominal. Assim, a experiência que nos exemplos (2), (3) e (4) é transitória pode ser realizada de forma

permanente ao trocar os morfemas “ando”, “a” e “idas” por “ação” ou “enção”, formando as palavras “elevação”, “reclamação” e “obtenção”. Diante disso, as palavras não seriam mais verbos, mas substantivos, colocando, portanto, a experiência em situação de permanência. Isso demonstra que os morfemas que realizam a transitoriedade são de fato os MIs.

### *O morfema interpessoal (MI)*

Uma vez que o MI realiza a transitoriedade do verbo, é possível apresentar as suas classes. Todas as classes de MI podem ser observadas no Quadro 7, abaixo.

Quadro 7 - As classes de MI

ORIENTAÇÃO INTERPessoAL		morfologia do padrão -AR		morfologia do padrão -ER		morfologia do padrão -IR		morfologia do padrão -OR	
TIPO DE ORIENTAÇÃO	TIPO DE PESSOA	ME	MI	ME	MI	ME	MI	ME	MI
presente	1S 2S 3S, 2S, 1P, 2P, 3P 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>o as a amos ais am</i>	<i>beb</i>	<i>o es e emos eis em</i>	<i>grunh</i>	<i>o es e imos is em</i>	<i>exp</i>	<i>onho ões õe omos ondes õem</i>
pretérito perfectivo I	1S 2S 3S, 2S, 1P, 2P, 3P 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>ei aste ou amos astes aram</i>	<i>beb</i>	<i>i este eu emos estes eram</i>	<i>grunh</i>	<i>i iste iu imos istes iram</i>	<i>exp</i>	<i>us useste ôs usemos usestes useram</i>
pretérito imperfeito	1S, 2S, 3S, 1P, 2P, 3P 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>ava avas ávamos áveis avam</i>	<i>beb</i>	<i>ia ias íamos íeis iam</i>	<i>grunh</i>	<i>ia ias íamos íeis iam</i>	<i>exp</i>	<i>unha unhas únhamos únheis unham</i>
pretérito perfectivo II	1S, 3S 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>ara aras áramos áreis aram</i>	<i>beb</i>	<i>era eras êramos êreis eram</i>	<i>grunh</i>	<i>ira iras íramos íreis iram</i>	<i>exp</i>	<i>usera useras uséramos uséreis useram</i>
passado volitivo	1S, 2S, 3S, 1P, 2P, 3P 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>aria arias ariamos aríeis ariam</i>	<i>beb</i>	<i>eria erías eríamos eríeis eriam</i>	<i>grunh</i>	<i>iria irías iríamos iríeis iriam</i>	<i>exp</i>	<i>oria orias oríamos oríeis oriam</i>
futuro	1S 2S 3S, 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>arei arás ará aremos areis arão</i>	<i>beb</i>	<i>erei erás erá eremos ereis erão</i>	<i>grunh</i>	<i>irei irás irá iremos ireis irão</i>	<i>exp</i>	<i>orei orás orá oremos oreis orão</i>

ORIENTAÇÃO INTERPessoAL		morfologia do padrão -AR		morfologia do padrão -ER		morfologia do padrão -IR		morfologia do padrão -OR	
TIPO DE ORIENTAÇÃO	TIPO DE PESSOA	ME	MI	ME	MI	ME	MI	ME	MI
subjuntivo conjuntivo	1S, 2S, 3S, 1P, 2P, 3P 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>e</i> <i>es</i> <i>emos</i> <i>eis</i> <i>em</i>	<i>beb</i>	<i>a</i> <i>as</i> <i>amos</i> <i>ais</i> <i>am</i>	<i>grunh</i>	<i>a</i> <i>as</i> <i>amos</i> <i>ais</i> <i>am</i>	<i>exp</i>	<i>onha</i> <i>onhas</i> <i>onhamos</i> <i>onhais</i> <i>onham</i>
subjuntivo condicional	1S, 2S, 3S, 1P, 2P, 3P 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>asse</i> <i>asses</i> <i>ássemos</i> <i>ásseis</i> <i>assem</i>	<i>beb</i>	<i>esse</i> <i>esses</i> <i>êssemos</i> <i>êsseis</i> <i>essem</i>	<i>grunh</i>	<i>isse</i> <i>isses</i> <i>íssemos</i> <i>ísseis</i> <i>issem</i>	<i>exp</i>	<i>usesse</i> <i>usesses</i> <i>ússemos</i> <i>ússeis</i> <i>usessem</i>
subjuntivo optativo	1S, 2S, 3S, 1P, 2P, 3P 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>ar</i> <i>ares</i> <i>amos</i> <i>ardes</i> <i>arem</i>	<i>beb</i>	<i>er</i> <i>eres</i> <i>ermos</i> <i>erdes</i> <i>erem</i>	<i>grunh</i>	<i>ir</i> <i>ires</i> <i>irmos</i> <i>irdes</i> <i>irem</i>	<i>exp</i>	<i>user</i> <i>useres</i> <i>usermos</i> <i>userdes</i> <i>userem</i>
imperativo I	2S, 2P, 3S 3S, 2S, 2P 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>a</i> <i>e</i> <i>emos</i> <i>ai</i> <i>em</i>	<i>beb</i>	<i>e</i> <i>a</i> <i>amos</i> <i>ei</i> <i>am</i>	<i>grunh</i>	<i>e</i> <i>a</i> <i>amos</i> <i>i</i> <i>am</i>	<i>exp</i>	<i>õe</i> <i>onha</i> <i>onhamos</i> <i>onde</i> <i>onham</i>
imperativo II	2S 3S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>es</i> <i>e</i> <i>emos</i> <i>eis</i> <i>em</i>	<i>beb</i>	<i>a</i> <i>as</i> <i>amos</i> <i>ais</i> <i>am</i>	<i>grunh</i>	<i>a</i> <i>as</i> <i>amos</i> <i>ais</i> <i>am</i>	<i>exp</i>	<i>onha</i> <i>onhas</i> <i>onhamos</i> <i>onhais</i> <i>onham</i>
não-finito concretizado	1S, 2S, 3S, 1P, 2P, 3P 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>ar</i> <i>ares</i> <i>amos</i> <i>ardes</i> <i>arem</i>	<i>beb</i>	<i>er</i> <i>eres</i> <i>ermos</i> <i>erdes</i> <i>erem</i>	<i>grunh</i>	<i>ir</i> <i>ires</i> <i>irmos</i> <i>irdes</i> <i>irem</i>	<i>exp</i>	<i>user</i> <i>useres</i> <i>usermos</i> <i>userdes</i> <i>userem</i>
infinitivo	-	<i>cant</i>	<i>ar</i>	<i>beb</i>	<i>er</i>	<i>grunh</i>	<i>ir</i>	<i>exp</i>	<i>or</i>
gerúndio	-	<i>cant</i>	<i>ando</i>	<i>beb</i>	<i>endo</i>	<i>grunh</i>	<i>indo</i>	<i>exp</i>	<i>ondo</i>
particípio	feminino-singular masculino-singular feminino-plural masculino-plural	<i>cant</i>	<i>ada</i> <i>ado</i> <i>adas</i> <i>ados</i>	<i>beb</i>	<i>ida</i> <i>ido</i> <i>idas</i> <i>idos</i>	<i>grunh</i>	<i>ida</i> <i>ido</i> <i>idas</i> <i>idos</i>	<i>exp</i>	<i>osta</i> <i>osto</i> <i>ostas</i> <i>ostos</i>

O Quadro 7 mostra todas as 276 classes de MI, exemplificando-as com os padrões morfológicos realizados pelas “flexões” dos verbos CANTAR, BEBER, GRUNHIR e EXPOR. Essas classes se organizam conforme três padrões morfológicos: tipo de orientação, tipo de pessoa e padrão de morfologia. O primeiro padrão morfológico, o tipo de orientação, responde pela orientação do morfema na interação, organizando-se em quinze morfologias diferentes: presente, pretérito perfectivo I, pretérito imperfectivo, pretérito perfectivo II, passado volitivo, futuro, subjuntivo conjuntivo, subjuntivo condicional, subjuntivo optativo, imperativo I, imperativo II, não-finito concretizado, infinitivo, gerúndio e particípio. Os tipos de orientação do MI operam no verbo de forma a orientá-lo interpessoalmente e temporalmente, realizando, assim, a transitoriedade da experiência. O segundo padrão morfológico, o tipo de pessoa, trata

da seleção da pessoa (morfologias de primeira “1”, segunda “2” e terceira “3” pessoas) e do número (morfologias de singular “S” e plural “P”) relativos ao sistema de SUJEITABILIDADE<sup>31</sup> da ordem da oração. E o terceiro padrão, o padrão de morfologia, refere-se ao MI de morfologia infinitiva, que padroniza a relação entre os tipos de orientação e de pessoa de acordo com quatro “terminações”: -AR, -ER, -IR e -OR. A relação entre esses três padrões morfológicos realiza todas as classes de MI.

Tratando mais detidamente dos tipos de orientação do MI, é possível afirmar que as morfologias de infinitivo, gerúndio e particípio são não-orientadas interpessoalmente, pois podem constituir verbos em grupos verbais que realizem na ordem da oração quaisquer opções do sistema de MODO. Assim, as morfologias de infinitivo, gerúndio e particípio não realizam a temporalidade no verbo (pois esta só pode ser realizada pelas morfologias orientadas interpessoalmente e finitas<sup>32</sup>), de modo que este pode compor grupos em orações que realizem qualquer MODO.

Além disso, é possível observar no Quadro 7 que as morfologias de infinitivo e gerúndio não apresentam padrões relacionados ao tipo de pessoa, e que o particípio apresenta tipos de pessoa específicos dessa morfologia. Isso se deve ao fato de somente morfologias orientadas interpessoalmente apresentarem algum padrão de tipo de pessoa. Como foi dito acima, o padrão morfológico de tipo de pessoa se relaciona diretamente com o sistema de SUJEITABILIDADE, da ordem da oração, e que faz parte do sistema de MODO do português brasileiro. E uma vez que as morfologias de infinitivo, gerúndio e particípio não são orientadas interpessoalmente, podendo ocorrer em qualquer MODO, esses MIs não se relacionam com sistema de SUJEITABILIDADE, como as demais morfologias, que são orientadas interpessoalmente.

Faz-se necessário, então, discutir o caso da morfologia de particípio. Como pode ser observado no Quadro 7, o particípio apresenta quatro morfologias de tipo de pessoa: (i) feminino-singular, (ii) masculino-singular, (iii) feminino-plural, e (iv) masculino-plural. Em português brasileiro, a classe de palavra que também apresenta morfologia para gênero é a das palavras nominais. Assim, o particípio apresenta um MI que se assemelha ao morfema que compõe as palavras nominais, mas que não caracteriza a palavra como nominal. O exemplo (5) apresenta uma oração com um verbo composto por um MI de morfologia do particípio.

---

<sup>31</sup> Para maiores detalhes sobre o sistema de SUJEITABILIDADE, conferir Figueredo (2011, p. 184-194).

<sup>32</sup> É importante salientar que a temporalidade é realizada na ordem da palavra. Tempo e aspecto são outras formas de construção temporal, e são realizadas na ordem da oração.

- (5) ***Tido** como a "cereja do bolo" de Vanderlei Luxemburgo no ano passado, ele atuou por apenas três meses, sem demonstrar o mesmo futebol de antes.*

Observa-se no exemplo (5) que o verbo “tido” é o único componente do grupo verbal (sublinhado) que realiza o Processo/Predicador na oração (em negrito), realizando, assim, a experiência transitória. Ainda que a oração seja não-finita e o MI não orientado interpessoalmente, a experiência do ME é inserida na interação transitoriamente, o que é evidenciado pelo fato de esse verbo realizar as funções de Processo e Predicador na oração.

No entanto, verbos com morfologia de particípio também podem operar como Qualidade no grupo nominal, como pode ser observado no exemplo (6), onde o verbo “escolhida” qualifica o substantivo “modalidade”.

- (6) *Independentemente da **modalidade escolhida**, o profissional em Letras deve ter domínio do uso da língua ou das línguas*

Porém, o verbo “escolhida” poderia ser desmetaforizado em uma oração maior e finita, encaixada na estrutura do grupo nominal: “que foi escolhida”. O mesmo movimento não seria possível se houvesse um morfema “nominal” no lugar do MI, como por exemplo os substantivos “escolha” e “escolhimento” (este último com uma probabilidade de ocorrência que tende a zero), que nem mesmo podem ocupar a mesma posição que “escolhida” ou realizar a função de modificação. Dessa forma, ainda que o verbo “escolhida” não opere em um grupo verbal na realização de um Processo, ele pode ser desmetaforizado, revelando a transitoriedade do MI. Além disso, mesmo que a morfologia de particípio se assemelhe a morfemas nominais, ela ainda é capaz de construir a transitoriedade da experiência. Isso é demonstrado tanto pelo exemplo (5), quanto pela possibilidade de desmetaforização do verbo no exemplo (6).

Diante disso, é possível pensar em um contínuo da experiência, cujos polos são a permanência e a transitoriedade. A morfologia de particípio estaria, assim, num ponto mais próximo do centro desse contínuo, possibilitando que o verbo com morfologia de particípio realize a transitoriedade, mas apresentando características da permanência – como gênero e número. Esse contínuo da experiência é ilustrado pela Figura 10.

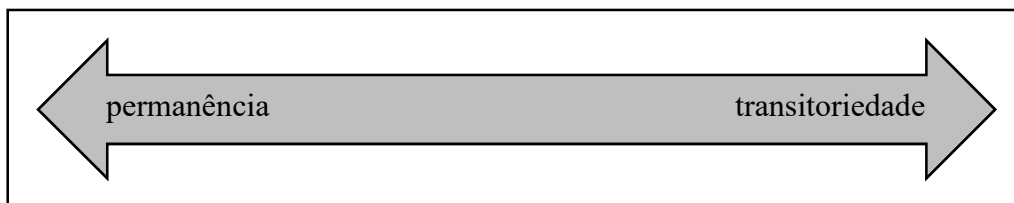


Figura 10 - O contínuo da experiência

Em relação às morfologias de subjuntivo conjuntivo, subjuntivo condicional, subjuntivo optativo, imperativo I, imperativo II e não-finito concretizado, todas elas são orientadas interpessoalmente, porém são não-finitas. Devido ao fato de serem orientadas interpessoalmente, essas morfologias apresentam padrões de tipo de pessoa. Porém, como são não-finitas, essas morfologias não realizam a temporalidade.

Devido ao fato de realizarem a transitoriedade da experiência, essas morfologias permitem ao verbo funcionar na oração como Processo e Predicador. Porém, como essas morfologias são não-finitas, elas não podem ser retomadas na negociação. Antes, caso a proposição ou proposta tenha sua experiência transitória realizada por essas morfologias, na interação serão utilizadas morfologias finitas para negociar essa experiência, como exemplificado pela interação a seguir:

- (7) *Falante1: Poderia ver com você o que a gente faz. **Fala.***  
*Falante2: **O que eu te falo?***

Nesse exemplo, observa-se que o Falante1 demanda bens-&-serviços do Falante2, realizado pelo verbo “fala” com morfologia de imperativo I. No entanto, ao negociar o comando, o Falante2 apresenta uma demanda de informações finita, ancorando o verbo no tempo em uma morfologia finita.

Por fim, as morfologias de presente, pretérito perfectivo I, pretérito imperfectivo, pretérito perfectivo II, passado volitivo e futuro são orientadas interpessoalmente e finitas. Portanto, apresentam padrões de tipo de pessoa e realizam a temporalidade. Como são finitas, essas morfologias podem participar da negociação por ancorarem a experiência em um ponto no tempo relativo ao “aqui e agora” da interação.

Já em relação aos padrões de tipo de pessoa, eles encerram padrões relacionados à pessoa e ao número, formando um total de seis morfologias: primeira-singular “1S”, segunda-singular “2S”, terceira-singular “3S”, primeira-plural “1P”, segunda-plural “2P” e terceira plural “3P”. Como dito anteriormente, a morfologia dos tipos de pessoa relaciona-se diretamente ao sistema de SUJEITABILIDADE da ordem da oração. Portanto, o MI ancora a experiência transitória na interação ao relacionar essa experiência ao Sujeito.

Cabe aqui ressaltar que em português brasileiro não há um morfema de orientação interpessoal e outro de tipo de pessoa. Antes, ambas as características são realizadas em um único morfema. A maioria das gramáticas apresentadas na introdução considera a existência de dois morfemas distintos (e.g. CEGALLA, 2008; CUNHA; CINTRA, 2008; FERRAREZI JUNIOR; TELES, 2008; PERINI, 2008). No entanto, ao se observar no Quadro 7 as realizações das categorias de MI, não é possível estabelecer um morfema para cada característica. Portanto, o MI “o” em “canto” encerra tanto a morfologia de presente quanto a morfologia de primeira-singular.

Explorando um pouco mais relação entre a morfologia de tipo de pessoa e o sistema de SUJEITABILIDADE, é possível observar no Quadro 7 os padrões realizados pelo MI. Todas as morfologias orientadas interpessoalmente apresentam um padrão de realização para as seis morfologias de tipo de pessoa; excetuando-se as morfologias imperativas, que não realizam a opção de 1S, não havendo, portanto, uma opção do MODO imperativo direcionada exclusivamente ao falante.

Sobre a relação entre tipo de pessoa e o sistema de SUJEITABILIDADE, começando pela morfologia de primeira-singular, ela associa-se ao Sujeito: interlocutor: falante & singular. A morfologia de segunda-singular associa-se ao Sujeito: interlocutor: ouvinte & singular. Com relação à morfologia de terceira-singular associa-se ao Sujeito: não-interlocutor & singular. A morfologia de primeira-plural, por sua vez, associa-se ao Sujeito: interlocutor: falante & plural. Além disso, a morfologia de segunda-plural associa-se ao Sujeito: interlocutor: ouvinte & plural. E, por fim, a morfologia de terceira-plural associa-se ao Sujeito: não-interlocutor & plural.

Para a morfologia de presente há somente uma opção de realização para 1S e uma para 3S, como pode ser visto no Quadro 7. As demais opções (2S, 1P, 2P e 3P) podem ser realizadas por morfologias individualizadas ou podem ser realizadas pela mesma opção que 3S.

A morfologia de pretérito perfeito I segue o mesmo padrão que o presente: 1S e 3S sendo realizados por morfologias específicas; 2S, 1P, 2P e 3P sendo realizados por morfologias específicas ou assumindo a mesma forma que 3S.

Em relação à morfologia de pretérito imperfeito, existe uma única opção que realiza tanto 1S quanto 3S. As outras opções (2S, 1P, 2P e 3P) podem ser realizadas por morfologias individualizadas ou podem ser realizadas pela mesma opção que 1S/3S.

A morfologia de pretérito perfectivo II apresenta uma mesma opção para 1S e 3S. Diferente do que foi observado nos casos anteriores, as demais morfologias (2S, 1P, 2P e 3P) só podem ser realizadas por opções individualizadas, como pode ser visto no Quadro 7.

Já o passado volitivo apresenta uma configuração semelhante à morfologia de pretérito imperfeito: há uma única opção que realiza 1S e 3S; e 2S, 1P, 2P e 3P podem ser realizadas por morfologias individualizadas ou podem ser realizadas pela mesma morfologia que 1S/3S.

A morfologia de futuro também possui uma configuração peculiar. Aqui cada morfologia é realizada individualmente. Sobre realizações semelhantes, somente 2S é que pode ser realizado pela mesma morfologia que 3S.

Em relação às morfologias de subjuntivo, todas as três possuem a mesma configuração: apresentam uma única opção que realiza tanto 1S quanto 3S. As outras opções (2S, 1P, 2P e 3P) podem ser realizadas por morfologias individualizadas ou ser realizadas pela mesma opção que 1S/3S.

As morfologias de imperativo, como informado anteriormente, não apresentam a opção 1S. Isso se deve ao fato de não haver um comando realizado gramaticalmente no MODO imperativo direcionado ao próprio falante. Para isso, é necessária uma metáfora gramatical. O exemplo (8) abaixo ilustra essa metáfora gramatical, na qual o comando “direcionado exclusivamente para o falante” é realizado pelo verbo modal “tenho” acompanhado da conjunção “que” na estrutura do grupo verbal. Portanto, as morfologias de imperativo possuem somente os tipos de pessoa 2S, 3S, 1P, 2P, 3P.

(8) ***tenho que encaminhar*** ao C. uma solicitação por escrito

Com relação às morfologias de imperativo I, o Quadro 7 mostra: duas opções que realizam as morfologias 2S, 2P e 3S; as morfologias 1P e 3P apresentando somente opções individualizadas; e a morfologia 2P podendo também apresentar uma opção individualizada.

Já em relação às morfologias de imperativo II, observa-se no Quadro 7 que só existem opções individualizadas para cada morfologia.

Por fim, as morfologias de não-finito concretizado apresentam uma única opção realizando tanto 1S quanto 3S, enquanto as outras opções (2S, 1P, 2P e 3P) podem ser realizadas por morfologias individualizadas ou ser realizadas pela mesma opção que 1S/3S.

O Quadro 7 apresenta todas as possibilidades de MI. Porém, esse quadro não apresenta informações sobre a probabilidade de ocorrência dos tipos de pessoa, muito menos estabelece uma prescrição ao uso das morfologias de pessoa e número. Pelo contrário, esse quadro apresenta um panorama geral dos MIs do português brasileiro, atentando para todas as possibilidades de realização na palavra, conforme as suas classes.<sup>33</sup>

Diante disso, é importante considerar a abordagem de Bagno (2012). Ao tratar sobre a “conjugação” verbal, Bagno (2012) comenta sobre o que ele denomina de “tradição gramatical do português”. Segundo o autor, a tradição há séculos vem utilizando o mesmo quadro para representar o “paradigma de conjugação verbal” (BAGNO, 2011, p. 539). O problema é que esse quadro não corresponderia a nenhuma das variedades do português brasileiro. Nesse contexto, ele propõe um “continuum dialetal” (BAGNO, 2011, p. 540), sobre o qual as muitas variedades sociolinguísticas da língua estariam distribuídas. Em um dos polos, estariam “variedades rurais e/ou urbanas menos prestigiadas”, e no outro estariam as “variedades urbanas mais prestigiadas”. As morfologias de tipo de pessoa estariam, portanto, distribuídas nesse contínuo.

Em termos sistêmicos, esse contínuo organiza as morfologias de tipo de pessoa segundo a avaliatividade (cf. MARTIN; WHITE, 2005). Tomando emprestado de Bagno (2012) a ideia de um contínuo que organiza os tipos de pessoa, é possível desenhar um contínuo de avaliatividade, como ilustrado pela Figura 11.

Observa-se na Figura 11 que as morfologias de tipo de pessoa variam em grupos representados pelas letras A, B, C e D. O grupo A apresenta avaliatividade mais negativa, seguido pelo B e C, sendo o D com avaliatividade mais positiva. Quanto mais próximo do polo

---

<sup>33</sup> O sistema que organiza as opções de MI conforme suas funções no verbo é discutido em detalhes na seção 4.1.2.

de avaliatividade negativa, mais os tipos de pessoa são realizados pela mesma opção; como é o caso das morfologias 2S, 3S, 1P, 2P e 3P serem realizados pelo mesmo MI. Por outro lado, quanto mais próximo do polo de avaliatividade positiva, mais os tipos de pessoa são realizados por opções individualizadas; como é possível observar nas colunas correspondentes ao grupo D. Portanto, enquanto o Quadro 7 apresenta todas as possibilidades de realização, o contínuo de avaliatividade do tipo de pessoa estabelece uma variável de contexto que orienta essas possibilidades de realização.

A			B			C			D		
tipo de pessoa	ME	MI	tipo de pessoa	ME	MI	tipo de pessoa	ME	MI	tipo de pessoa	ME	MI
1S		o	1S		o	1S		o	1S		o
2S, 3S, 1P, 2P, 3P	fal	a	2S, 3S, 1P	fal	a	2S, 3S, 1P	fal	a	2s	fal	as
									2S, 3S		a
			1P			amos			2P		ais
			2P, 3P			am			2P, 3P		am

Figura 11 - O contínuo de avaliatividade das morfologias de tipo de pessoa

Fonte: formulada com base em Bagno (2012, p. 539).

Por fim, o padrão de morfologia refere-se ao MI de morfologia infinitiva, que padroniza a relação entre os tipos de orientação e de pessoa de acordo com quatro “terminações”: -AR, -ER, -IR e -OR.

Antes de iniciar qualquer discussão mais detalhada sobre o padrão de morfologia, é importante definir o motivo de esse padrão na organização dos MIs se chamar assim. Diversos autores, abordando o verbo a partir de diferentes perspectivas, consideram que eles apresentam três ou quatro “conjugações” (e.g. CÂMARA JR., 1964; PERINI, 2005; CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 2009). A noção de “conjugação” parte da ideia de existência de uma forma-base do verbo, a partir da qual todas as demais são derivadas, por meio da “flexão” ou

“conjugação” desse verbo, alterando-se seu MI. Porém, o que se observa na abordagem sistêmica do verbo é que cada classe de MI possui uma função específica no verbo (cf. seção 4.1.2), mesmo os MIs que compõem os verbos infinitivos.

Dessa forma, a relação entre a padronização de MIs conforme -AR, -ER, -IR e -OR e as classes de MI não é de uma variação a partir de uma forma-base, mas sim da existência de classes diferentes com funções diferentes no verbo. Por isso, o termo “conjugação” não é utilizado nesta descrição, pois até o próprio verbo infinitivo (que serve como lema, representando a padronização na realização das morfologias de tipo orientação e de pessoa) apresenta-se como uma classe com função específica.

A partir do entendimento de que cada classe de MI possui uma função no verbo, é possível discutir um pouco mais a fundo as padronizações -AR, -ER, -IR e -OR. Como pode ser observado no Quadro 7, o MI varia segundo o tipo de orientação, e quase todas as morfologias de tipo de orientação variam segundo o tipo de pessoa. No entanto, há quatro padrões na realização dos MIs que organizam a relação entre os tipos de orientação.

Esses padrões diferenciam, por exemplo, a morfologia de presente e terceira-singular da padronização -AR, realizado pelo MI “a”, da padronização -ER, realizado por “e”. Assim, as 69 morfologias possíveis pela relação entre tipo de orientação e tipo de pessoa são padronizadas de acordo com essas quatro “terminações”, totalizando 276 classes de MI. Portanto, cada classe é definida pelas morfologias de tipo de orientação, tipo de pessoa e padronização.

Como foi brevemente comentado na introdução, alguns autores argumentam pela existência de três morfologias padronizadas (e.g. CEGALLA, 2008; CUNHA; CINTRA, 2008) e outros argumentam pela existência de quatro (e.g. FONSECA; ARAGÃO, 1951; FERRAREZI JUNIOR; TELES, 2008).

Os autores que argumentam a favor de três morfologias padronizadas argumentam que as “terminações” seriam -AR, -ER e -IR, sendo a “terminação” -OR uma variação de -ER. A explicação dessa postura estabelece-se numa perspectiva etimológica (i.e. diacrônica), na qual os verbos do padrão -OR seriam todos “derivados” do verbo “pôr” que tem sua origem latina, no verbo “*ponere*”, que era da “segunda conjugação” dessa língua. Assim, a “terminação” -OR seria uma “forma variada”, uma “exceção” ou “irregularidade” de -ER, justificada pela origem latina do verbo “pôr”.

No entanto, como foi informado anteriormente neste quarto capítulo, a transitoriedade é delimitada experiencialmente pelo ME e modificada logicamente pelo MLS. Diante disso, o verbo “pôr” pode ser considerado como uma experiência, enquanto “expor”, “contrapor”, “repor” e “supor” seriam outras experiências. Assim, temos em português brasileiro uma série de verbos formando um padrão de morfologia pela modificação do ME “p” do verbo “pôr”, criando novos significados que seguem um mesmo padrão na relação entre a morfologia de tipo de orientação e de pessoa que os diferenciam das outras três padronizações. Portanto, observa-se no português uma padronização -OR que não é uma “forma variada”, uma “exceção” ou “irregularidade” da padronização -ER, mas uma padronização própria. Isso é ilustrado pelo Quadro 7, que mostra as singularidades na padronização das relações de tipo de orientação e de pessoa de -OR frente às demais padronizações.

Em conclusão, as classes de MI são definidas a partir da relação entre essas três características: tipo de orientação, tipo de pessoa, e padrão de morfologia. A relação entre essas características organiza o MI em 276 classes. Todas essas classes estão exemplificadas no Quadro 7.

Além de tudo isso, cabem ainda nesta descrição observações acerca de possíveis adaptações grafológicas do MI e do tratamento dos chamados “verbos irregulares”.

É comum que sejam realizadas adaptações grafológicas para a manutenção da fonologia do ME. Por exemplo, o verbo “pegar” pode ser composto pelo MI da classe presente & primeira-singular “o” formando o verbo “pego”; mas também pode ser composto pelo MI da classe passado & primeira-singular “ei” formando o verbo “peguei”. Observa-se neste caso a inclusão da letra “u” no final no ME; porém não há a inclusão de um fonema /u/ nessa palavra: /pegei/, com o ME representado por /peg/. Assim, se a letra “u” não tivesse sido inserida no final do ME, o verbo seria realizado como “pegei”, representado fonologicamente por /pezei/, com o ME /pez/. Portanto, a letra “u” no fim do ME possibilita que o ME do verbo não sofra mudanças fonológicas.

Outros casos semelhantes estão dispostos no Quadro 8, onde podem ser observadas as formas do ME dos pares de palavra “pecar-pequei”, “ficar-fiquei” e “alegar-aleguei”, com e sem adaptação grafológica, respectivamente. Observa-se que as letras “qu” são realizadas no lugar de “c”, e a letra “u” é colocada após o “g”, de forma que a fonologia dos MEs é a mesma.

Quadro 8 - Exemplos de MEs com adaptação grafológica

sem adaptação grafológica			com adaptação grafológica		
verbo	ME	MI	verbo	ME	MI
pecar	<i>pec</i>	<i>ar</i>	pequei	<i>pequ</i>	<i>ei</i>
ficar	<i>fic</i>	<i>ar</i>	fiquei	<i>fiqu</i>	<i>ei</i>
alegar	<i>aleg</i>	<i>ar</i>	aleguei	<i>alegu</i>	<i>ei</i>

Portanto, essas adaptações grafológicas não representam uma mudança nos morfemas ME, mas somente uma adaptação da grafologia que realiza esses morfemas de forma a manter a mesma fonologia conforme os padrões ortográficos do português brasileiro.

Por fim, cabe ressaltar que nesta dissertação não foi realizado um estudo aprofundado dos chamados “verbos irregulares”, atendo-se a uma observação inicial somente. Esses verbos tratados como “irregulares”, como os representados pelos lemas “ser”, “estar” e “fazer”, podem apresentar várias formas diferentes das apresentadas no Quadro 7. No entanto, é possível categorizar duas formas principais de “irregularidade”: (i) alteração do MI somente, como em “serei” e “estarei”; (ii) alteração do ME e do MI, formando um morfema único como em “é”, “fui” e “fiz”. Entretanto, devido ao curto espaço de tempo em que foi realizada esta pesquisa, não foi possível investigar mais a fundo esse fenômeno, traçando um padrão mais detalhado dos MEs e MIs que compõem esses verbos.

#### *O morfema lógico-semântico (MLS)*

Como declarado no início desta seção, o MLS tem a função de modificar o ME. Para isso, é estabelecida uma relação lógico-semântica entre esses dois morfemas, possibilitando que mais de um MLS modifique a experiência do verbo. É importante ressaltar que os MLSs não podem construir a experiência na estrutura do verbo sozinhos.

Os MLSs encontrados no corpus desta pesquisa estão dispostos no Quadro 9, juntamente com alguns exemplos de verbos constituídos por eles encontrados no Calibra. Estes MLSs, no entanto, não necessariamente representam todas as possíveis instâncias de MLS em português brasileiro. Uma investigação de um corpus diferente e/ou com maiores dimensões pode revelar novos MLS.

Como se observa nesse quadro, em todos os exemplos o MLS está modificando o ME. A modificação pode ser realizada por um (“**re**-clama” e “**co**-nhecia”) ou por mais de um MLS (“**com-pre**-ender” e “**des-en**-volveu”).

Nesta dissertação o MLS não foi estudado em maiores detalhes, possibilitando uma classificação em maior delicadeza desses morfemas verbais. No entanto, é importante destacar a importância do MLS para a construção do verbo. Pois, ao modificar a experiência realizada pelo ME, o MLS possibilita a criação de novos significados.

Quadro 9 - Os MLSs observados nesta pesquisa

MLS	Exemplos
a(b)	<i><b>a</b>brigar, <b>a</b>conteceu</i>
a(d)	<i><b>a</b>creditava, <b>a</b>rrepender, <b>a</b>dmirar, <b>a</b>desapareceram</i>
al	<i><b>a</b>lardeadas</i>
co(m/n)	<i><b>c</b>onhecia, <b>c</b>omeçou, <b>c</b>onfundir, <b>c</b>ompreender, <b>c</b>omendo</i>
de/des/dis	<i><b>d</b>efende, <b>d</b>esmentidas, <b>d</b>iscutir, <b>d</b>esapareceram</i>
en/in/im/i	<i><b>e</b>ncerra, <b>i</b>nfluenciou, <b>i</b>mporta, <b>i</b>luminando, <b>d</b>esenvolveu</i>
es/ex/e	<i><b>e</b>sclarecendo, <b>e</b>xplicar, <b>e</b>levando</i>
i(n)	<i><b>i</b>rritar</i>
inter	<i><b>i</b>nterrompido</i>
o(b)	<i><b>o</b>casionando, <b>o</b>btidas, <b>p</b>reocupando</i>
per	<i><b>p</b>ermite</i>
pre/pro	<i><b>p</b>recisava, <b>p</b>rocurar, <b>c</b>ompreender, <b>a</b>presentou</i>
re	<i><b>r</b>eclama, <b>a</b>rrepender, <b>r</b>epresenta</i>
se	<i><b>s</b>elecionei</i>
solí/solu	<i><b>s</b>olicitar</i>

#### 4.1.2. Os sistemas que organizam a estrutura do verbo

Após apresentar as três classes de morfema que operam no verbo, passa-se agora para a apresentação dos sistemas que organizam a estrutura do verbo segundo essas classes. Esta seção trata primeiramente do sistema de TIPO DE EXPERIÊNCIA, seguido do sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, e, por fim, do sistema de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL.



*O sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA*

Anteriormente foram apresentados os MLSs, a classe de morfemas que modificam a experiência na estrutura do verbo. Foi dito que a relação estabelecida entre MLSs e o ME é uma relação lógico-semântica, o que possibilita uma modificação iterativa do ME. Porém, também se observa uma relação lógico-semântica entre dois MEs. Dessa forma, a experiência pode ser modificada por MLSs e também por outro ME. O sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA realiza essa relação lógico-semântica de modificação.

Em relação à modificação da experiência por MLSs, como foi dito e exemplificado anteriormente, ela é realizada de forma iterativa, possibilitando a seleção de vários morfemas. A função exercida pelos MLSs no verbo é a de Modificação. O sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, realizado pela Modificação, pode ser ilustrado pela Figura 12.

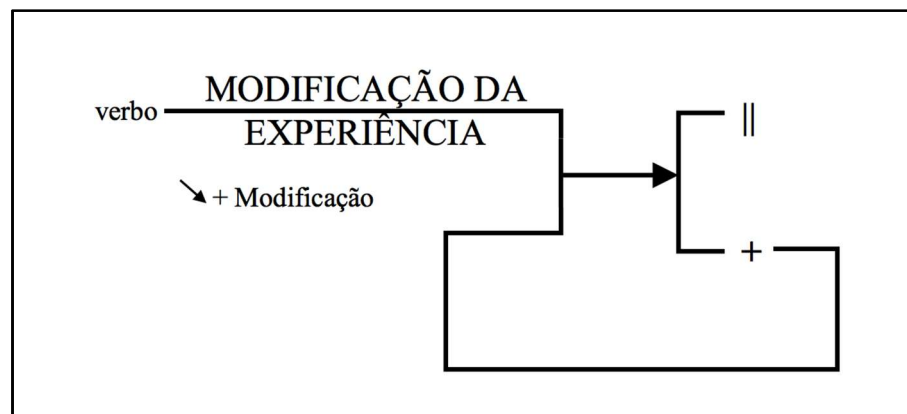


Figura 12 - O sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Observa-se na figura que a condição de entrada do sistema é o verbo, pois é na estrutura do verbo que o sistema é realizado. Desenha-se então um sistema realizado pela Modificação que a organiza iterativamente, isto é, o sistema pode selecionar novamente uma nova interação (“+”) ou interrompê-la (“||”).

Nesta descrição não foram abordadas opções mais delicadas deste sistema, como tipos de relação lógico-semântica ou de taxa. Porém, é importante salientar a importância desse sistema para a realização da experiência na estrutura do verbo, pois é responsável por modificar a experiência de forma a construir novas.

Além da modificação da experiência por MLSs, ela também pode ser realizada pelos próprios MEs. O Quadro 10 apresenta os casos observados no Calibra, exemplificando-os.

Quadro 10 - MEs modificando outros MEs

ME	Exemplos
cont	<b>controlar</b>
neg	<b>negligenciado</b>
trans	<b>transformaram</b>

Como se observa no Quadro 10, os morfemas “cont”, “neg” e “trans” modificam os MEs “rol”, “ligenci” e “form”, respectivamente. É importante notar que, pelo fato de serem MEs, os primeiros poderiam perfeitamente realizar a função de Experiência no verbo, por exemplo: “contar”, “negado” e “transaram”. Diante disso, no caso dos verbos do Quadro 10 observa-se um complexo de MEs.

A estrutura dos complexos de MEs é formada por dois desses morfemas em uma relação lógico-semântica realizando uma única Experiência no verbo. Nessa estrutura, o primeiro ME modifica o segundo, realizando, assim, uma nova experiência. Porém, ainda se trata de uma única experiência por se tratar de um complexo de MEs.

Nesta descrição não foi feita uma investigação mais aprofundada da modificação por MEs e da estrutura complexa realizada por essa modificação. No entanto, é importante ressaltar a diferença na realização das modificações do ME. Enquanto o MLS realiza o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA operando como Modificação na estrutura do verbo, a modificação por outros MEs é realizada por um outro tipo de estrutura: o complexo. Desse modo, ainda que existam essas duas formas de modificar a experiência, elas são realizadas de maneiras diferentes na estrutura do verbo. Portanto, o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA é realizado somente por MLSs, que têm a função de Modificação no verbo. Assim, a modificação por MEs constrói um sistema próprio de complexidade.

#### *O sistema de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL*

Na seção anterior foram apresentadas todas as classes de MI, que conferem à experiência seu caráter transitório. As classes de MI são organizadas conforme três padrões morfológicos: tipo de orientação, tipo de pessoa e padrão de morfologia. Ao todo, existem 276 classes de MI,

que variam segundo a relação estabelecida entre tipo de orientação, tipo de pessoa e padrão de morfologia.

Na estrutura do verbo, o MI realiza a função de Verbalidade. É essa função que possibilita que este se insira em algum ponto da transitoriedade referente ao “agora” do falante na interação. A Verbalidade é a função que realiza o sistema de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL, que pode ser visualizado na Figura 13.

Observa-se na Figura 13 que todos os termos do sistema são realizados pelas morfologias de MI apresentadas na seção anterior. Observa-se também as opções menos delicadas do sistema: orientado e não-orientado. Em conformidade com o que foi dito na apresentação das classes de MI na seção 4.1.1, somente os MIs orientados interpessoalmente também selecionam opções no sistema de TIPO DE PESSOA. O participio, no entanto, também apresenta morfologia de número, o que leva à formação de uma disjunção de modo que também possa selecionar opções desse sistema.

Também é possível observar no sistema que todas as opções mais delicadas de orientado organizam-se nos subsistemas de TIPO DE PESSOA e TIPO DE ORIENTAÇÃO. O sistema de TIPO DE PESSOA relaciona-se diretamente com o de SUJEITABILIDADE, da ordem da oração. Assim, ele apresenta os subsistemas de PESSOA e NÚMERO com as mesmas opções que o sistema de SUJEITABILIDADE. Isso se deve ao fato de a Verbalidade ser a função responsável por inserir o verbo na interação, sendo possível argumentar que a Verbalidade opera de modo a inserir não somente o verbo, mas a própria experiência transitória na interação.

Diante disso, a Verbalidade possibilita que a experiência transitória faça parte do Negociador<sup>34</sup>, de modo que o verbo pode compor o grupo verbal, realizando as funções de Finito e/ou Predicador que fazem parte desse elemento. Assim, como a Verbalidade relaciona-se diretamente com o Sujeito, ela apresenta padrões morfológicos que evidenciam gramaticalmente essa relação, sendo essa relação realizada pelos mesmos sistemas de NÚMERO e PESSOA. Portanto, a Verbalidade coloca o verbo como parte do “núcleo de significados interpessoais na oração” (FIGUEREDO, 2011, p. 180).

Cabe ressaltar, no entanto, que, para o verbo poder ser negociado, ele deve estar inserido no tempo. Assim, os únicos verbos negociáveis são os finitos, pois, como se observa na Figura 13, estes selecionam alguma opção no sistema de TEMPORALIDADE.

---

<sup>34</sup> Para maiores detalhes sobre o Negociador, conferir Figueredo (2011, p. 180).

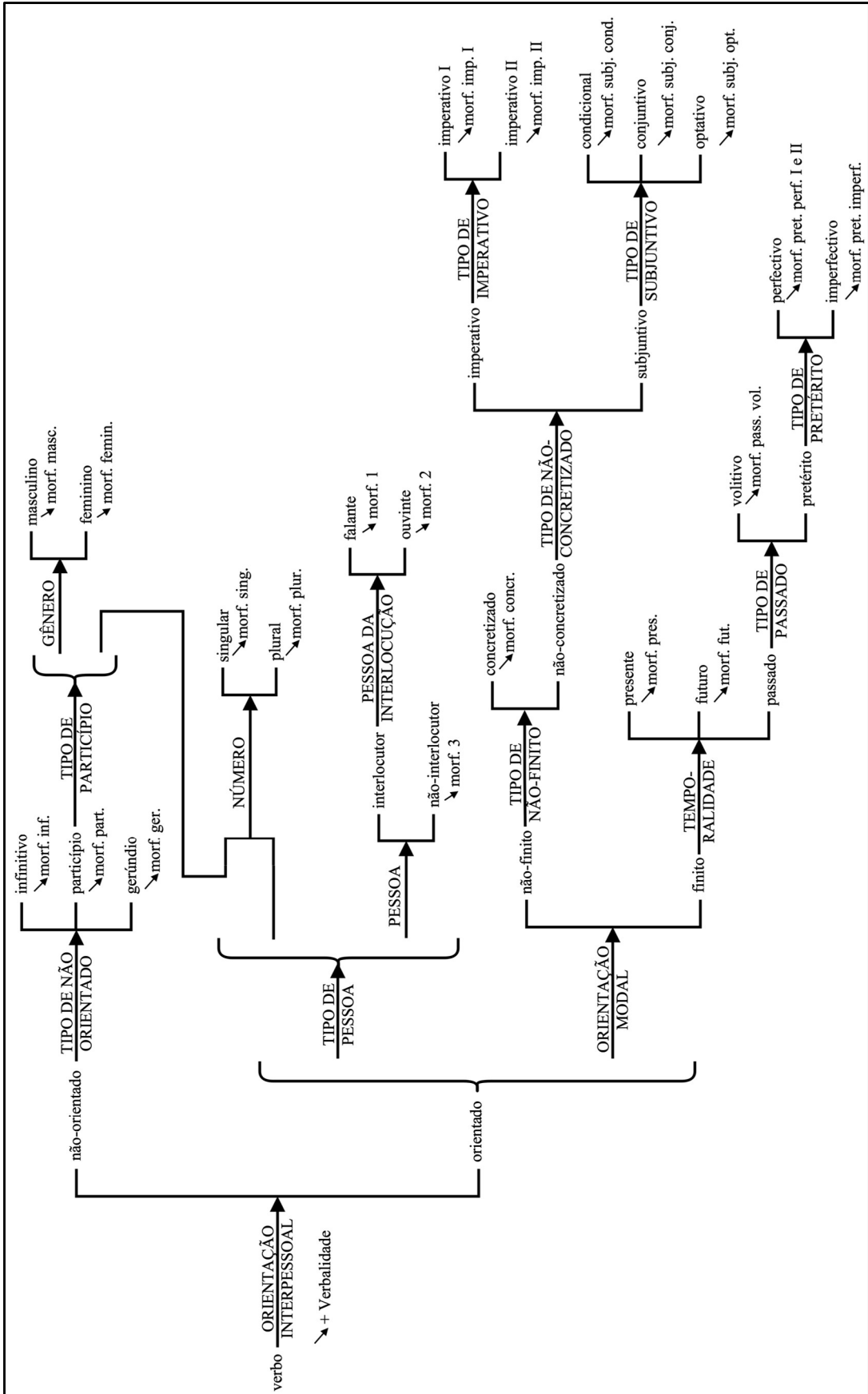


Figura 13 - Rede do sistema de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL



únicos componentes do grupo verbal, os não-orientados só podem realizar orações presas (*bound clauses*), justamente por não realizarem nenhum MODO.

Ainda sobre os verbos não-orientados, o principal contraste entre infinitivo, gerúndio e participípio se dá em relação ao desdobramento temporal<sup>35</sup> e ao aspecto que realizam. Ainda que esses verbos não situem a experiência em um ponto específico relativo ao “agora” da interação, eles contribuem com o desdobramento temporal e o aspecto nas ordens do grupo e da oração. Assim, o infinitivo constrói um desdobramento atual com aspecto imperfectivo, o gerúndio constrói um desdobramento simultâneo e imperfectivo, e o participípio, um desdobramento atual e perfectivo.

Dentre os verbos não-finitos, destaca-se o concretizado. Tradicionalmente, este verbo é tratado pela alcunha de “infinitivo pessoal”. No entanto, o verbo infinitivo não seleciona nenhuma opção no sistema de TIPO DE PESSOA, o que leva à criação de uma nova nomenclatura.

O verbo concretizado se diferencia dos demais não-finitos por realizar um significado que pode ser caracterizado como “realis”, enquanto os demais caracterizam-se por serem “irrealis”. O exemplo (15) ilustra o uso do verbo concretizado.

(15) *solicito uma resposta a este email, em que sinalizem serem favoráveis ou contrários a esta minha demanda.*

A nomenclatura deste verbo deriva do próprio teste que o caracteriza: a adição de “o fato de” antes do verbo. Assim, a oração do exemplo (15) ficaria da seguinte forma:

(16) *solicito uma resposta a este email, em que sinalizem o fato de serem favoráveis ou contrários a esta minha demanda.*

Isso demonstra que, ainda que o verbo seja não-finito, ele representa um fato concretizado, diferente dos verbos imperativos, que representam ordens, pedidos ou sugestões, e dos verbos subjuntivos, que representam suposições, desejos ou possibilidades.

---

<sup>35</sup> Para maiores detalhes sobre desdobramento temporal, conferir Figueredo (2011, p. 258).

O contraste entre imperativo I e II se dá pela possibilidade de uso do verbo juntamente com o Adjunto de Polaridade “não” na estrutura do MODO imperativo. Como explica Figueredo (2011, p. 208), o MODO imperativo com polaridade negativa “pode apresentar morfologia diferente daquela do imperativo positivo”, o que é ilustrado pelo exemplo (17).

- (17) Imperativo I: *ah, blush não compre*  
 Imperativo II: *ah, blush não compres*

Em relação aos verbos subjuntivos, o contraste entre eles pode ser explicado da seguinte maneira: (i) conjuntivo, sempre está precedido de uma conjunção, (ii) condicional, caracteriza uma condição, (iii) optativo, caracteriza um desejo ou esperança.

Sobre os verbos finitos, eles são os únicos a realizarem temporalidade. Por isso o sistema que define opções mais delicadas de verbos finitos é chamado TEMPORALIDADE. Verbos no presente e no futuro são os mais facilmente identificáveis, pois ancoram a experiência respectivamente no presente e no futuro relativos ao “agora” da interação. Já os verbos que realizam o passado apresentam certos contrastes em níveis maiores de delicadeza.

O verbo volitivo ancora a experiência no passado e representa um desejo (ou volição). O exemplo (18) ilustra esse tipo de verbo.

- (18) seria a pátria do evangelho porque iria abrigar todas as religiões

O volitivo se opõe ao pretérito, que representa experiências no passado concretizadas. Assim, enquanto o volitivo representa a experiência de forma “irrealis”, o pretérito ancora a experiência em um passado factual.

O pretérito então se divide em perfectivo e imperfectivo. A oposição entre esses dois tipos de verbo está relacionada ao aspecto realizado por eles, o que se reflete na própria nomenclatura.

Entretanto, o perfectivo apresenta duas morfologias possíveis: pretérito perfectivo I e II. Aqui o contraste está ligado ao tipo de texto em que apresentam maior frequência. Enquanto o perfectivo I encontra-se distribuído entre todos os processos sócio-semióticos e tipos de texto,

o perfeito II encontra-se mais restrito ao processo sócio-semiótico recriar, em veiculação escrita, ocorrendo com maior frequência em textos dos tipos conto, romance e narrativa.

Por fim, os exemplos (19), (20) e (21) ilustram respectivamente pretérito imperfeito, perfectivo I e perfectivo II.

(19) *o povo não acreditava*

(20) *eu conheci 3 delas pessoalmente no dia seguinte*

(21) *Naruto não pode terminar, pois fora interrompido por Sakura.*

#### 4.1.3. *As classes de verbo*

Após apresentar os sistemas que organizam a estrutura do verbo, é possível observar como este se organiza em classes terciárias de palavra. Esta seção trata das classes de verbo, formadas a partir da conjugação dos padrões ideacionais e interpessoais apresentados na seção anterior.

Em português brasileiro existem três classes de verbo: lexical, auxiliar e modal. O verbo lexical opera na ordem do grupo realizando a experiência do grupo verbal; o verbo auxiliar opera no grupo modificando a experiência na forma de tempo secundário e de aspecto verbal; e o verbo modal opera na ordem do grupo modificando a experiência por meio da avaliação modal do falante. Dentre essas três classes, o verbo lexical é o único elemento obrigatório a compor o grupo verbal.

É importante notar que qualquer uma das classes de verbo pode ser composta por quaisquer MIs. Portanto, qualquer classe de verbo pode operar como Núcleo na ordem do grupo verbal, o que é ilustrado pelos exemplos (22), (23) e (24), onde os Núcleos são realizados respectivamente pelos verbos lexical, auxiliar e modal.

(22) *Assim cantaram os boiadeiros nordestinos em sextilhas e decassílabos.*

(23) Não, está faltando a Sakura.

(24) Maiores informações e inscrições podem ser obtidas pelos e-mails:

Os verbos lexicais podem ter qualquer orientação ideacional, isto é, podem ser compostos por quaisquer MEs e ter quaisquer MLSs modificando-os. Assim, o verbo lexical é o que realiza a maior gama de experiências transitórias em português brasileiro.

Já os verbos auxiliares e modais podem ser compostos um conjunto finito de MEs, não admitindo a possibilidade de modificação por MLSs. Os seguintes verbos (representados por seus lemas) podem ser da classe dos verbos auxiliares: ESTAR, TER, VIR, IR, SER e HAVER. E os seguintes verbos podem ser da classe dos verbos modais: PODER, DEVER e HAVER.

No entanto, cabe ainda explicar que os verbos que podem ser da classe dos auxiliares ou modais não se restringem a essas classes, podendo também ser da classe dos lexicais. Isso significa que todos os verbos podem ser da classe lexical, enquanto só alguns podem ser auxiliares ou modais. Os exemplos abaixo ilustram as ocorrências dos verbos SER, TER e HAVER como verbos lexicais.

(25) O curso “Ecologia e Conservação da Mata Atlântica” é um curso de campo oferecido durante a Expedição Mata Atlântica.

(26) o fim da asa do 737-800NG tem uma subida na ponta.

(27) a partir de 1930 houve uma inflexão que foi admiravelmente bem estudada pelo nosso saudoso João Luiz Lafetá

Após definir as classes de verbo, torna-se possível observar as funções desempenhadas por essas classes na unidade imediatamente superior: o grupo verbal. No entanto, é necessário definir o que é um grupo verbal, assim como apresentar sua estrutura básica, para então tratar das funções das classes verbais na ordem do grupo. Para isso, passa-se à próxima seção, que vai abordar o grupo verbal também pela perspectiva trinocular.

## 4.2. O grupo verbal em português brasileiro

O grupo verbal é uma classe de grupo. Mais especificamente: é uma classe primária da unidade grupo, sendo um agrupamento de padrões dessa unidade que possuem a mesma função na oração. Isso significa que os grupos se agrupam conforme os padrões gramaticais que realizam na ordem da oração, formando a classe dos grupos verbais.

O grupo verbal pode ser definido a partir da perspectiva trinocular: “de baixo” o grupo verbal é constituído de verbos lexicais, auxiliares e modais que realizam as funções de Evento, Auxiliar e Modal, respectivamente, assim como a função de Núcleo, desempenhada por qualquer classe de verbo; “ao redor” o grupo verbal se organiza conforme o tipo de evento, a agência, o tempo verbal e o aspecto verbal, podendo também apresentar configurações complexas; e “de cima” o grupo verbal contribui para a construção da experiência, da transitoriedade da experiência e da negociação na ordem da oração, realizando as funções de Processo, Finito e Predicador.

O Quadro 11 apresenta a relação entre a unidade do grupo e as classes de grupo verbal e nominal (esta última sendo a única descrita até a realização desta pesquisa), assim como as funções dessas classes na oração. Como já foi dito em diversas ocasiões a partir do segundo capítulo desta dissertação, o grupo nominal realiza a experiência de permanência enquanto o grupo verbal realiza a de transitoriedade. O contraste na realização da experiência justifica o agrupamento desses grupos em classes diferentes. E esse contraste se reflete na composição dessas classes e nas funções nas funções que realizam na oração.

Quadro 11 - Unidade do grupo, classes de grupo e função na ordem da oração

Unidade	Classe	Função na oração
grupo	nominal	Sujeito, Complemento, Adjunto, Participante e Circunstância
	verbal	Processo, Finito e Predicador

Após definir a classe do grupo verbal e apresentar um panorama geral por meio da perspectiva trinocular, é possível tratar em detalhes cada uma das perspectivas. As próximas seções apresentam detidamente o grupo verbal “de baixo”, segundo sua constituição e as funções realizadas pelas classes de verbo que o compõem, “ao redor”, expondo os sistemas que

organizam sua estrutura; “de cima”, apresentando as contribuições do grupo verbal na construção de significado pela oração.

#### 4.2.1. Os verbos que constituem o grupo verbal e suas funções

O grupo verbal é constituído pelas seguintes classes de verbo: lexical, auxiliar e modal. Além das classes de verbo, também constituem o grupo verbal algumas preposições e conjunções. Essa constituição pode ser visualizada no Quadro 12, onde o grupo verbal “vai ter que formatar” é segmentado de acordo com as palavras que o constituem.

Quadro 12 - Exemplo de constituição do grupo verbal por palavras

Elementos	<i>vai</i>	<i>ter</i>	<i>que</i>	<i>formatar</i>
Classes de palavra	verbo auxiliar	verbo auxiliar	conjunção	verbo lexical

O verbo lexical é a palavra que realiza a experiência no grupo verbal, ocupando a posição final na estrutura do grupo. Verbos auxiliares e modais, assim como conjunções e preposições operam modificando o grupo verbal ideacionalmente e interpessoalmente, ocupando posições à esquerda do verbo lexical. A estrutura mínima do grupo verbal é formada unicamente pelo verbo lexical, que é o elemento “obrigatório”.

Como é possível observar no Quadro 12, o verbo lexical “formatar” ocupa a posição final na estrutura do grupo verbal, enquanto a primeira posição é ocupada pelo verbo auxiliar “vai”, seguido do auxiliar “ter” e da conjunção “que”. A oração em que esse grupo ocorre é apresentada pelo exemplo (28).

(28) a gente *vai ter que formatar* ele

É importante observar que esse grupo verbal poderia ser constituído somente pelo verbo lexical “formatar”, ocorrendo, por exemplo, em uma oração encaixada, como é ilustrado pelo exemplo (29).

(29) *será necessário formatar ele*

Diante disso, é possível argumentar que o verbo lexical carrega o conteúdo experiencial do grupo verbal, uma vez que esse conteúdo é o mesmo nos dois exemplos acima. Porém, no exemplo (28) a experiência do grupo verbal é modificada pelos elementos anteriores ao verbo lexical. No caso do grupo verbal “vai ter que formatar”, ele é modificado ideacionalmente pelo auxiliar “vai” e interpessoalmente pelo operador modal “ter que”. Nesse caso, os elementos que modificam o grupo não realizam qualquer conteúdo experiencial na ordem do grupo, apenas operando de forma a modificar o conteúdo da mudança (o quantum de mudança). Portanto, na estrutura do grupo verbal, os verbos lexicais realizam a experiência transitória, que pode ser modificada por outros elementos.

É importante observar que a experiência pode ser modificada tanto ideacionalmente quanto interpessoalmente. A modificação ideacional é realizada iterativamente por verbos auxiliares, enquanto a interpessoal é realizada por operadores modais, não sendo iterativa.

A modificação ideacional responde pela modificação temporal e aspectual da experiência, sendo realizada pelos verbos auxiliares: ESTAR, TER, VIR, IR, SER e HAVER. Por ser uma modificação iterativa, é possível ocorrer mais de um verbo auxiliar na estrutura do verbo, como ilustrado pelo exemplo (30), onde se observa os auxiliares “estar” e “sendo”.

(30) *A direção do IBGE alerta a população para o falso e.mail, que poderá estar sendo utilizado com finalidades escusas*

A modificação interpessoal é realizada por operadores modais. Esses operadores modais são formados pelos verbos modais (*poder, dever e haver*), e por um tipo de estrutura específica composta pelo verbo auxiliar *ter* juntamente com a preposição “de” e as conjunções “como” e “que”, apresentando três estruturas: “ter de”, “ter que” e “ter como”. Diante disso, a modificação é realizada por PODER, DEVER, HAVER, TER DE, TER QUE e TER COMO. Devido ao fato de a modificação interpessoal não ser iterativa, a estrutura do verbo só admite um operador modal. A modificação interpessoal pode ser observada no exemplo (28), acima, sendo realizada pelo operador modal TER QUE.

Portanto, a estrutura do grupo verbal é composta (i) por verbos lexicais, realizando a experiência, (ii) por verbos auxiliares, modificando ideacionalmente a experiência, e (iii) por operadores modais, modificando interpessoalmente a experiência. Com a definição das classes que compõem o grupo verbal, é possível explicar as funções por elas realizadas.

Encontram-se realizadas na estrutura do grupo verbal as funções de Evento, Auxiliar, Modal e Núcleo. O Evento é realizado por verbos lexicais, o Auxiliar, por verbos auxiliares, o Modal, por operadores modais, e o Núcleo por qualquer classe de verbo. Além disso, o Núcleo apresenta confluência com as outras funções, de forma que os verbos que realizam a função de Evento, Auxiliar ou Modal podem também realizar a função de Núcleo.

Figueredo (2011) tece alguns comentários sobre a estrutura do grupo verbal em relação às funções de Evento e Núcleo. O autor comenta que essa estrutura organiza-se “da periferia para o centro” (FIGUEREDO, 2011, p. 202), de maneira que, de um ponto de vista lógico, as funções de Ente e Núcleo não confluem – a não ser em grupos verbais com somente um verbo finito, e, mesmo nesses casos, Figueredo (2011) argumenta que existe um morfema operando como Núcleo do grupo verbal, o que nesta pesquisa se verificou ser o MI. Essa proposição de Figueredo (2011) pode ser ilustrada pelo Quadro 13.

Quadro 13 - Organização do grupo verbal “da periferia para o centro”

Elementos	<i>vai</i>	<i>ter</i>	<i>que</i>	<i>formatar</i>
Funções	Auxiliar	Modal		Evento
Organização lógica	$\alpha$	$\beta$		$\gamma$

Fonte: elaborado com base em Figueredo (2011, p. 202).

Observa-se nesse quadro que existem de fato dois elementos diferentes realizando as funções de Núcleo (“vai”) e de Evento (“formatar”). Como observa Figueredo (2011), de um ponto de vista experiencial, o Evento realiza o quantum de mudança na ordem do grupo, sendo modificado por Auxiliares e Modais. No entanto, de um ponto de vista lógico, o Núcleo carrega o tempo verbal primário (que é realizado pelo MI), estabelecendo uma ordem de dominância em relação ao Auxiliar, que carrega o tempo verbal secundário e o aspecto verbal.

O Núcleo carrega a relação primária entre o tempo e a transitoriedade da experiência, sendo responsável por colocar o Evento no tempo e na modalidade (FIGUEREDO, 2011).

Dessa forma, o Núcleo confere ao Evento sua finitude, inserindo-o na interação, pois o verbo que realiza a função de Núcleo deve apresentar precisamente o morfema capaz de inserir a experiência “no tempo e na modalidade”, como já foi discutido ao longo de toda a seção 4.1.

Portanto, é possível definir a função de Núcleo, nos termos de Figueredo (2011, p. 202), como “a relação primária entre a representação transitória do fenômeno e o tempo, e, como resultado, coloca o Evento no tempo e na modalidade”. Assim, o Núcleo responde pela representação transitória da experiência, possibilitando sua negociação, sendo, portanto, responsável por circunscrever as proposições em algum tempo relativo ao “agora” da interação (presente, passado ou futuro).

A estrutura do grupo verbal tem posições bem definidas de Núcleo e de Evento. O elemento que realiza o Núcleo do grupo sempre ocupa a primeira posição, enquanto o que realiza o Evento ocupa a última. Em posições intermediárias o Evento pode ser modificado por Modais e Auxiliares, não havendo, porém, posições intermediárias fixas, de modo que Auxiliares e Modais podem ocupar qualquer posição entre o Núcleo e o Evento.

O Evento, como também comentado por Figueredo (2011, p. 200), “determina, em grande medida, o domínio de representação do Processo”, sendo, portanto, a função que realiza o conteúdo da mudança nessa ordem da escala. O Evento é a função “obrigatória” do grupo verbal em português brasileiro, pois é realizado pelo verbo lexical, que compõe a estrutura mínima do grupo.

Além disso, a estrutura do grupo verbal admite a realização de somente um Evento. Assim, no exemplo (31) observa-se a ocorrência de dois grupos verbais diferentes na mesma oração: “começou” e “seguir”, na oração projetada “você começou a me seguir”.

(31) *Oi, eu vi que você começou a me seguir.*

Nesse exemplo, cada grupo verbal encerra uma experiência transitória diferente. No entanto, esses grupos realizam um único Processo na ordem da oração. Esse tipo de estrutura formada por mais de um grupo verbal recebe o nome de complexo de grupos verbais, sendo tratado em maiores detalhes na seção 4.2.2. De qualquer forma, a concepção de que cada grupo verbal admite somente um Evento se mantém, pois “começou” e “seguir” são grupos verbais diferentes.

Em relação ao Auxiliar, ele é realizado pelos verbos auxiliares. Como explicado anteriormente, os auxiliares operam no grupo verbal modificando os verbos lexicais ideacionalmente. Essa modificação ideacional refere-se à modificação temporal e aspectual da experiência de forma iterativa. Assim, a função do Auxiliar é contribuir com a construção de tempo e aspecto na ordem do grupo. O Auxiliar constrói os tempos secundários e o aspecto referentes ao tempo primário estabelecido no Núcleo.

Por fim, o Modal é realizado pelos operadores modais. A função Modal opera de modo a modificar a experiência interpessoalmente, por meio da avaliação modal pelo falante da experiência na troca. Essa avaliação modal do falante pode ser realizada pelo Modal em termos de possibilidade ou obrigação.

Antes de passar à próxima seção, é importante notar que o grupo verbal composto por mais de um verbo pode ser intercalado por grupos adverbiais e nominais, como pode ser visto nos exemplos (32) e (33).

(32)  *você pode simplesmente editar a imagem em um pedaço da tela*

(33)  *se você chega em casa bem vestido, o cachorro vai te atender*

Esses grupos adverbiais e nominais, realizando respectivamente Adjunto e Complemento, não fazem parte do grupo verbal, eles apenas se inserem entre seus constituintes na estrutura. Isso se deve ao fato de o Núcleo e o Evento serem realizados por verbos diferentes, possibilitando que essas funções sejam realizadas nessas posições da estrutura. Halliday e Matthiessen (2014, p. 10) conceituam esse fenômeno como *encapsulamento*, por meio do qual “é possível que uma unidade, em determinadas circunstâncias, esteja encapsulada em outra, não sendo uma constituinte desta, mas de forma a simplesmente dividi-la em duas partes menores”<sup>36</sup>. Assim, grupos adverbiais e nominais podem ocupar uma posição entre os elementos do grupo verbal, mas estando encapsulados neste; e, portanto, não fazem parte de sua constituição.

---

<sup>36</sup> Minha tradução de: “*Under certain circumstances it is possible for one unit to be enclosed within another; not as a constituent of it, but simply in such a way as to split the other one into two discrete parts*”.

#### 4.2.2. *Os sistemas que organizam a estrutura do grupo verbal*

Após apresentar todas as classes de verbo que operam no grupo verbal, apresentar as funções que esses verbos realizam e apresentar a própria estrutura “da periferia para o centro” do grupo verbal, é possível investigá-lo “ao redor”, observando como alguns sistemas organizam suas funções.

Esta seção apresenta uma descrição dos níveis iniciais de delicadeza dos sistemas que organizam o grupo verbal conforme o tipo de evento, finitude, tempo secundário, agência, modalidade, complexos, e as relações de taxa e lógico-semânticas entre os grupos verbais.

Porém, antes de seguir com a apresentação desses sistemas, é necessário explicar que esta pesquisa se restringiu aos níveis menos delicados dos sistemas. Uma vez que o foco desta pesquisa é o grupo verbal, a descrição dos sistemas que organizam essa estrutura teve o objetivo de possibilitar a apresentação de um panorama geral das funções realizadas pelos verbos no grupo verbal no eixo paradigmático, possibilitando a identificação de contrastes entre os elementos que justifiquem sua posição na estrutura. Dessa forma, mesmo que o nível de delicadeza não contemple tantos contrastes na estrutura do grupo verbal quanto foram identificados na estrutura do verbo, é possível apresentar as escolhas iniciais realizadas pelos sistemas que organizam o grupo verbal.

##### *O sistema de TIPO DE EVENTO*

Começando pelos tipos de evento, na seção anterior foram apresentadas a classe dos verbos lexicais, responsáveis por realizar a experiência no grupo verbal. De forma semelhante aos MEs, os verbos lexicais também podem ser agrupados em verbos lexicais de ser, de fazer e de sentir. Esses verbos realizam no grupo verbal a função de Evento no sistema de TIPO DE EVENTO, com as opções mais delicadas: Ser, Fazer e Sentir. Os exemplos (34), (35) e (36) ilustram as opções mais delicadas da função Evento, respectivamente: Sentir, Fazer e Ser.

(34) *a minha infância me **lembra** muito Irajá*

(35) ***senta** aqui um pouquinho*

(36) *De quem é esse edifício?*

O contraste entre as opções mais delicadas de Evento baseia-se na distinção entre as figuras mais gerais do sistema linguístico. O contraste entre as figuras de ser, fazer e sentir é definido por Halliday e Matthiessen (2014) da seguinte forma: (i) as figuras de ser realizam o mundo das relações abstratas, por meio do qual são estabelecidas relações entre coisas, atos e fatos; (ii) as figuras de fazer representam o mundo físico, por meio do qual o sistema linguístico realiza acontecimentos e ações; e (iii) as figuras de sentir representam o mundo da consciência, por meio do qual são realizados os processamentos conscientes. Portanto, as funções Ser, Fazer e Sentir realizam no verbo as figuras semânticas de ser, fazer e sentir através do sistema de TIPO DE EVENTO.

O sistema de FINITUDE

Anteriormente foi apresentada a estrutura “da periferia para o centro” do grupo verbal, e foi destacada a importância da função de Núcleo. O Núcleo é o responsável por ancorar a experiência transitória do grupo verbal no “agora” da interação. No entanto, nem todos os grupos verbais apresentam um Núcleo, como pode ser visto no exemplo a seguir.

(37) *o acidente, apesar de ter sido sério, não deixou danos nela.*

Ainda que o grupo verbal do exemplo (37) tenha verbos realizando a função de Auxiliar (“ter”) e Evento (“sido”), o grupo não possui um Núcleo. Assim, esse grupo não pode ser negociado na interação, pois não apresenta um elemento que, na oração, realize a função de Finito – função necessária para realizar a negociação das proposições. Em comparação, o exemplo (38) pode ser negociado numa interação, pois apresenta um verbo (“fui”) realizando a função de Núcleo do grupo verbal.

(38) *fui levantar da cadeira e PÁÁÁ!*

*A modificação ideacional da experiência*

Os verbos auxiliares operam na estrutura do grupo verbal de modo a modificar o quantum de mudança realizado no grupo. Esses verbos realizam a função de Auxiliar no grupo verbal e contribuem para a construção de três sistemas: (i) TEMPO VERBAL SECUNDÁRIO, (ii) ASPECTO VERBAL e (iii) AGÊNCIA.

As orações indicativas sempre selecionam alguma opção de tempo: passado, presente ou futuro. Assim, as experiências realizadas por verbos que compõem grupos em orações indicativas também estão inseridas em algum tempo, relativo ao “agora” da interação. Portanto, é possível afirmar que a primeira modificação da experiência transitória é realizada pelo MI, que orienta interpessoalmente o verbo que realiza a função de Núcleo.

É a partir da realização de tempo observada no Núcleo que tempos secundários podem ser construídos por verbos com função de Auxiliar. Assim, toda modificação realizada por Auxiliar no grupo é sujeita à primeira modificação, realizada pelo Núcleo. Além disso, o tempo secundário é iterativo, possibilitando múltiplas seleções no sistema. Os Auxiliares, portanto, realizam o sistema de TEMPO VERBAL SECUNDÁRIO.

Os exemplos (39), (40) e (41) ilustram a realização de tempos secundários.

(39) *medidas e providências legais já **estão sendo tomadas***

(40) *Ó, agora nós **vamos fazer** este brigadeiro diferente.*

(41) *Naruto não pôde terminar, pois **fora interrompido** por Sakura.*

Quando não há um Núcleo, o Auxiliar ainda realiza o sistema de tempo secundário no grupo. No entanto, como o Núcleo é a função que habilita o grupo à negociação, nesses casos o grupo (e, por consequência, a oração) não pode ser negociado. Essa situação é ilustrada pelo exemplo (42).

(42) *Atualmente, ele cobra o Santos na Justiça por não **ter recebido** salários.*

É importante observar que os exemplos (39) a (42) realizam não somente a localização temporal secundária das experiências transitórias dos grupos verbais. Nesses exemplos também é realizada a distribuição temporal dessas experiências. O sistema de ASPECTO VERBAL realiza justamente essa função de distribuir a experiência transitória do grupo verbal no tempo, colocando-a em um ponto específico (perfectivo) ou difuso (imperfectivo).

Os exemplos (43) e (44) ilustram a realização respectivamente de aspecto perfectivo e imperfectivo por Auxiliares.

(43) *aí eu vi que ela **foi fazer** uma visita mesmo*

(44) *eu já **vinha crescendo** numa faixa de 300~400 seguidores por dia depois da matéria da Época*

Além disso, o grupo verbal também faz escolhas no sistema de AGÊNCIA. Diferentes autores consideram que o verbo pode realizar a voz passiva ou ativa (e.g. CASTILHO, 1967; CUNHA; CINTRA, 2008; CEGALLA, 2008). No entanto, a visão desses autores sobre voz não pode ser válida nesta descrição, pois (i) a voz passiva é realizada na ordem do grupo, não da palavra e (ii) alguns grupos verbais que poderiam ser considerados ativos não possuem uma contraparte passiva.

Assim, no sistema de AGÊNCIA, em um primeiro nível de delicadeza, o grupo verbal pode ser não-agenciado ou agenciado. Os grupos verbais agenciados se dividem ainda segundo a voz: passiva ou ativa. A voz passiva é realizada pelos Auxiliares SER e ESTAR, seguidos do Evento. Este sistema é ilustrado pela Figura 14.

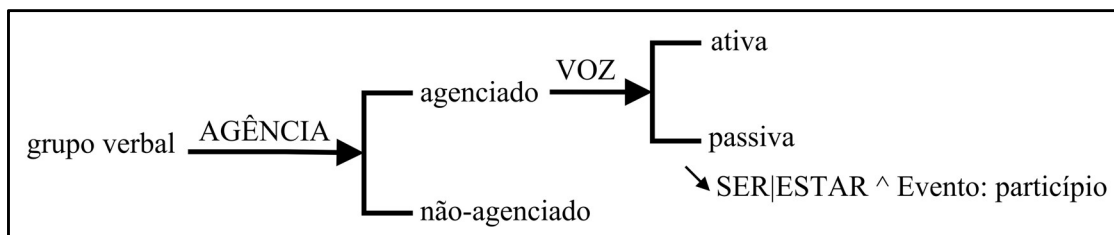


Figura 14 - O sistema de AGÊNCIA

Esse sistema é exemplificado abaixo respectivamente por grupos não-agenciado, agenciado: ativo e agenciado: passivo.

(45) o Lula **foi** lá de helicóptero

(46) No valor (R\$ 1.500,00 à vista ou parcelado em até seis vezes) **estão incluídos** transporte (a partir de Juiz de Fora MG ou de outro local que seja caminho), hospedagem em hotéis com café da manhã, material didático, entrada na maioria dos locais visitados e certificado de 100 horas de atividades teóricas e práticas.

(47) Hamilton **chama** Massa de 'ridículo'

O sistema de MODALIDADE

O sistema de MODALIDADE modifica a experiência na ordem do grupo interpessoalmente. Este sistema é realizado pelos operadores modais, que têm a função de Modal no grupo verbal. Os exemplos (48) e (49) ilustram Modais modificando a experiência dos grupos verbais como probabilidade e obrigação.

(48) a motivação **poderá cair** no chão a qualquer momento.

(49) **tenho que encaminhar** ao C. uma solicitação por escrito, via Departamento, com a concordância da assembleia.

*Complexos de grupos verbais*

A estrutura do grupo verbal admite a realização de somente um Evento. Assim, no exemplo (50) observa-se a ocorrência do complexo de grupos verbais “tentei pegar”, formado pelos grupos verbais “tentei” e “pegar”.

(50) **Tentei pegar** a zebra para evitar o contato e ficamos presos juntos.

No complexo do exemplo (50) encontram-se dois Eventos, realizados por “tentei” e “pegar”, que realizam um único quantum de mudança na oração. Isso é possível pois realizam o conteúdo da mudança em grupos verbais diferentes, havendo uma relação entre os grupos verbais de forma a realizar um único Processo na ordem da oração (no caso do exemplo (50), um Processo material). Assim, é possível afirmar que o grupo verbal “tentei” está modificando o grupo verbal “pegar” por meio de uma relação de taxa e lógico-semântica.

É importante observar que, por serem Eventos em grupos verbais distintos, esses eventos podem ocorrer em orações diferentes, como exemplificado abaixo.

(51) *a única coisa que eu acho muito complicada é passar o rímel, mas mesmo assim eu dou um jeito. Mas tenta que você consegue.*

(52) *Pegue a chave que está dentro desse buraco*

A estrutura dos complexos de grupos verbais é formada por dois grupos em uma relação lógico-semântica realizando um único Processo na oração. Nessa estrutura, o primeiro grupo modifica o segundo, realizando, assim, um novo quantum de mudança. Porém, ainda se trata de uma única mudança por se tratar de um complexo de grupos.

Nesta descrição não foi feita uma investigação mais aprofundada dos complexos. No entanto, cabe ressaltar a diferença na realização das modificações por Auxiliares e Modais e a modificação por outro Evento (em outro grupo verbal). Enquanto Auxiliares e Modais modificam o Evento ao construir tempos secundários e distribuí-los e a avaliação modal pelo falante, a estrutura complexa permite que um Evento modifique outro, isto é, uma experiência transitória modifica outra. Assim, a modificação por Auxiliares e Modais é caracterizada por uma estrutura multivariada, sendo a modificação por Eventos realizada por uma estrutura univariada.

### 4.2.3. Contribuições do grupo verbal na construção da oração

Após apresentar uma descrição em nível menos delicado dos sistemas que organizam a estrutura do grupo verbal, é possível examinar como essa estrutura contribui na construção da oração em português brasileiro. Esta última seção dos resultados aborda o grupo verbal “de cima”, observando, a partir da oração, como ele contribui na realização da negociação e da experiência. Por último, são tratados os casos de oração sem grupo verbal.

Como explicado anteriormente, a função de Núcleo carrega a relação primária entre o tempo e a transitoriedade da experiência no grupo verbal, sendo responsável por colocar o Evento no tempo e na modalidade. O Núcleo, portanto, insere o Evento na interação, conferindo a ele sua finitude.

Cabe lembrar que, para um verbo conferir um caráter de temporal à experiência, ele deve ser constituído de um MI finito. Assim, a Verbalidade é a função capaz de estabelecer uma relação entre o tempo e a experiência do verbo.

Já o Finito é a função na ordem da oração realizada pelo grupo verbal que determina o modo desta (FIGUEREDO, 2011). Além disso, é a presença de um elemento que realize a função de Finito na oração que permite que seja negociada.

Observa-se, assim, uma relação direta entre a Verbalidade, o Núcleo e o Finito, na qual essas três funções ancoram a experiência na interação. Essa relação pode ser ilustrada pela Figura 15.

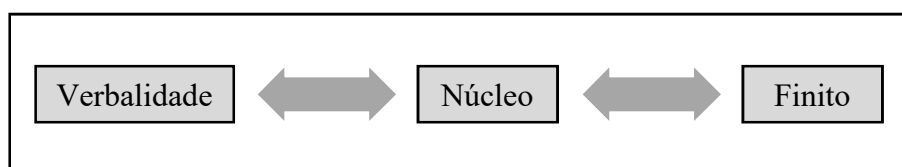


Figura 15 - Relação entre Verbalidade, Núcleo e Finito

Halliday e Matthiessen (2014) definem o Finito como a função que torna a proposição finita, isto é, negociável. Nesse sentido, o Finito estabelece um ponto de referência no “aqui-e-agora” da negociação, criando uma relação entre a proposição e o seu contexto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Dessa forma, o que se pode apreender da relação entre Verbalidade, Núcleo e Finito é que a finitude do verbo opera no grupo verbal, possibilitando que este seja finito, e a finitude do grupo verbal opera na oração, possibilitando que esta seja finita. Em uma perspectiva inversa, a finitude da oração é realizada por um grupo verbal finito, que é composto por um verbo finito.

Portanto, há uma relação intrínseca entre essas funções, de modo que a finitude da proposição é definida em toda a escala de ordens do português brasileiro: desde o morfema até a oração.

Uma relação semelhante pode ser observada na realização do quantum de mudança. Na ordem da palavra, a função que realiza o conteúdo da mudança é a Experiência, no grupo verbal, o Evento, e na oração, o Processo.

Assim, o conteúdo da mudança do verbo opera no grupo verbal, e a mudança do grupo verbal opera na oração, tornando possível a representação transitória do mundo. Em uma perspectiva inversa, a transitoriedade da oração é realizada por um grupo verbal, que é composto por um verbo.

Novamente, há uma relação intrínseca entre essas funções, de forma que o quantum de mudança é definido em toda a escala de ordens do português brasileiro. Essa relação é ilustrada pela Figura 16.

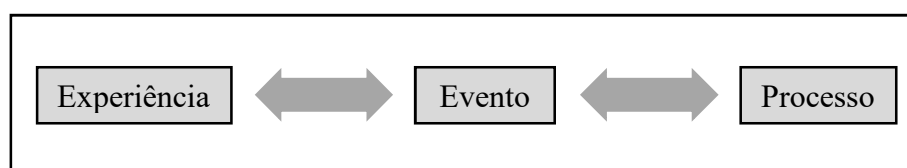


Figura 16 - Relação entre Experiência, Evento e Processo

Diante dessas relações intrínsecas na realização do quantum de mudança e da sua negociação nas diferentes ordens da escala, é possível examinar as orações plenas<sup>37</sup> em português brasileiro que não apresentam um grupo verbal em sua estrutura.

<sup>37</sup> Minha tradução do termo “*major clause*” (cf. MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 134).

A discussão começa a partir do exemplo (53), que foi retirado de um texto do Calibra que consiste em uma série de perguntas e respostas a respeito de uma empresa com o objetivo de recomendar seus serviços aos usuários de um *site*. O exemplo (53) se trata da primeira pergunta do texto.

(53) *Qual a experiência do escritório com Obras Públicas?*

Observa-se no exemplo (53) que não existe um grupo verbal na oração. Uma vez que é o grupo verbal que realiza a função de Processo na oração, seria possível argumentar que esta oração não apresenta um Processo.

Da mesma forma, o grupo verbal é o responsável por ancorar a proposição na negociação, tornando-a negociável. Porém, como não há um grupo verbal, também seria possível argumentar que a oração do exemplo (53) não é negociável, isto é, não-finita.

No entanto, ainda que não haja um grupo verbal realizando o Processo e o Finito, isto é, o quantum de mudança e a finitude, a proposição apresentada em (53) é respondida, como é possível observar no segmento do texto reproduzido a seguir.

(54) *1. Qual a experiência do escritório com Obras Públicas?*

*Desde a sua fundação, a empresa tem como missão ser a solução em serviços e intermediação na área de arquitetura e urbanismo, atendendo as expectativas dos clientes, e objetivando ser útil a sociedade. Desta forma, desde o início temos como clientes principais o poder público em todas as suas esferas (municipal, estadual e federal) já tendo feito uma série de projetos de edificações públicas como mais de 30 projetos para órgãos públicos como unidades de ensino e saúde, cultura e projetos de urbanismo.*

Diante disso, o que se pode observar é que a negociação foi de fato realizada, ainda que na ausência do grupo verbal. Isso permite concluir que determinadas orações prescindem do grupo verbal para a realização do quantum de mudança e da negociação. O caso ilustrado pelo exemplo (53) trata-se de uma não-realização do Processo.

A não-realização do Processo é um recurso do sistema linguístico do português brasileiro que depende dos seguintes fatores para ocorrer: (i) MODO interrogativo: elemental, (ii) Processo relacional, (iii) tempo presente, (iv) desdobramento temporal atual.

Nesse ambiente, o Processo realiza a relação entre dois Participantes em um presente “genérico”, de modo que a mudança está difusa no tempo. Assim, o quantum de mudança que estabelece a relação entre os Participantes se destaca do tempo presente, se tornando quase uma permanência. Portanto, o Processo não precisa ser realizado pelo processo verbal, pois a relação entre os Participantes já é estabelecida estruturalmente.

### **4.3. Discussão dos resultados**

#### *4.3.1. O grupo verbal e a teoria sistêmico-funcional*

Uma vez que esta descrição é orientada pela teoria sistêmico-funcional, é possível estabelecer uma discussão entre os resultados desta pesquisa e a própria teoria. Esta discussão toma como base a distinção feita por Halliday (2002, 2003) entre estudos teóricos, descritivos e aplicados.

##### *Contribuição para os estudos teóricos*

Esta dissertação contribui com os estudos teóricos ao apresentar uma descrição do grupo verbal que tem como base esta teoria. Partindo da explicação de Halliday (2002) que estudos descritivos e aplicados podem apresentar novos dados e subsídios para a teoria, esta descrição colabora de duas formas.

Primeiramente, esta descrição corrobora a teoria sistêmico-funcional no sentido de falseá-la, nos termos de Popper. A teoria (cf. HALLIDAY, 2002; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) explica a linguagem segundo dimensões (instanciação, estratificação, etc.) e categorias (unidade, estrutura, função e sistema) e apresenta recursos metodológicos (manobra, matiz e agnação) por meio dos quais é possível realizar uma descrição – no caso desta dissertação, a descrição do grupo nominal. Visto que os resultados desta dissertação são fruto dessas formulações teóricas fundamentais, e considerando que os resultados são válidos por “resistirem” aos exercícios de falseabilidade, é possível argumentar que esta descrição

contribui com a validação da teoria sistêmico-funcional, pois ela aborda as conceituações teóricas – não verificáveis, segundo Halliday (2003) – em instâncias do português brasileiro – verificáveis e passíveis de descrição.

Dessa forma, esta pesquisa não apresenta resultados que invalidem a teoria sistêmico-funcional, pelo contrário: esta descrição é possível porque as formulações teóricas são válidas. O mesmo se observa por meio de outras descrições sistêmicas, como as descrições relatadas em Caffarel, Martin e Matthiessen (2004), Araújo (2007), Figueredo (2007, 2011) e Ferregueti (2014). Devido ao fato de todas estas descrições validarem a teoria sistêmico-funcional, esta dissertação passa a compor esse corpo de descrições. Dessa forma, esta descrição em conjunto com as demais pode contribuir com os estudos teóricos ao validar a própria teoria linguística.

Além disso, uma contribuição inédita desta dissertação se deve ao fato de apresentar evidências para a possível dispersão da realização lexicogramatical da experiência ao longo de toda a escala de ordens<sup>38</sup>. Isso foi abordado na seção 4.2.3, onde são apresentadas as contribuições das funções realizadas por morfemas, palavras e grupos na construção do quantum de mudança e da negociação. Ainda que a dispersão lexicogramatical da metafunção interpessoal já tenha sido tratada por Matthiessen (1995, p. 490) e Figueredo (2011, p. 216), esta pesquisa apresenta evidências também para a dispersão da metafunção ideacional ao longo de toda a escala de ordens: desde a ordem do morfema, com as funções desempenhadas na ordem da palavra pelos morfemas experienciais e lógico-semânticos, até a ordem da oração, com a realização do Processo pelo grupo verbal. Logicamente, esta dissertação não esgota todas as possibilidades de pesquisa sobre o assunto, e, por isso, são encorajados novos estudos que falseiem essa hipótese e contribuam com os estudos teóricos.

#### *Contribuição para os estudos descritivos*

Esta dissertação também contribui com os estudos descritivos do português brasileiro, o que pode ser discutido em relação ao escopo geral de descrições desta língua já realizadas e em relação àquelas com base sistêmico-funcional.

Com relação à descrição do português brasileiro de forma geral, esta dissertação apresenta a descrição de um elemento já estudado por outros autores com abordagens tanto estruturalistas quanto pós-estruturalistas – como já informado na introdução desta dissertação.

---

<sup>38</sup> Não foram encontradas referências na literatura estudada sobre essa dispersão.

Existem semelhanças entre esta descrição do grupo verbal e as demais, como a consideração da importância do grupo verbal para a construção do quantum de mudança e sua contribuição na construção de modo, tempo e aspecto. No entanto, diferenças teóricas fundamentais sobre a linguagem, como o fato de esta descrição ser orientada pela relação entre os eixos paradigmático e sintagmático, entendendo que a dimensão do sistema é realizada pela dimensão da estrutura, lhe conferem um caráter inédito dentre as demais descrições que em certo grau descreveram o grupo verbal anteriormente. Isso pode ser evidenciado pelo desenho de diversas redes de sistema nas ordens da palavra (cf. seção 4.1.2) e do grupo (cf. seção 4.2.2) que apresentam funções organizadas paradigmaticamente.

Por outro lado, esta dissertação contribui com a descrição sistêmica do português brasileiro por abordar uma área deste sistema linguístico ainda não estudada mais detidamente. Tomando como referência as descrições de Araújo (2007) sobre o sistema semântico de PROJEÇÃO, de Figueredo (2007) sobre o grupo nominal, de Ferregueti (2014) sobre o Processo existencial, e de Figueredo (2011) com a introdução ao perfil metafuncional da língua, esta dissertação aborda o grupo verbal, sua estrutura e os sistemas que o organizam. Como explica o próprio Figueredo (2011, p. 43), uma das contribuições dos estudos descritivos é explorar “áreas dos sistemas linguísticos ainda não compreendidas de modo exaustivo”. Portanto, esta dissertação apresenta uma contribuição relevante para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro.

#### *Contribuição para os estudos aplicados*

Por fim, esta dissertação também contribui com os estudos aplicados de base sistêmico-funcional ao fornecer subsídios para novos estudos que envolvam o grupo verbal do português brasileiro. Nesse sentido, os resultados desta dissertação contribuem com estudos que tenham o objetivo de compreender a própria língua, como pesquisas que se baseiam em análise textual e pesquisas sobre o ensino de português brasileiro. Além disso, os resultados também contribuem com estudos que se associam a outras áreas do conhecimento, como, por exemplo Herke-Couchman (2006) que objetiva o desenvolvimento de uma ferramenta automática para a identificação de textos de e-mails spam, e pesquisas que se filiam a outras áreas do conhecimento mas se utilizam de subsídios dos estudos linguísticos para o levantamento de dados, como pode ser observado em Torres, Reis e Pagano (2015), que propõem – dentre outras

coisas – o uso e desenvolvimento de ferramentas linguísticas para o empoderamento do usuário do sistema de saúde no autocuidado com o diabetes.

#### 4.3.2. *O grupo verbal e os estudos da tradução*

Uma vez que esta descrição é orientada para os estudos da tradução, uma discussão também pode ser feita entre os resultados desta pesquisa e o campo disciplinar, utilizando a mesma distinção de Halliday (2002, 2003) sobre estudos teóricos, descritivos e aplicados, já que Holmes (1972) também divide os estudos da tradução de acordo com categorias similares.

##### *Contribuição para os estudos teóricos*

Esta dissertação contribui com os estudos teóricos da tradução a partir de uma abordagem linguística da tradução. Como explica Teich (2001), a atividade tradutória requer que o tradutor detenha conhecimentos sobre os sistemas linguísticos individuais envolvidos na tarefa. Isso aproxima os estudos da tradução dos estudos linguísticos – mais especificamente, da linguística contrastiva. Porém, enquanto a linguística contrastiva lida com os sistemas linguísticos individualmente contrastando-os, a tradução lida com “características comuns e divergentes envolvidas na *instanciação* dos sistemas linguísticos na forma de texto e de acordo com o contexto”<sup>39</sup> (TEICH, 2001, p. 193). Assim sendo, a atividade tradutória e sua teorização podem ser entendidas a partir de uma perspectiva linguística, enfocando-se a probabilidade e possibilidade de seleção no sistema conforme as produções dos textos fonte e meta partem do polo do potencial para o polo da instância, sendo necessária a modelagem dos sistemas linguísticos, suas semelhanças, diferenças, possibilidades e impossibilidades.

Tanto esta dissertação quanto Teich (2001) fundamentam-se na teoria sistêmico-funcional para estudar a tradução a partir da abordagem linguística, e esta perspectiva é ilustrada por Teich (2001) conforme a Figura 17. Teich (2001) objetiva estabelecer uma teoria da tradução a partir de formulações da teoria sistêmico-funcional, e para isso entende os fenômenos tradutórios conforme as dimensões globais da instanciação e da estratificação. Segundo Teich (2001), *tipo de tradução, procedimentos tradutórios e estratégia tradutória*,

---

<sup>39</sup> Minha tradução de: “*commonalities and divergences in the instantiation of language systems in text and according to context*” (grifo da autora).

conceituados por outros estudiosos da tradução (cf. CATFORD, 1965; SAGER, 1994; VINAY; DARBELNET, 1995), podem ser entendidos através da matriz estratificação-instanciação: (i) *tipos de tradução*, determinados pelo contexto da atividade tradutória, envolvendo cliente, propósito, leitor esperado, etc., estabelecendo um possível registro ou tipo de texto; (ii) os *procedimentos tradutórios*, que, segundo as categorias de Vinay e Darbelnet (1995), atuam no polo da instância; e (iii) a *estratégia tradutória*, que pode ser caracterizada como um contínuo entre os estratos e as escalas de ordens destes, podendo a tradução ser estabelecida em um nível mais abstrato como o estrato semântico ou do contexto (tradução livre), ou mesmo restringindo-se à alguma ordem da escala lexicogramatical, como a palavra (tradução literal). É a partir dessas dimensões definidas pela teoria sistêmico-funcional que Teich (2001) busca desenvolver uma teoria de tradução fundamentada em estudos empíricos, e, uma vez que a principal fonte de dados para os estudos da tradução são as próprias línguas, é necessário um modelo dos sistemas linguísticos para que pesquisas em tradução com uma abordagem linguística possam ser desenvolvidas.

Nesse sentido, esta dissertação configura-se como uma importante contribuição para os estudos teóricos da tradução. Ao descrever uma parte do sistema linguístico do português brasileiro, esta dissertação permite que o profissional da língua (seja este um linguista ou tradutor) possa ter uma maior compreensão do grupo verbal em um ambiente multilíngue.

A descrição do grupo verbal do português brasileiro pode contribuir com os estudos da tradução ao realizar um movimento que parte de um ambiente monolíngue (português brasileiro) para um multilíngue (a tradução), como ilustrado pela Figura 18. Matthiessen, Teruya e Wu (2008) explicam que o conhecimento gerado por pesquisas em uma das áreas que contribuem para os estudos multilíngues podem (e devem) ser utilizados por outras áreas. No caso desta dissertação, seguindo a linha apresentada por Teich (2001), a descrição monolíngue pode contribuir para a produção de conhecimento teórico sobre a tradução ao possibilitar a observação de novos dados empíricos que fundamentem as conceituações teóricas sobre a tradução. Mais especificamente, os dados empíricos que esta dissertação permite serem observados em um ambiente multilíngue são relacionados ao grupo verbal.

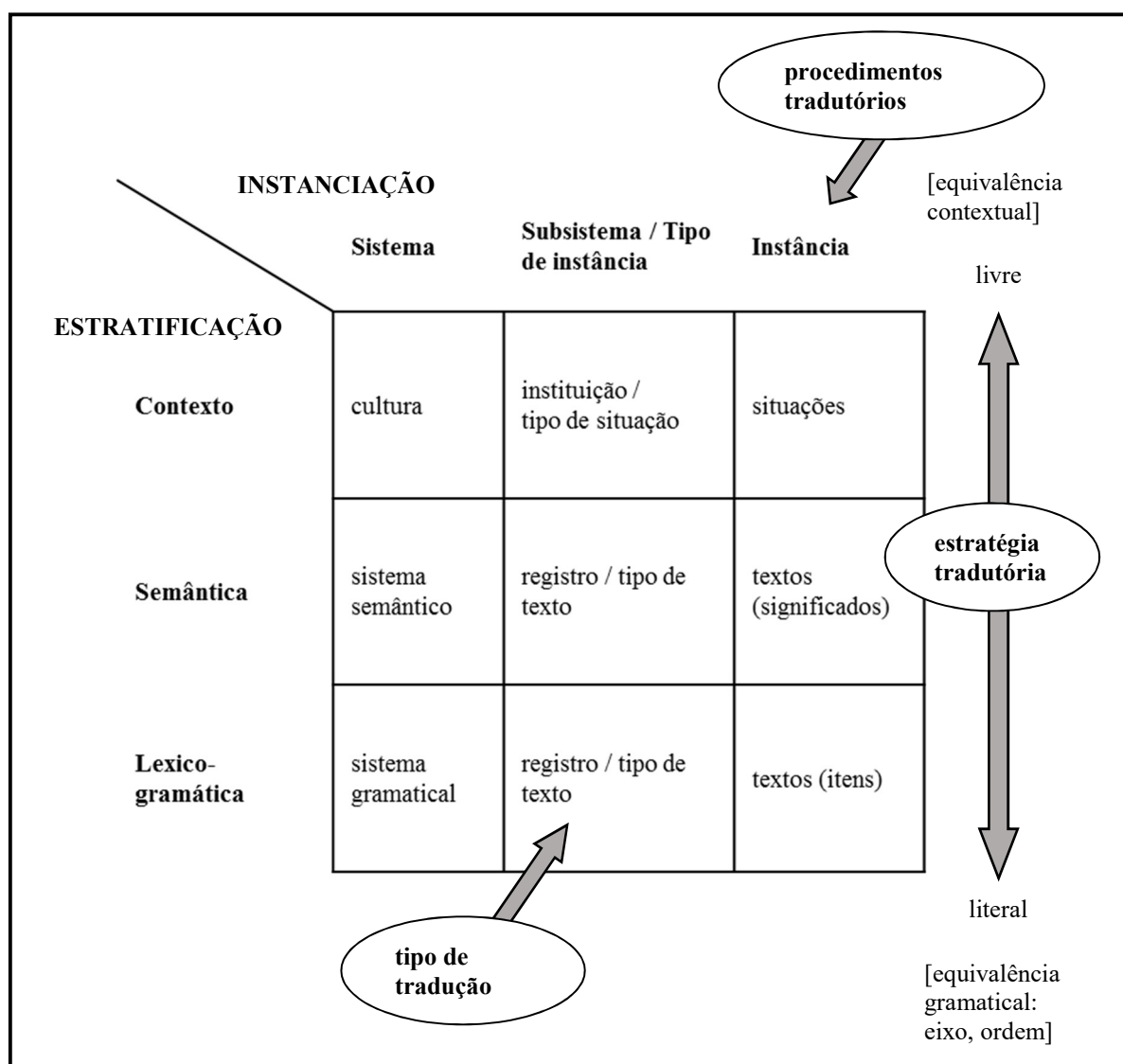


Figura 17 – Abordagem sistêmico-funcional da tradução  
 Fonte: traduzida de Teich (2001, p. 213).

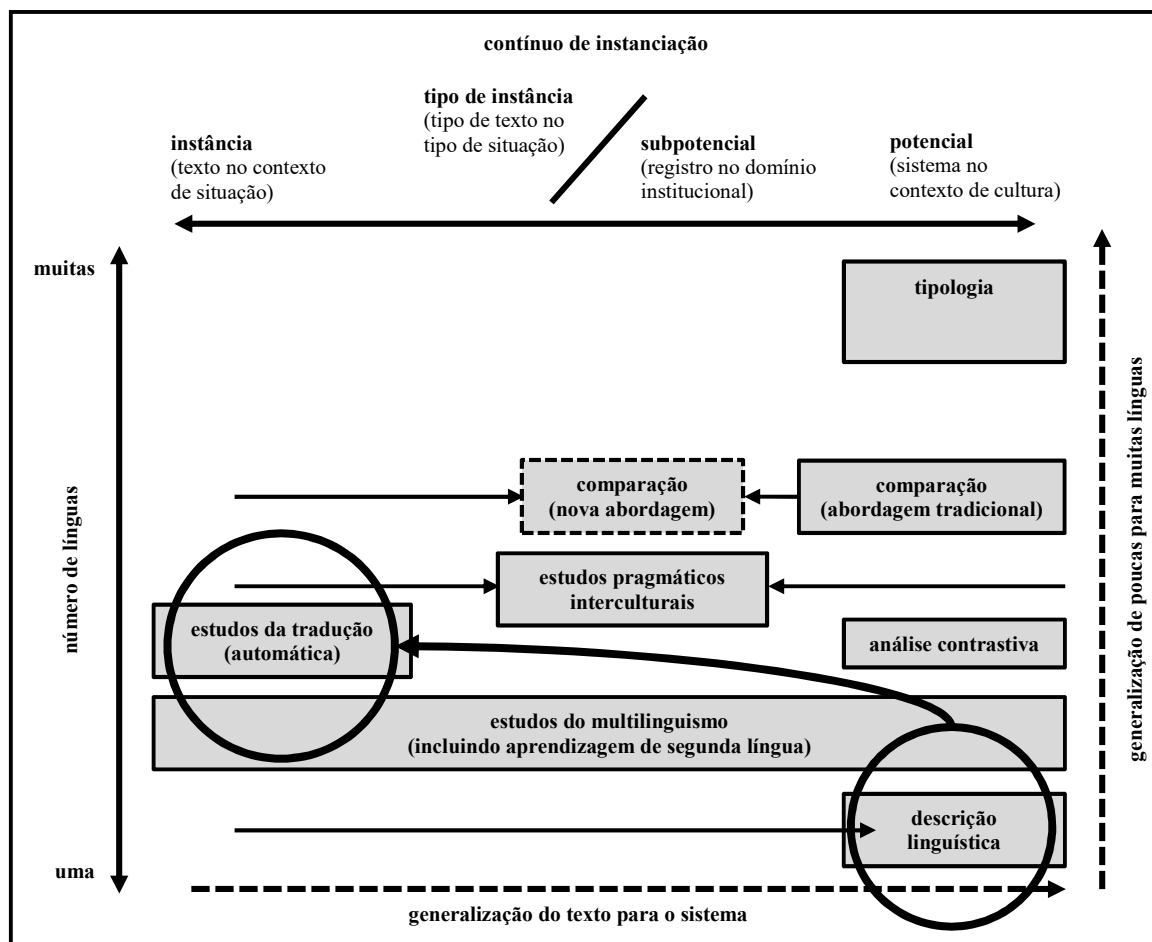


Figura 18 - Da descrição monolíngue para os estudos da tradução: uma contribuição para os estudos multilíngues

Fonte: adaptada de Matthiessen, Teruya e Wu (2008, p. 149)

### *Contribuição para os estudos descritivos*

Nesse contexto, é possível afirmar que uma característica importante desta dissertação é seu caráter empírico. Esta pesquisa parte das instâncias observáveis para elaborar uma descrição de um fenômeno linguístico – neste caso, o grupo verbal. Isso vai de encontro ao que já foi definido pelo próprio Holmes, quando ele afirma que os estudos da tradução são um campo disciplinar empírico (HOLMES, 2004, p. 176). Por se tratar de um campo disciplinar com base na investigação empírica, Holmes afirma que os estudos da tradução buscam (i) estabelecer princípios gerais que explicam os fenômenos tradutórios e (ii) descrever esses fenômenos manifestos no mundo da experiência. A partir desse entendimento, é possível afirmar que esta dissertação também contribui com os estudos descritivos da tradução ao contribuir com a descrição de fenômenos relacionados ao grupo verbal do português brasileiro. Dessa forma, a discussão dos resultados desta pesquisa pode ser feita no sentido de compreender melhor as

opções em um sistema multilíngue que organiza o grupo verbal. Nesta dissertação a discussão é realizada levando-se em conta um ambiente de contato linguístico entre o português brasileiro e o inglês, sendo realizada uma análise contrastiva entre os dois sistemas, com a definição de correspondentes formais entre os sistemas que organizam o grupo verbal em ambas as línguas e a subsequente formulação de sistemas multilíngues para o verbo e para o grupo verbal.

Para realizar esta discussão sobre os sistemas, é necessário primeiro apresentá-los de forma resumida. A Figura 19 e a Figura 20 ilustram os sistemas que organizam o verbo e o grupo verbal do português brasileiro, e a Figura 21 ilustra o sistema que organiza o grupo verbal do inglês. É importante observar que não há na literatura consultada uma rede de sistemas para o verbo em inglês, mas ainda assim é possível compará-lo com o do português brasileiro. Os sistemas do português brasileiro já foram abordados através de uma perspectiva trinocular nas seções 4.1 e 4.2, e não serão novamente apresentados nesta discussão. Já o sistema do inglês tem como base a descrição apresentada em Halliday e Matthiessen (2014), Matthiessen (1995) e Halliday e Hasan (1976).

É possível observar na Figura 21 os principais sistemas do grupo verbal em inglês, quais sejam: FINITUDE (*FINITENESS*), TEMPO SECUNDÁRIO (*SECONDARY TENSE*), POLARIDADE (*POLARITY*), VOZ (*VOICE*), CONTRASTE (*CONTRAST*) e ELIPSE (*ELLIPSIS*).

O sistema de FINITUDE é responsável por ancorar o grupo verbal no “agora” do falante, tornando a proposição negociável. A finitude em grupos verbais finitos é realizada pelo verbo com função de Finito. Tomando o exemplo de Halliday e Matthiessen (2014), reproduzido aqui no exemplo (55), o Finito no grupo verbal “*has been eating*” é o verbo “*has*”.

(55) *someone's been eating my porridge*

Em relação aos grupos verbais não-finitos (isto é, sem um elemento Finito em sua estrutura), estes ainda podem selecionar opções no sistema de ASPECTO, podendo ser imperfectivos (e.g. “*eating the porridge was her ultimate goal*”), perfectivos “*to*” (e.g. “*to eat the porridge, you should use a spoon*”) ou perfectivos “*zero*” (e.g. “*why not eat the porridge?*”).

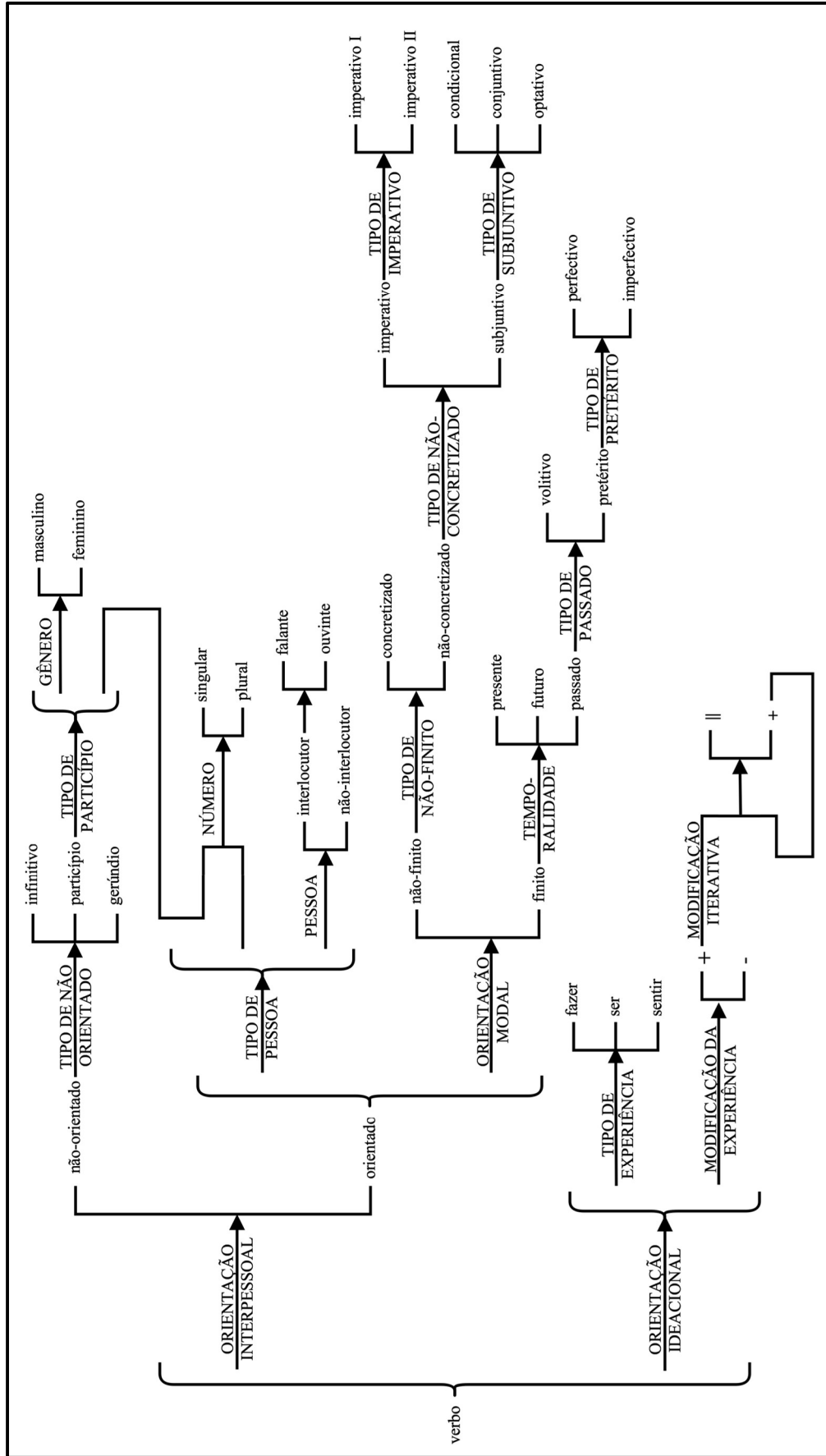


Figura 19 - Os sistemas que organizam o verbo em português brasileiro

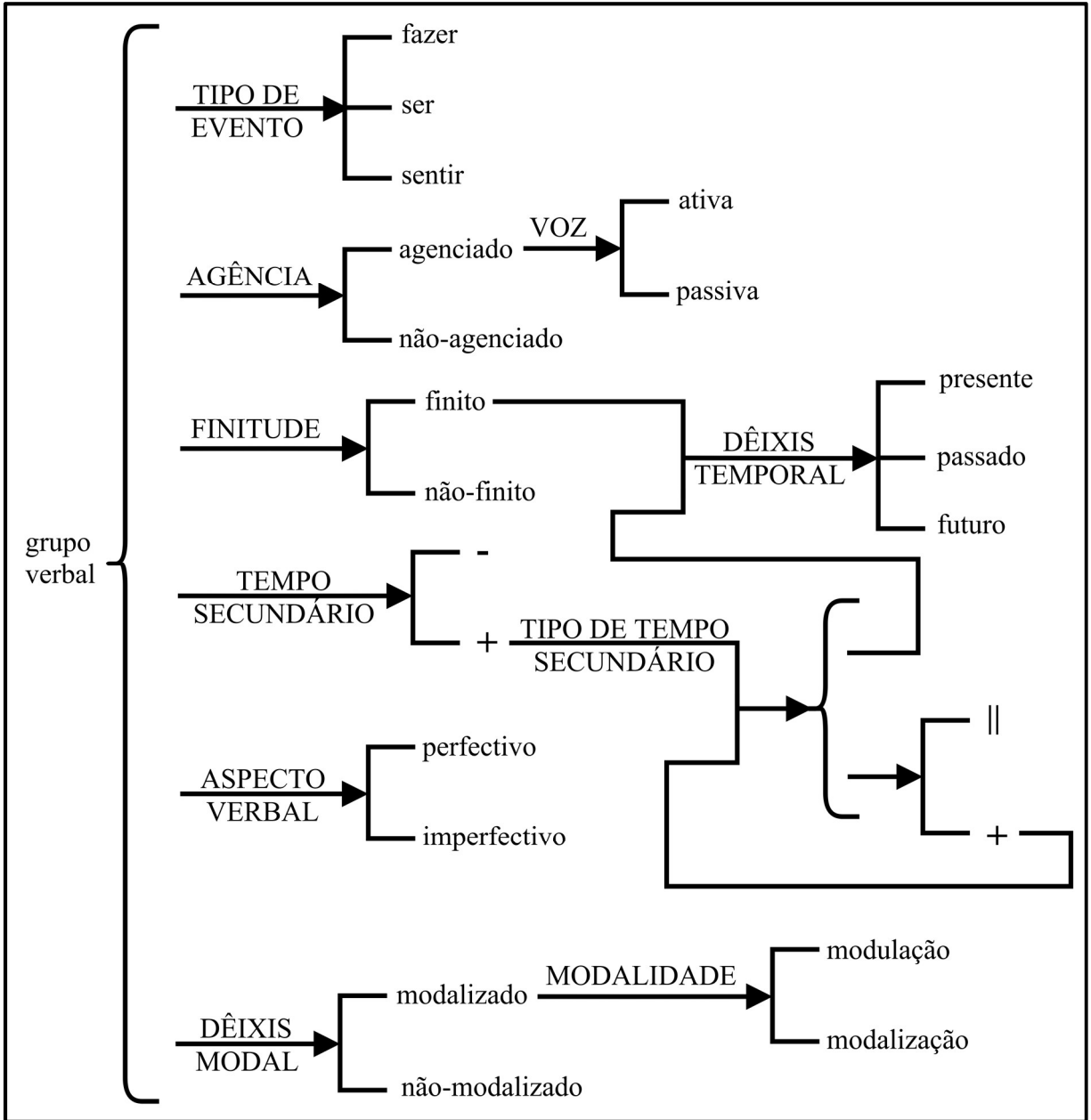


Figura 20 - Os sistemas que organizam o grupo verbal em português brasileiro

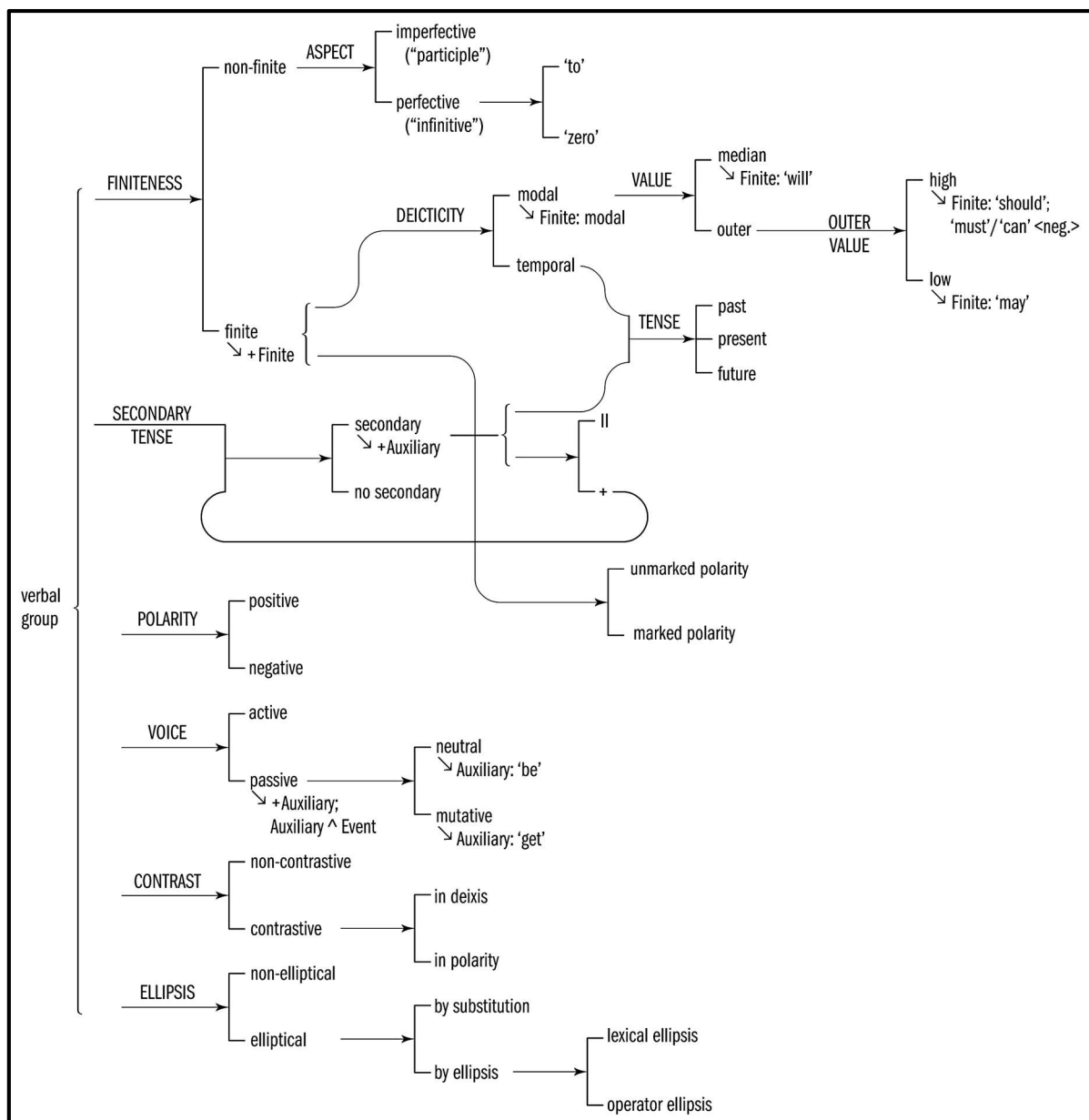


Figura 21 - Os sistemas que organizam o grupo verbal em inglês

Fonte: Halliday e Matthiessen (2014, p. 410).

Devido ao fato de os grupos verbais finitos estarem ancorados no tempo relativo à negociação, estes grupos podem selecionar opções nos sistemas de DÊIXIS e de MARCAÇÃO DE POLARIDADE. A dêixis do grupo verbal em inglês pode ser modal ou temporal, e a marcação de polaridade pode ser marcada ou não-marcada.

A dêixis modal é realizada por um operador modal com função de Finito, havendo opções mais delicadas quanto ao valor da modalidade: médio (realizado por exemplo por

“*will*”), alto (e.g. “*should*”, “*must/can* + negação”) e baixo (e.g. “*may*”). O exemplo (56) ilustra um grupo verbal finito com modalidade alta.

(56) *someone must be eating my porridge*

A dêixis temporal, por sua vez, seleciona opções no sistema de TEMPO, quais sejam: passado, presente e futuro. A princípio, esse sistema pode ser realizado por (i) um verbo que opera no grupo com função de Finito e Evento em confluência e (ii) verbos diferentes com função de Finito e Evento. Os exemplos (57) e (58) ilustram essas opções na realização de passado neste sistema.

(57) *someone ate my porridge*

(58) *someone was eating my porridge*

É importante observar na Figura 21 que o sistema de TEMPO interage com outro sistema, o sistema de TEMPO SECUNDÁRIO, em uma relação de disjunção. Nesse sentido, é possível selecionar opções no sistema de TEMPO a partir tanto do sistema de DÊIXIS quanto do TEMPO SECUNDÁRIO. Portanto, cumpre aqui destacar as principais características do tempo secundário em inglês.

Segundo Matthiessen (1995), uma das principais características do sistema de TEMPO SECUNDÁRIO é a recursividade, isto é, a possibilidade de seleção no sistema novamente. De acordo com o autor, essa característica recebe o nome de “modelo de tempo serial”<sup>40</sup> (MATTHIESSEN, 1995, p. 731). Este sistema é realizado por verbos com função de Auxiliar, podendo ser: (i) “*have* verbo-*en*”, realizando o passado, (ii) “*be* verbo-*ing*”, realizando o presente e (iii) “*be going to* ^ verbo” (e “*be about to* ^ verbo”), realizando o futuro.

---

<sup>40</sup> Minha tradução de: “*serial model of tense*”.

Uma vez que este sistema apresenta uma estrutura em série realizada por Auxiliares, organizada hipoteticamente e com o Finito sendo o ponto inicial de ancoragem no tempo, Halliday e Matthiessen (2014) explicam que a denominação dos tempos deve ser feita ao contrário. Por exemplo, o grupo verbal “*was going to have been eating*” apresenta os seguintes tempos: (a) primário: passado, realizado por “*was*”, (b) secundário: futuro, realizado por “*be going to ^ verbo*”, (c) terciário: passado, realizado por “*have verbo-en*”, (d) quaternário: presente, realizado por “*be verbo-ing*”. Neste grupo verbal o tempo pode ser nomeado como *presente-no-passado-no-futuro-no-passado*.

Retomando o exemplo (57), a seleção de tempos secundários pode ser ilustrada da seguinte forma:

Quadro 14 - Exemplos de tempo secundário em inglês

tempo	grupo nominal	grupo verbal	grupo nominal
passado	someone	<i>ate</i>	my porridge
passado-no-passado		<i>had eaten</i>	
presente-no-passado		<i>was eating</i>	
futuro-no-passado		<i>was going to eat</i>	
passado-no-passado-no-passado		<i>had had eaten</i>	
presente-no-passado-no-passado		<i>had been eating</i>	
futuro-no-passado-no-passado		<i>had been going to eat</i>	

Outro sistema disponível para grupos verbais finitos em inglês é o sistema de MARCAÇÃO DE POLARIDADE. Este sistema tem uma relação muito próxima com o sistema de POLARIDADE, que é o responsável por estabelecer a polaridade positiva ou negativa do grupo verbal. Halliday e Matthiessen (2014) esclarecem que, para que a proposição ou proposta seja negociável, é necessário que seja especificada a sua polaridade; entretanto, esta polaridade pode ser não-marcada ou marcada.

A polaridade positiva não-marcada consiste na realização somente do Finito (em confluência ou não com o Evento), por exemplo “*she has eaten the porridge*”; e a polaridade negativa não-marcada consiste na fusão entre Finito e Polaridade, esta última realizada por “*n’t*”, por exemplo “*she hasn’t eaten the porridge*”. Em contrapartida, a polaridade positiva marcada consiste na presença do verbo “*to do*” como Finito na estrutura do grupo verbal, por

exemplo “*she did has eaten the porridge*”; enquanto a polaridade negativa marcada consiste na separação entre Finito e Polaridade, como por exemplo em “*she has not eaten the porridge*”.

Além disso, observa-se na Figura 21 o sistema de VOZ, com as opções passiva e ativa. A voz ativa é realizada pela estrutura básica do grupo verbal com a confluência Finito/Evento (e.g. “*someone ate my porridge*”) ou por Finito e Evento realizados por verbos distintos (e.g. “*someone’s been eating my porridge*”). Já a voz passiva é realizada pela presença de Auxiliar formando a estrutura “Auxiliar ^ Evento”, podendo o Auxiliar ser realizado pelo verbo “*to be*”, realizando a opção neutra (e.g. “*my porridge was eaten by someone*”), ou pelo verbo “*to get*” (e.g. “*my porridge got eaten by someone*”), realizando a opção mutativa.

Por fim, os sistemas de CONTRASTE e ELIPSE realizam significados textuais de coesão no grupo verbal. Enquanto o contraste responde pela continuidade ou descontinuidade (contraste) coesiva do grupo verbal, a elipse trata da substituição e elipse de verbos em sua estrutura.

O sistema de CONTRASTE apresenta as seguintes opções: não-contrastivo, contrastivo: temporal (ou contrastivo: dêitico) e contrastivo: polar. O grupo verbal não-contrastivo realiza continuidade, e por isso não apresenta alterações em sua forma prototípica (e.g. “*has been eating*”). Já o grupo verbal contrastivo realiza descontinuidade, podendo realizar contraste temporal (exemplo (59)) ou polar (exemplo (60)). É importante notar que nos exemplos (59) e (60) o contraste pode ser acompanhado de proeminência tônica dos elementos contrastantes (que estão sublinhados).

(59) *Interlocutor A: Someone’s been eating my porridge.*  
*Interlocutor B: Someone IS GOING TO eat your porridge.*

(60) *Interlocutor A: Someone’s been eating my porridge.*  
*Interlocutor B: Someone’s NOT been eating your porridge, but soon will.*

O sistema de ELIPSE, por sua vez, apresenta as seguintes opções: não-elíptico, elíptico: por substituição, elíptico: por elipse lexical, elíptico: por elipse do operador. Para o grupo verbal não-elíptico, este apresenta todos os elementos de sua estrutura prototípica (e.g. “*has been eating*”). Por outro lado, a elipse no grupo verbal pode ser realizada pela substituição por “*do*”

ou pela elipse de algum dos elementos que compõem o grupo. Na substituição, o Evento é substituído por “*to do*”, o que é ilustrado pelo exemplo (61), retirado de Halliday e Hasan (1976, p. 114). Já a elipse lexical é realizada pela omissão do Evento/Predicador, com a manutenção do Finito na estrutura do grupo verbal (exemplo (62)), e a elipse do operador é realizada pela omissão do Finito e manutenção do Evento/Predicador na estrutura do grupo verbal (exemplo (63)).

(61) *Interlocutor A: Have they removed their furniture?*  
*Interlocutor B: They have done the desks, but that's all so far.*

(62) *Interlocutor A: Have you been eating porridge?*  
*Interlocutor B: Yes, I have.*

(63) *Interlocutor A: What have you been doing?*  
*Interlocutor B: Eating.*

Após a apresentação do sistema do grupo verbal do inglês, é possível comparar os sistemas linguísticos do inglês e do português com o fim de estabelecer os principais correspondentes formais entre os sistemas do verbo e do grupo verbal. Como informado anteriormente, a literatura consultada não apresenta um sistema que organiza o verbo em inglês; porém, ainda assim é possível tecer algumas considerações sobre o verbo nas duas línguas com relação a possíveis correspondentes formais na ordem da palavra.

Em relação à orientação ideacional do verbo, é possível categorizar o verbo em inglês segundo os mesmos tipos de experiência que o sistema do português brasileiro. Por exemplo: “*create*”, pode realizar a função de Fazer, “*like*”, de Sentir, e “*be*”, de Ser. Os exemplos (64), (65) e (66), retirados do corpus COCA (*Corpus of Contemporary American English*), ilustram estes verbos realizando estes tipos de experiência.

- (64) *Members were stimulated to create videos showcasing their dogs' tricks, distinctive gaits, or athletic prowess and then post them to the popular video-sharing site YouTube.*
- (65) *They like routine and structure and get used to dealing with certain individuals.*
- (66) *The student-teaching semester has traditionally been the place in the curriculum where candidates have received information about obtaining jobs.*

Além disso, assim como no sistema do português brasileiro, o verbo em inglês pode apresentar modificação da experiência. Por exemplo, “*create*” pode ser modificado pelo morfema “*re-*”, formando o verbo “*recreate*”, e “*like*” pode ser modificado por “*dis-*”, formando o verbo “*dislike*”. No entanto, é importante notar não foi feita uma investigação aprofundada de um corpus em inglês, e, por isso, não foram encontradas ocorrências de modificação iterativa no verbo. Ainda assim, é possível que exista um sistema iterativo também em inglês devido à existência de verbos como “*outperform*” e “*miscounterattack*”, como apontado por Lehrer (2009).

Diante disso, é possível afirmar, nos termos de Catford (1965), que existe correspondência formal entre os sistemas de tipo de experiência e de modificação da experiência em português brasileiro e em inglês. Portanto, há correspondência formal no que tange à orientação ideacional do verbo nestas duas línguas.

Em relação à orientação interpessoal do verbo, os sistemas do português brasileiro e do inglês apresentam diferenças importantes. Porém, também apresentam algumas semelhanças que podem evidenciar correspondentes formais.

Primeiramente, é possível notar que os sistemas do português brasileiro e do inglês apresentam verbos que podem ocorrer em qualquer tipo de MODO, tendo o mesmo tipo de morfologia: infinitivo, particípio e gerúndio. Assim, é possível argumentar que ambas as línguas possuem verbos não-orientados interpessoalmente. No caso do inglês, o infinitivo é realizado por “*to*^verbo”, o particípio por “verbo+*ed*” ou “verbo+*en*” e o gerúndio por “verbo+*ing*”, enquanto no português cada opção é realizada por sua respectiva morfologia.

Portanto, é possível argumentar que existe correspondência formal entre verbos não-orientados interpessoalmente em português brasileiro e inglês, pois selecionam opções análogas em seus respectivos sistemas.

É importante notar que a morfologia de particípio em português pode selecionar opções nos sistemas de GÊNERO e NÚMERO; por exemplo: “estampado”, “estampada”, “estampados”, “estampadas”. Sendo assim, a correspondência formal entre os verbos não-orientados interpessoalmente só existe em um nível menos delicado.

Com relação aos verbos orientados interpessoalmente, o inglês só apresenta duas opções: forma-base (*base-form*) e passado. A forma-base pode constituir grupos verbais finitos (e.g. “*I eat porridge*”) e não-finitos (e.g. na oração imperativa “*eat porridge*”), enquanto a opção de passado só constitui grupos verbais finitos (e.g. “*someone ate my porridge*”). Ainda, a forma-base pode selecionar opções em um sistema de PESSOA em um grupo verbal finito que realize o tempo presente, sendo as opções deste sistema: interlocutor, realizado pela forma-base somente (e.g. “*eat*”), e não-interlocutor, realizado por “verbo+es” (e.g. “*finishes*”) ou “verbo+s” (e.g. “*eats*”).

Por sua vez, o português brasileiro apresenta outros sistemas para os verbos orientados, como TIPO DE NÃO-FINITO, TEMPORALIDADE, TIPO DE PESSOA, etc. que podem ser visualizados na Figura 19. Isso faz com que a correspondência formal só seja possível entre alguns termos dos sistemas dessas línguas, a saber: as opções *não-orientado* e *orientado*, os tipos de não-orientado *infinitivo*, *particípio* e *gerúndio*, as opções do sistema de PESSOA *interlocutor* e *não-interlocutor*, e a opção *passado*. Todas as demais opções do sistema do verbo em português brasileiro correspondem a opções disponíveis somente para este sistema, não sendo possíveis selecioná-las em inglês.

Tendo como base a discussão dos correspondentes formais feita até aqui, é possível desenhar um sistema multilíngue para o verbo que sirva ao contato linguístico entre os sistemas do português brasileiro e do inglês. Este sistema é ilustrado pela Figura 22.

Observa-se na Figura 22 semelhante ao sistema do português brasileiro, pois este apresenta mais opções que o sistema do inglês. Isso faz com que opções mais delicadas do sistema só estejam disponíveis para o primeiro, e não para o segundo. Também é possível observar que as realizações apresentam “PB” e “EN”, que representam as realizações para o português brasileiro e para o inglês, respectivamente.

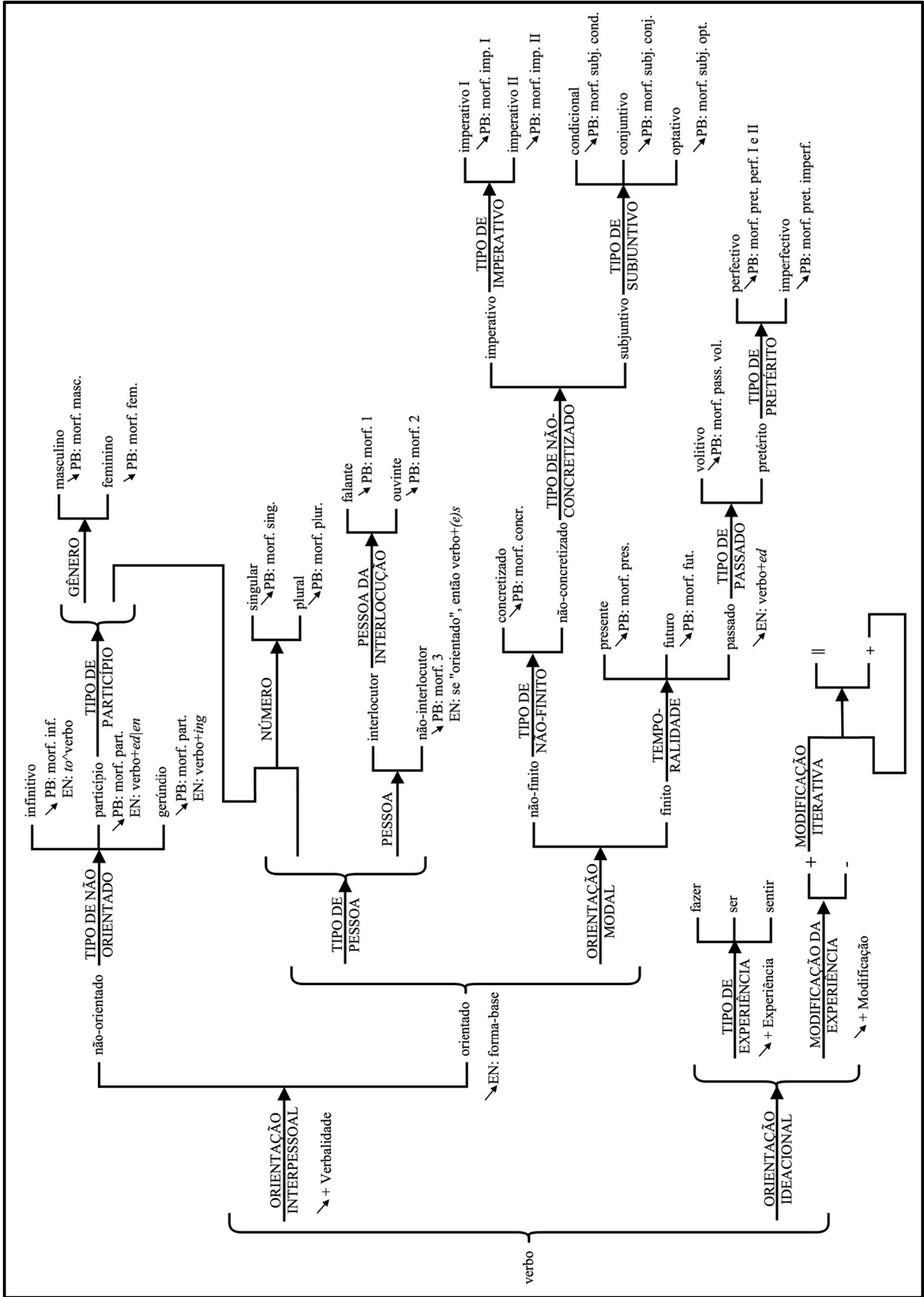


Figura 22 - Sistema multilíngue do verbo

Após discutir o verbo no contato linguístico entre português brasileiro e inglês, é possível também realizar uma discussão acerca do grupo verbal.

Começando pelos sistemas de FINITUDE destas línguas, ambos os sistemas apresentam as opções menos delicadas *não-finito* e *finito*. No entanto, a partir da condição de entrada *finito* são desenhados sistemas diferentes para cada língua. Para o português brasileiro, desenha-se somente o sistema de DÊIXIS TEMPORAL, enquanto para o inglês desenha-se os sistemas de DÊIXIS e MARCAÇÃO DE POLARIDADE. Uma distinção importante em relação à dêixis nos dois sistemas é a possibilidade de seleção de dêixis modal e temporal: enquanto o português brasileiro permite a seleção de dêixis modal para grupos verbais finitos (e.g. “ela comeu o mingau”) e não-finitos (e.g. “se ela pudesse comer o mingau”), o inglês permite a seleção de dêixis modal em oposição à dêixis temporal somente para grupos verbais finitos (compare “*someone’s been eating my porridge*” e “*someone could be eating my porridge*”). Isso pode ser observado na Figura 20 e na Figura 21. Com isso, os grupos verbais no português brasileiro somente selecionam opções no sistema de DÊIXIS TEMPORAL, e no inglês selecionam opções no sistema de DÊIXIS, podendo ela ser modal ou temporal – nunca ambas ao mesmo tempo. Portanto, somente há correspondência formal entre os sistemas de FINITUDE destas línguas num primeiro nível de delicadeza.

Em relação ao sistema de DÊIXIS TEMPORAL, mais detidamente, os sistemas de ambas as línguas apresentam os mesmos termos. E o mesmo se observa para o sistema de TEMPO SECUNDÁRIO. Nesse sentido, é possível argumentar que existe correspondência formal com respeito à dêixis temporal entre os sistemas, sendo que essa correspondência só é observada ao comparar estes sistemas isoladamente do restante dos sistemas do grupo verbal nessas línguas.

Vale notar ainda que o sistema de DÊIXIS MODAL do inglês foi descrito em níveis mais delicados que o do português. Assim, também é possível considerar a existência de correspondência formal entre os sistemas em um nível menos delicado e ao observá-los à parte dos demais.

O grupo verbal não-finito, por sua vez, apresenta configurações diferentes para as duas línguas. O português brasileiro não apresenta um sistema mais delicado a partir da opção *não-finito*, porém o inglês possui o sistema de ASPECTO desenhado a partir desta opção. A diferença entre as línguas reside no fato de o português brasileiro permitir a seleção dos aspectos perfectivo e imperfectivo para grupos finitos e não-finitos, enquanto o inglês permite esta seleção somente para não finitos. Novamente, observa-se aqui uma correspondência formal do

sistema de ASPECTO quando observado independente dos demais e somente segundo as opções menos delicadas (pois o sistema do inglês possui um sistema mais delicado de TIPO DE PERFECTIVO).

Além desses sistemas, um sistema que interage com o de FINITUDE é o de MARCAÇÃO DE POLARIDADE. Como este é um sistema exclusivo do inglês, não há correspondência formal. O mesmo se aplica para o sistema de POLARIDADE, que no português brasileiro não faz parte do grupo verbal, mas da oração (cf. FIGUEREDO, 2011).

Outro sistema do grupo verbal em que se pode observar correspondência formal é o de TIPO DE EVENTO. Ainda que a Figura 21 não apresente este sistema, Halliday e Matthiessen (2014) reconhecem sua existência. Os autores reconhecem as mesmas opções gerais para o Evento, afirmando que ele pode ser “um acontecimento, um ato da consciência ou uma relação”<sup>41</sup> (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 397), isto é, Eventos que realizem a função de Fazer, Sentir e Ser. Portanto, é possível considerar a existência de correspondência formal entre os sistemas de TIPO DE EVENTO do português brasileiro e do inglês.

O sistema de AGÊNCIA do português brasileiro e de VOZ do inglês também apresentam uma relação. Como se observa na Figura 20 e na Figura 21, o sistema de AGÊNCIA está presente somente no sistema do português brasileiro, mas a opção *agenciado* serve como condição de entrada para um outro sistema, o de VOZ, com as mesmas opções que o inglês: *ativa* e *passiva*. Além disso, a opção *passiva* em inglês serve como condição de entrada para um sistema de TIPO DE PASSIVA, com opções mais delicadas de voz passiva. Diante disso, é possível afirmar que existe correspondência formal entre os sistemas de VOZ de ambas as línguas, ainda que o português brasileiro apresente um sistema menos delicado de AGÊNCIA e o inglês apresente um sistema mais delicado de TIPO DE PASSIVA. Dessa forma, novamente a correspondência formal depende de uma observação isolada do sistema de VOZ.

Por fim, o grupo verbal em inglês ainda possui sistemas de CONTRASTE e ELIPSE, que não apresentam sistemas análogos em português. Portanto, não existe correspondência formal para estes sistemas.

A partir da identificação dos correspondentes formais entre os sistemas do grupo verbal em português e em inglês, é possível desenhar um sistema multilíngue que sirva ao contato

---

<sup>41</sup> Minha tradução de: “event, act of consciousness or relation”.

linguístico entre os sistemas do português brasileiro e do inglês. Este sistema é ilustrado pela Figura 23.

Como no caso do sistema multilíngue do verbo, no sistema multilíngue do grupo verbal observa-se nas realizações os termos “PB” e “EN”, que representam as realizações para o português brasileiro e para o inglês, respectivamente. Também é possível observar algumas disjunções, como no sistema de ASPECTO e de DÊIXIS MODAL. Isto se deve ao fato de o português brasileiro e o inglês apresentarem diferentes condições de entrada para estes sistemas em seus sistemas linguísticos individualmente. No entanto, ao se considerar o contato linguístico, é necessário representar as possibilidades de seleção de ambas as línguas em um único sistema, o que leva a formação das disjunções observadas na Figura 23. Por fim, as opções dos sistemas de CONTRASTE, ELIPSE, POLARIDADE, MARCAÇÃO DE POLARIDADE, TIPO DE PERFECTIVO e VALOR só podem ser selecionadas pelo grupo verbal em inglês.

O desenvolvimento dos sistemas multilíngues do verbo (Figura 22) e do grupo verbal (Figura 23) contribui com os estudos descritivos da tradução ao dialogar com as conceituações de Teich (2001) e Matthiessen (2001), e, em certa medida, com Toury (1995).

Para Teich (2001), a formulação de modelos que descrevam os recursos linguísticos contrastivamente é fundamental para o desenvolvimento de uma teoria de tradução. A autora parte do pressuposto que a tarefa tradutória envolve o conhecimento linguístico contrastivo, isto é, que contraste os sistemas linguísticos em contato em determinada atividade de tradução. É a partir desta conceituação que Teich (2001) busca desenvolver um modelo linguístico que fundamente empiricamente os conceitos teóricos sobre tradução. Para isso, é necessário tanto fundamentar-se numa teoria linguística para descrever as línguas individualmente, quanto, baseado nessa teoria e descrições, descrever o contato entre as línguas. De acordo com a autora, esse percurso nos estudos da tradução pode ajudar a preencher uma lacuna existente entre os estudos teóricos e aplicados, pois apresenta resultados que são fruto de uma investigação empírica da tradução. Esta dissertação parte dos mesmos fundamentos de Teich (2001) para desenvolver sistemas multilíngues do verbo e do grupo verbal que contribuam com a investigação empírica da tradução, e, portanto, com o preenchimento da lacuna entre os estudos teóricos e aplicados. Mais especificamente, a discussão dos resultados contribui com a investigação empírica do contato linguístico entre o português brasileiro e o inglês em relação ao grupo verbal, possibilitando seu estudo empírico no âmbito dos estudos descritivos da tradução.

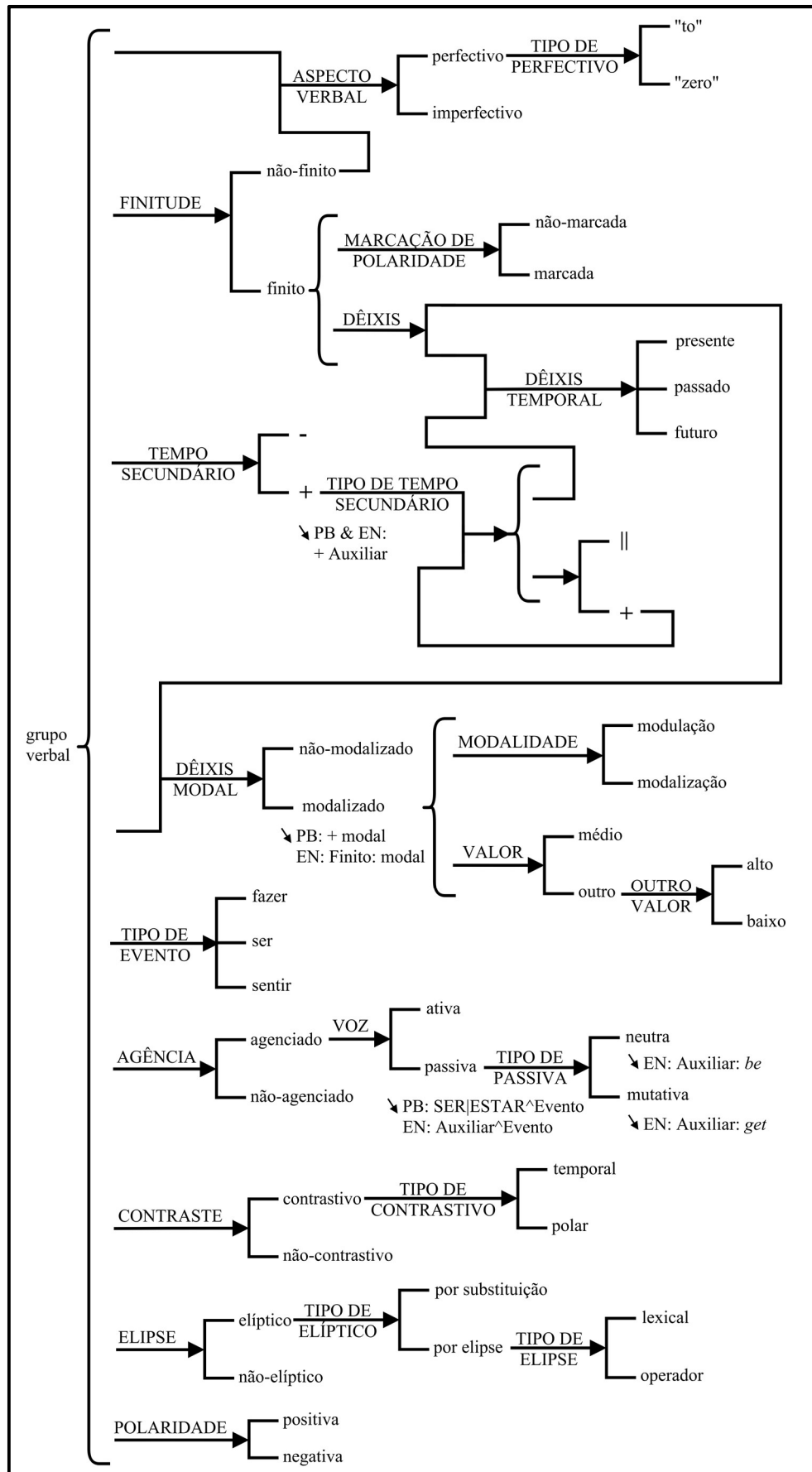


Figura 23 - Sistema multilíngue do grupo verbal

Além disso, Matthiessen (2001) explica que, uma vez que os sistemas linguísticos são sistemas semióticos do mesmo tipo (quarta ordem, superior), é possível encontrar pontos de contato entre os sistemas de diferentes línguas. Assim, é possível criar mapas que representem o contato entre os estratos lexicogramaticais de duas línguas (MATTHIESSEN, 2001, p. 66). Os sistemas multilíngues desenvolvidos nesta dissertação partilham da visão de Matthiessen (2001) e buscam corroborar as formulações do autor.

Portanto, esta dissertação contribui com os estudos descritivos da tradução ao apresentar um mapeamento do contato linguístico, possibilitando a investigação empírica do grupo verbal em português brasileiro em contato com o inglês (e, potencialmente, outras línguas).

Por fim, Toury (1995), ao definir os conceitos de unidade de tradução e formular uma metodologia de estudo descritivo da tradução, fala da necessidade de analisar segmentos dos textos fonte e alvo com o objetivo de definir as unidades de tradução. A contribuição desta dissertação, a partir da formulação de sistemas multilíngues para o verbo e o grupo verbal, é possibilitar a análise de unidades tradutórias em novas ordens da escala: as ordens da palavra e do grupo. Dessa forma, os resultados desta dissertação podem contribuir com os estudos descritivos da tradução ao permitir novas abordagens ao produto da tradução, principalmente no que tange à análise de unidades de tradução.

#### *Contribuição para os estudos aplicados*

Por fim, uma discussão dos resultados também pode ser feita em relação aos estudos aplicados da tradução. É possível afirmar que esta dissertação descreve o potencial de escolhas gramaticais disponível para os sistemas que organizam o grupo verbal em português brasileiro, assim como as escolhas disponíveis em um sistema multilíngue do contato deste com o inglês.

Diante disso, esta dissertação oferece recursos para o profissional da linguagem, seja na condição de linguista ou de tradutor, pois possibilita uma maior compreensão do potencial linguístico do grupo verbal em um ambiente multilíngue. Assim, os resultados desta dissertação podem contribuir com o desenvolvimento da formação de tradutores e outros profissionais da linguagem.

Nesse contexto, os recursos oferecidos por esta dissertação podem ser utilizados na formação de tradutores, no desenvolvimento de ferramentas de auxílio para o tradutor, e na própria atividade tradutória.

Além disso, os resultados desta dissertação também podem contribuir com futuras pesquisas em tradução que tenham como objeto de estudos o grupo verbal do português brasileiro em contato com outros sistemas. O caráter multilíngue da descrição realizada, tendo como base os estudos multilíngues (MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008), permite que a descrição do grupo verbal do português brasileiro e os sistemas multilíngues apresentados nesta dissertação contribuam com o arcabouço teórico e descritivo dos estudos multilíngues, possibilitando sua aplicação em diversas áreas que contribuem com essa área de estudos, como pesquisas relacionadas ao ensino de segunda língua, à tipologia e, principalmente, aos estudos da tradução.

## 5. CONCLUSÃO

Esta dissertação apresentou uma descrição sistêmico-funcional do grupo verbal orientada para os estudos da tradução. Isso é evidenciado desde sua introdução, com sua localização tanto em relação à teoria sistêmico-funcional quanto em relação ao campo disciplinar dos estudos da tradução.

Na introdução desta dissertação foram apresentados diversos trabalhos de descrição já realizados que em algum ponto trataram do verbo e/ou do grupo verbal em português brasileiro. Por não descreverem o grupo verbal a partir de uma perspectiva sistêmica, tais descrições não consideram princípios como as dimensões do eixo e a escala de ordens. Para a descrição sistêmica do grupo verbal, esta pesquisa lançou mão de diversos recursos teóricos (como as dimensões teóricas da estratificação e da escala de ordens) e descritivos (como as categorias teóricas de unidade e função e os recursos de manobra e matiz) da teoria sistêmico-funcional, tais como as dimensões da linguagem e seus princípios de organização (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; HALLIDAY, 2002). Dessa forma, a descrição relatada nesta dissertação oferece uma nova visão sobre o grupo verbal, sendo, portanto, uma contribuição inédita com a descrição do português brasileiro.

Além disso, esta pesquisa oferece uma contribuição para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro. O percurso descritivo desse sistema linguístico teve início com os trabalhos de Araújo (2007) e Figueredo (2007), que descreveram a dispersão gramatical do sistema semântico de PROJEÇÃO e a estrutura do grupo nominal, respectivamente, seguidos de Figueredo (2011), apresentando uma introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro e por Ferregueti (2014), com a descrição dos Processos existenciais. A pesquisa relatada nesta dissertação se apresenta como uma importante contribuição para a descrição do português brasileiro ao descrever fenômenos ainda não abordados nas descrições sistêmicas desta língua, a saber: o grupo verbal.

De forma um pouco mais específica, a contribuição desta pesquisa para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro reside no fato de buscar explicar, a partir da dimensão do sistema, a construção da experiência transitória da língua, abordando esse fenômeno nas ordens do morfema, da palavra e do grupo. Portanto, esta dissertação contribui com a descrição do sistema linguístico do português brasileiro pela identificação de classes de

morfema e verbo, das funções dessas classes no verbo e no grupo verbal e dos sistemas que organizam essas funções.

Além disso, esta descrição também contribui com a teoria sistêmico-funcional ao validar, nos termos de Popper, as dimensões e os princípios teóricos e as categorias teóricas de descrição. É possível afirmar que esta descrição falseou os fundamentos apresentados pela teoria, validando esses fundamentos por meio dos resultados alcançados.

Esta dissertação contribui igualmente com os estudos da tradução ao fundamentar esta descrição no conceito de estudos multilíngues, formulado por Matthiessen, Teruya e Wu (2008), mais especificamente orientada para este campo disciplinar.

Nesse sentido, esta dissertação contribui para o desenvolvimento de uma teoria de tradução ao apresentar dados linguísticos empíricos que podem fundamentar as conceituações teóricas do campo disciplinar, como demonstrado por Teich (2001). Assim, os resultados apresentados e discutidos nesta pesquisa partem de uma perspectiva linguística da tradução para a compreensão dos sistemas linguísticos envolvidos na tarefa tradutória.

É a partir dessa fundamentação teórica dentro do campo disciplinar que nesta dissertação são analisados os correspondentes formais (CATFORD, 1965) entre os sistemas do verbo e do grupo verbal do português brasileiro e do inglês. A partir desses correspondentes formais foram formulados sistemas multilíngues para o verbo e o grupo verbal no contato entre as duas línguas. Estes sistemas multilíngues constituem-se como uma importante contribuição para os estudos da tradução ao mapear os pontos de contato entre o português brasileiro e o inglês, permitindo compreender os recursos disponíveis para o tradutor em relação ao potencial de opções disponíveis para as unidades de tradução em relação ao grupo verbal.

Por fim, a descrição e a discussão dos resultados configuram-se como recursos importantes para o tradutor e o pesquisador da linguagem, pois podem ser utilizados para o treinamento de profissionais, para o desenvolvimento de ferramentas e tecnologias de auxílio, e para as próprias atividades tradutória e de pesquisa.

Diante disso, é possível retornar aos objetivos desta pesquisa e considerar que eles foram cumpridos, ainda que não esgote a discussão sobre o grupo verbal em português brasileiro.

Nesse sentido, é possível apresentar algumas sugestões para futuras pesquisas envolvendo o estudo do grupo verbal. Em relação à ordem da palavra, considera-se que ainda é necessário descrever os níveis mais delicados dos sistemas de TIPO DE EXPERIÊNCIA e de

MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, assim como descrever as classes de MI que constituem os chamados “verbos irregulares”, de forma a possibilitar uma compreensão mais abrangente dos sistemas que organizam o verbo. Além disso, em relação à ordem do grupo, é necessário descrever em níveis mais delicados os sistemas que organizam a estrutura do grupo verbal. E, por fim, é necessário um aprofundamento maior na descrição dos significados de tempo e aspecto realizados na ordem da oração, que foram abordados por Figueredo (2011) e nesta dissertação, mas ainda não foram estudados mais detidamente.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, C. **O sistema semântico de PROJEÇÃO e sua dispersão gramatical em português brasileiro: uma descrição sistêmico-funcional orientada para os estudos linguísticos da tradução**. Dissertação de Mestrado—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2007.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo, SP: Parábola, 2011.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIBER, D. Representativeness in Corpus Design. **Literary and Linguistic Computing**, v. 8, n. 4, p. 243–257, 1993.
- CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. Introduction - Systemic functional typology. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (Eds.). **Language typology: a functional perspective**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2004.
- CÂMARA JR., J. M. **Princípios de Linguística Geral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1964.
- CASTILHO, A. T. DE. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 12, n. 0, 1967.
- CASTILHO, A. T. DE. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2010.
- CATFORD, J. C. **A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics**. London: Oxford University Press, 1965.
- CATFORD, J. C. **Uma Teoria lingüística da tradução: um ensaio de lingüística aplicada**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 2008.
- CRUZ, O. **Harry Potter and the Chamber of Secrets e sua tradução para o português do Brasil: uma análise dos verbos de elocução com base na lingüística sistêmica e nos estudos de corpora**. Dissertação de Mestrado—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2003.
- CUNHA, C. F. DA; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DAVIES, M. **The Corpus of Contemporary American English: 520 million words, 1990-present**. Disponível em: <<http://corpus.byu.edu/coca/>>.
- FERRAREZI JUNIOR, C.; TELES, I. M. **Gramática do brasileiro: uma nova forma de entender a nossa língua**. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FERREGUETTI, K. **As orações existenciais em inglês e português brasileiro: um estudo baseado em corpus**. Dissertação de Mestrado—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2014.

FIGUEREDO, G. P. **Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos lingüísticos da tradução**. Dissertação de Mestrado—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2007.

FIGUEREDO, G. P. **Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2011.

FIGUEREDO, G. P. Uma descrição sistêmico-funcional dos marcadores discursivos avaliativos em português brasileiro: a gramática das Partículas Modais. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 59, n. 2, p. 281–308, 2015.

FIGUEREDO, G. P.; ARAÚJO, C.; PAGANO, A. **Principles underlying the experiential and the logical structures of the nominal group in Portuguese**. In: 19TH EUROPEAN SYSTEMIC FUNCTIONAL LINGUISTICS CONFERENCE AND WORKSHOP. Saarbrücken, 2008.

FIGUEREDO, G. P.; PAGANO, A. S. **Modeling the grammar of ASSESSMENT of casual conversation in Brazilian Portuguese: the design of a corpus to investigate language probabilities functioning in context**. Proceedings of the VIIth GSCP International Conference: Speech and Corpora. **Anais...** In: VIITH GSCP INTERNATIONAL CONFERENCE: SPEECH AND CORPORA. Firenze: Firenze University Press, 2012

FIGUEREDO, G. P.; PAGANO, A. S.; FERREGUETTI, K. Os sistemas textuais de focalização na organização funcional da gramática do Português Brasileiro. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 30, n. 2, p. 309–352, 2014.

FONSECA, A. DA; ARAGÃO, J. C. DE. **A língua portuguesa: Gramática**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning**. Baltimore: University Park Press, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. Language as system and language as instance: The corpus as a theoretical construct. In: SVARTVIK, J. (Ed.). **Directions in Corpus Linguistics - Proceedings of Nobel Symposium 82**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1992. p. 61–77.

HALLIDAY, M. A. K. **On grammar**. London; New York: Continuum, 2002.

HALLIDAY, M. A. K. **On language and linguistics**. London: Continuum, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. **Computational and quantitative studies**. London; New York: Continuum, 2005.

HALLIDAY, M. A. K. Methods – techniques – problems. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. (Eds.). **Continuum companion to systemic functional linguistics**. London; New York: Continuum, 2009. p. 59–86.

- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition**. London: Continuum, 1999.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar**. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4. ed. Milton Park, Abingdon, Oxon: Routledge, 2014.
- HALLIDAY, M. A. K.; MCINTOSH, A.; STREVEN, P. **The linguistic sciences and language teaching**. London: Longmans, 1964.
- HERKE-COUCHMAN, M. **SFL, corpus and the consumer: an exploration of theoretical and technological potential**. Tese (Doutorado em Linguística)—Sidney: Macquarie University. Department of Linguistics, 2006.
- HOLMES, J. S. **The name and nature of translation studies**. In: THIRD INTERNATIONAL CONGRESS OF APPLIED LINGUISTICS. Copenhagen, 1972.
- HOLMES, J. S. The name and nature of translation studies. In: VENUTI, L. (Ed.). **The translation studies reader**. 2nd. ed. New York: Routledge, 2004.
- HUME, D. **Philosophical Essays Concerning Human Understanding**. London: A. Millar, 1748.
- JESUS, S. M. **Representação do discurso e tradução: padrões de textualização em corpora paralelo e comparável**. Dissertação de Mestrado—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2004.
- LEHRER, A. Prefixes in English Word Formation. **Folia Linguistica**, v. 29, n. 1–2, p. 133–148, 2009.
- MALMKJÆR, K. **Linguistics and the language of translation**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation: Appraisal in English**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.
- MATTHIESSEN, C. M. The environments of translation. In: STEINER, E.; YALLOP, C. (Eds.). **Beyond content: exploring translation and multilingual text**. Berlin: de Gruyter, 2001. p. 41–124.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Lexicogrammatical cartography: English systems**. Tokyo: International Language Sciences Publishing, 1995.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M.; HALLIDAY, M. A. K. **Systemic Functional Grammar: A First Step Into the Theory**. Beijing: Higher Education Press, 2009.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; LAM, M. **Key terms in systemic functional linguistics**. London ; New York: Continuum, 2010.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; WU, C. Multilingual studies as a multi-dimensional space of interconnected language studies. In: WEBSTER, J. (Ed.). . **Meaning in context: implementing intelligent applications of language studies**. London & New York: Bloomsbury Publishing, 2008. p. 146–220.

MUNDAY, J. **Introducing translation studies: theories and applications**. 2. ed. London: Routledge, 2008.

NEVES, M. H. DE M. **Gramática de usos do português**. 2a. ed. atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa ed. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2011.

NOGUEIRA, R. DE S. **Dicionário de verbos portugueses conjugados**. 3. ed. Lisboa: Clássica Editora, 1963.

PAGANO, A. S. A linguagem na construção das práticas educativas nas ciências da saúde. In: TORRES, H. DE C.; REIS, I. A.; PAGANO, A. S. (Eds.). . **Empoderamento do pesquisador nas ciências da saúde**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2015. p. 19–36.

PAGANO, A. S.; FIGUEREDO, G. P. Gramaticalização da dor em português e espanhol: uma abordagem comparada com subsídios da linguística de córpus e da linguística sistêmico-funcional. In: VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. (Eds.). . **Corpora no ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: Hub Editorial, 2011. p. 269–300.

PAGANO, A. S.; SÁ, A. DE M.; FERREGUETTI, K. A equivalência tradutória de Partículas Modais: um estudo baseado em corpus. **LETRAS & LETRAS**, v. 30, n. 2, p. 322–348, 2014.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. Explorando interfaces: estudos da tradução, lingüística sistêmico-funcional e lingüística de corpus. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C. M.; ALVES, F. (Eds.). . **Competências em Tradução: Cognição e Discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PERINI, M. A. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola, 2008.

PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. Sao Paulo: Parábola, 2010.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução Leônidas Hegenberg; Octanny Silveira Da Mota. São Paulo: Cultrix, 2001.

R CORE TEAM. **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2015.

RODRIGUES, R. **A organização temática em “A hora da estrela” e “The hour of the star”**. Dissertação de Mestrado—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2005.

SAGER, J. C. **Language Engineering and Translation: Consequences of automation**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1994. v. 1

SARDINHA, T. B. Lingüística de Corpus: histórico e problemática. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 16, n. 2, p. 323–367, 2000.

SCOTT, M. **WordSmith Tools**. Stroud: Lexical Analysis Software Ltd., 2015.

SINCLAIR, J. **Corpus, concordance, collocation**. Oxford: Oxford Univ. Press, 1991.

SINCLAIR, J. M. **Trust the text: language, corpus and discourse**. London ; New York, N.Y: Routledge, 2004.

STEINER, E. Halliday and translation theory - enhancing the options, broadening the range, and keeping the ground. In: HASAN, R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; WEBSTER, J. (Eds.). . **Continuing discourse on language: a functional perspective**. London; Oakville: Equinox, 2005. p. 481–500.

TEICH, E. Towards a model for the description of crosslinguistic divergence and commonality in translation. In: STEINER, E.; YALLOP, C. (Eds.). . **Exploring translation and multilingual text production: beyond content**. Text, translation, computational processing. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 191–227.

TOURY, G. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam: Benjamins, 1995.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. Tese (Doutorado em Lingüística)—Belo Horizonte: Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, 1991.

VINAY, J.-P.; DARBELNET, J. **Comparative Stylistics of French and English: A methodology for translation**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995. v. 11

WU, C. Corpus-based research. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. (Eds.). . **Continuum companion to systemic functional linguistics**. London ; New York: Continuum, 2009. p. 128–142.